

ARTUR EDUARDO BENEVIDES,  
Príncipe dos Poetas Cearenses.

Trovador pacatubano, como se autodefine, Artur Eduardo Benevides expressa sua versatilidade estilística em poemas que percorrem desde a mais rigorosa disciplina métrica até as formas de maior liberdade criativa. Sonetista emérito, como deve ser todo poeta, e não menos eloqüente na desenvoltura do verso de metro livre, seus temas são retratados com passionalidade, com a exacerbada confissão do lirismo arrebatado que nos envolve em emotividade. Espírito aristocrático, herdado da família de tradição oligárquica, alma irrequieta e gracejadora, aprendida na arte poética e nos embates da vida, poeta de insofismável talento, Artur é uma das personalidades mais carismáticas entre os criadores da palavra.

O ambiente de respeito as tradições formou-lhe a personalidade. Dizem as crônicas da família que, tendo sido o décimo sexto filho, a sua mãe que já estava com a idade não adequada para o parto, chorava quando ficou grávida e seu pai a consolava: "quem sabe se esse menino não vai lhe dar alegrias?"

Diz ele que a vocação poética despontou aos nove anos de idade, ainda quando estudava no educandário Santa Teresinha. A professora notara-lhe o belo timbre de voz, e o mandava declamar poemas nas reuniões de professores e pais de alunos. Artur saudava os visitantes, discursando em cima de uma lata de querosene usada como púlpito. E agradava. A platéia batia palmas. Assim foi memorizando e recitando os principais parnasianos e simbolistas, sentindo-se cada dia mais enamorado da Poesia. Sentiu que sempre seria fiel ao gênero literário que lhe encanta. Acredita que a poesia pode unir a humanidade num grande abraço para que cantemos juntos, de mãos dadas, em louvor da fraternidade e da esperança. "O que está faltando aos homens do nosso tempo, em última análise, é um pouco mais de Poesia que os reencaminhe pela estrada de Damasco dos sonhos que não morrem, já que a alma humana necessita urgentemente de novos horizontes".

Sua infância foi feliz, contrariando o que pensava Hemingway, para quem a infância infeliz seria determinante para o futuro de qualquer escritor. Sua recordação da infância em Pacatuba é azul e suave, como os olhares das meninas daqueles tempos, cuja nostalgia se reflete em sua poesia. O poema "Momento à Sombra da Aratanha", do livro A Noite em Babilônia, evoca as meninas que passavam carregando a tarde e a vida. Nessa imagem idílica, atravessando as pontes do tempo, recolheu a dor que se transformou no canto: "a dor que em mim acendeu candelabros de poesia". Na inspiração de outro momento, escreveu: "minha infância me contemplá/la onde os verbos são verdes/como as planícies e as lendas/brilhando imóveis ao sol".

Criado pelos pais nos padrões do catolicismo, decepcionou a expectativa de sua mãe, que o mandara a Fortaleza para ordenar-se padre. Naquele tempo era questão de honra ter-se um padre na família. Como nenhum de seus irmãos quis vestir batina, sua mãe decidiu que Artur seria o clérigo dos Benevides. Já lhe havia ensinado a ler a missa com o padre de Pacatuba e o poeta chegara a Fortaleza com todo o enxoval do seminário. Mas os primos o levaram para as quermesses da Praça da Lagoinha, animadas pela banda de música da Marinha, que tocava valsas, dobrados e canções

românticas e uma morena, com quem simpatizou, acabou-lhe a vocação de padre, que alias já não existia. Malogrou-se o projeto sacerdotal, mas a Poesia ganhou adepto dos mais devotos. O poeta, contudo, ao escapar da disciplina eclesiástica, caiu nos laços do amor. Correu ao pai e disse que não queria ser padre. O pai, Major da Guarda Nacional do Império, com farda e espada e patente comprada, como era de costume na aristocracia rural decadente, sorriu discretamente e disse: “isso são coisas de sua mãe. Mas se você não quer ser padre nem frade, o que vai ser?” Tinha de escolher uma das três Faculdades que havia naquele tempo: Direito, Odontologia e Agronomia. Entre arrancar dente e plantar batata, preferiu a Faculdade de Direito.

Somente quando cursava a Faculdade de Direito é que publicou no jornal Unitário o primeiro poema. Se a recusa ao sacerdócio decepcionou a mãe, a publicação dos poemas contrariou o pai. O seu pai pensava, como muita gente no século passado, que todo poeta tinha de ser necessariamente marginal. Perguntou-lhe: foi pra isso que você veio pra Fortaleza? Pra ser poeta? Ele explicou que os poetas já não eram vagabundos e boêmios. De fato, seu pai tinha razão em desconfiar dos poetas, pois nos tempos áureos da aristocracia rural os rapazes do interior vinham freqüentar os salões da Capital, dizer galanteios, escrever sonetos às moças e morrer tuberculosos. Tempos depois Artur veio a descobrir que o pai recortava nos jornais e guardava em álbuns o que se publicava a seu respeito.

Sua convicção de que o conhecimento do verso é fundamental para o discernimento do espírito o leva a afirmar que quem tem alguma sensibilidade não pode deixar de ler Rimbaud, Malarmé, Walt Whitman, Fernando Pessoa e Rilke. Lamenta que já não se leia literatura como outrora. Já pouca gente conhece bem o próprio idioma. A televisão está cheia de erros de concordância e as escolas já não ensinam latim, nem grego, línguas que facilitavam o aprendizado do vernáculo. Hoje em dia deixaram só o inglês no processo de aprendizado. Lembra que, quando dirigia o jornal O Nordeste, tinha de publicar o texto das missas com o latim acentuado. Se não colocasse os acentos muitos padres leriam tudo errado. Quando publicou o livro sobre o Santo Graal e a Literatura Fantástica na Idade Média, foi convidado a proferir palestra num colégio e os alunos não sabiam que santo era esse, não conheciam a lenda dos Cavaleiros da Távola Redonda, que se reuniam para encontrar o Santo Graal e pregar a virtude e o respeito as donzelas. Os estudantes ouviram perplexos que o Santo Graal era a taça em que José de Arimatéia recolhera, no Calvário, o sangue de Jesus. E que a Távola Redonda foi o primeiro ensaio de democracia do mundo, porque o rei não presidia. A mesa era redonda e todos tinham o mesmo direito de voz e de voto.

A inspiração tem sido constante na vida de Artur Eduardo Benevides, que tem publicado mais de um livro por ano. Chega a passar dois ou três meses sem escrever, mas quando inspirado, escreve a noite toda, até as primeiras horas da manhã e nesse ritmo já publicou mais de 20 livros de poemas, outro tanto de ensaios e um de contos. Declara que não envelheceu para a literatura nem para a vida espiritual. Continua a ter os mesmos sonhos, o mesmo amor, a apaixonar-se por mulheres, por uma mulher de forma especial, que substituiu de maneira maravilhosa o seu primeiro casamento, pois se tornou viúvo e hoje se sente feliz com a nova musa. Tem feito da poesia uma filosofia de vida e faria com igual dignidade a mesma coisa se lhe fora dado recomeçar

a existência. “A poesia nos salva de nos mesmos e nos devolve a graça de reamanhecer”.

Escreve em todas as formas como quem semeia em diferentes canteiros. Sua poesia já foi chamada de neo-romântica, mas ele a considera essencialista. Um jardim com diversas espécies de flores pode ser mais belo que um onde se cultive apenas uma espécie. Mas o que vale é o talento, a voz própria para transmitir as verdades essenciais. “Essencial é o que levita sobre nós sem apodrecer”. Apesar de não fazer diferença entre os metros antigos e modernos, Artur acredita ser importante o cultivo dos temas eternos, a noite, o mar, o tempo, o ser, a solidão, a rosa, o efêmero, o eterno, a tarde, as viagens, essas coisas que não envelhecem. Acredita que os temas circunstanciais não acrescentam grande coisa a obra de um poeta. Isso desde Homero, onde começa tudo. O velho bardo e rapsodo construiu os seus dois grandes poemas a partir das histórias do povo, das rapsódias gregas. Insistindo e persistindo na poesia, Artur recebeu prêmios em diversos Estados brasileiros. Os aplausos lhe chegaram no momento certo, conquistados ao longo de 60 anos de carreira literária. Não precisou competir. As coisas vieram porque as mereceu. Quando entrou na Academia Cearense de Letras, graças a Henriqueta Galeno, já fazia parte do grupo Clã, grêmio literário de vanguarda, formado por escritores como Moreira Campos, Milton Dias, Eduardo Campos, Fran Martins, Otacílio Colares, Mozart Soriano Aderaldo, João Clímaco Bezerra, Aluízio Medeiros.

Quando alguns amigos escreveram contra Henriqueta Galeno, criticando as reuniões da Casa de Juvenal Galeno, que ela mantinha com o propósito de perpetuar o nome do grande poeta que foi seu pai, Artur escreveu em sua defesa. Declarou que considerava razoável que criticassem o espírito de orientação da Casa de Juvenal Galeno, as declamações, etc, mas não permitiria ferinas invectivas contra uma senhora digna e ilustre, que mantinha com sacrifício inaudito uma casa de cultura, coisa raríssima no Ceará. E ela estava cultuando a memória do pai dela, o bardo Juvenal, que somente ele e Sidney Neto foram bardos no Ceará, porque cantaram as coisas heróicas da terra cearense, os jangadeiros, os pelejadores do sertão, os vaqueiros. E Henriqueta mantinha esse fogo sagrado. Ela não lhe agradeceu o apoio. Mas dois ou três anos depois, quando se resolveu uma briga entre a Academia Cearense de Letras e os dissidentes da Academia de Letras do Ceará, de efêmera duração, na reunião das duas Academias havia que preencher nove vagas, uma das quais foi entregue a Henriqueta Galeno para indicar o nome. Em casa, a noite, Artur recebe um telefonema: “Artur Eduardo, chegou a hora de lhe agradecer”. E ele: “agradecer o quê?” “Agradecer o artigo que você publicou me defendendo há três anos”. Já nem se lembrava do assunto. E Henriqueta insistiu -- você não se lembra, mas nunca saiu da minha lembrança. E outra coisa: não lhe telefonei para a gente falar sobre isso não. Você já é membro da Academia Cearense de Letras. Foi eleito agora a tarde por unanimidade, na nova composição que fizemos das duas Academias. Assim Artur ingressou na Academia da qual hoje é Presidente. Sabia que seria eleito um dia. Mas não há tanto tempo.

Quanto a sua índole de poeta, Artur confessa-se “terrivelmente passional”, capaz de entrar em guerra em defesa dos seus direitos e pelos direitos dos necessitados. E também de chorar ouvindo a “Ária para a corda de sol” de Johan Sebastian Bach, a

“Patética” de Tchaikovski, “La Catedral Engloutie” de Debussy e o “Coro dos Escravos Hebreus” de Verdi. Ou então as velhas valsas de outrora, a louvar o perdido amor. A tendência romântica vem de sua formação espiritual. Foi profundamente marcado pelo ambiente de amor de seus familiares. O afeto e o respeito que vivenciou no âmbito da família lhe proporcionaram um mar de amor. Também vem do berço o entusiasmo com que se dedica as coisas de que gosta. Quando se lança numa empreitada é pra valer, consagra-se de todo coração a qualquer projeto que idealize. Mas quando escreve, tem a paciência de esperar. Escreve um livro e bota na gaveta. Relê e revisa os originais durante vários meses até aprimorar todas as palavras e só então leva o material para publicar. Admiro a capacidade de Artur conciliar o seu interesse pela vida social com a atividade intelectual, que considera a coisa mais importante da sua vida. E tem a esperança de ser recordado entre os poetas brasileiros. “Quem sabe quando eu me for para a outra dimensão alguns poemas meus fiquem aí, mesmo alguns versos, e ficará um pouco de mim no mundo e eu não me acabarei de todo”.

A poesia verdadeiramente bela toca o coração do leitor. Se ao passarmos a página nada sentirmos, é que a poesia não valeu. A leitura do poema também merece o maior destaque. A correta leitura engrandece o poema e é preciso lê-lo de acordo com a música interior, o seu ritmo. O poema tem uma espécie respiração própria, exige uma técnica que não é tão simples. Como diria Rilke: a poesia exige sangue, suor e lágrimas. Damos a ela toda a nossa vida pra que ela nos dê um pouco da sua.

Acredita que a questão da educação no Brasil é um fenômeno arraigado, que tem prejudicado o desenvolvimento do país. Se o povo não lê, é um problema de cultura. Certa ocasião, quando visitou a Sorbone, o seu amigo, professor Raymond Cantel disse-lhe que na França a primeira edição de um autor estreante nunca é inferior a 50 mil volumes. O autor consagrado tira 500 mil. Quando o professor Cantel perguntou-lhe quantos exemplares tiram no Brasil, Artur pensou constrangido que no Ceará às vezes se fazem edições de 300 livros, mas respondeu: 5 mil. E o professor Cantel: Só? Contudo, Paulo Coelho vendeu um milhão de exemplares em Paris. Ganhou uma fortuna. No Ceará só se vendem livros no lançamento. Mas a sua obra tem sido uma exceção. Atualmente vende de 200 a 250 exemplares em cada lançamento. Mas não lhe importa o que vende ou o que deixa de vender. Haja o que houver, está consciente de que continuará na juventude de seus sonhos, escrevendo poemas cada vez melhores, evoluindo sempre pelo amadurecimento da experiência de vida e de linguagem. Essa determinação em devotar-se à arte da palavra se confirma em muitos de seus versos, como nestes: "O que vale, no Cavaleiro, não é o seu destino de guerreiro imaginário. O que nele, invisível, vale -- é o sonho." (Dom Quixote).

Sua poesia de tonus metafísico, alegórico, não descritivo, reveste-se do intemporal e valoriza o mais possível a linguagem poética. É fundamental dizer tudo em poucas palavras. Artur lembra que, num de seus primeiros livros, escreveu despretenciosamente o poema "O Morto na Praia", que quase não entrava na coletânea. No entanto, o grande poeta pernambucano Mauro Mota o considerou monumental. Disse num artigo que adotara o opúsculo como seu livro de cabeceira, sobretudo por causa daquele poema.

Dentre os temas eternos de que se nutre sua poesia, além do mar, que será objeto de estudo em separado neste meu ensaio, os mais recorrentes parecem ser o amor romântico e transcendental e a fraternidade dos poetas. Por isso louva o amor como fundamento da própria vida. Como diz num belo soneto: “se pões o amor de lado nada fica,/ pois vive na tua alma e no teu sangue/ em sua ausência o ser se torna exangue/ e tudo ao seu redor se modifica”. Tem também em alta conta o amor fraterno, que aparece em sua poesia na forma de poemas dedicados a amigos poetas, que homenageia, louvando-lhes os aspectos relevantes da arte e as suas características humanas. Entre dezenas de poemas em que rendeu homenagens, destaco o bellissimo texto que escreveu a respeito de Ascendino Leite, chamando-o de santo. Extravasando o generoso coração de poeta, que transborda de afeição e apreço, assim se refere a Ascendino Leite: “um sábio, cuja palavra de mestre peregrino/ajuda-nos a suportar nosso invisível pranto/. Acho que vi pela primeira vez um santo” Sente-se que o encontro dos dois amigos propiciou perfeita interação de duas almas irmãs, comungando o ágape da amizade, cantando no mesmo diapasão, dialogando em idêntica expressão de alumbramento: “Disse-me cousas tão maravilhosas/ que ficamos a recitar versos sobre rosas./ Depois, abriu a mão/e caíram na sala gemas de canção”./ O poeta fez daquela visita circunstancial ao amigo um evento metafísico: “sorrindo, ofereceu-me as cores do arco-íris,/dizendo-me: por onde se guias/escreve com elas. Então, entreabriu as janelas/ e mesmo tarde já sendo,/ percebemos a manha nascendo.”/ Homenagear os amigos pelos quais tem afeição e sente afinidades é algo altamente cristão. Além disso, é uma forma de valorizar os elementos com que o poeta trabalha. O ser humano deve ser ainda mais valorizado entre esses elementos. A flor, a noite, o fim da tarde, o plenilúnio, o amanhecer são presentes de Deus e nos cabe o louvor do agradecimento. Mas eles nascem belos por natureza. No entanto, melhor ainda é louvar o ser humano, tentando fixar num momento de beleza o que haja de mais importante e transcendental no espírito dele. São coisas rápidas que vêm à memória, um gesto que se amplia em poesia. Nesse mundo da máquina, temos que valorizar cada vez mais o ser humano. E assim, quando escrevemos sobre os poetas que amamos e admiramos, podemos torná-los ainda maiores.

Samuel Penido o chamou num artigo de neo-romântico. E num certo sentido tem razão. O romântico é o homem que engradece o ser e a vida. Um realista ve os índios pobres e tristes. José de Alencar os mostra heróicos, belos, corajosos. Se a realidade é pobre, cabe à poesia enriquecê-la. Em seu delírio romântico, Artur dedicou poemas a atrizes de cinema, cantando-lhes a beleza com exacerbado amor platônico. Capaz de amar pessoas que jamais viu, louva em versos o encanto de Catherine Deneuve, de Jacqueline Bisset e de Cristiane Torloni. Desse modo, enaltece em hinos a beleza em si. Disse-me que o poema sobre Catherine Deneuve, como outros que escreveu, nasceu de um processo mediúnico. Debaxo do ceu ha muita coisa que a nossa filosofia não alcança. No dia em que o escreveu, acordou as 2 horas da manh, foi quase sonâmbulo para o gabinete a fim de registrar a súbita e onírica inspiração. “De nuvens me habitei”, declara num verso.

Em seu romantismo inveterado, sem ser anacrônico, Artur reveste de discurso novo os temas eternos. Num ajuste de contas com a própria vida, declara, no tom

testamental do poema “Contemplação do Final do Outono”: “Deixarei para os que me amam/ a esperança de que nunca hei de perdê-los./ Mas, para os que me ferem ou me enganam,/lego a rocha fatal dos pesadelos./” No mesmo poema, confessa que a poesia é sua tábua de salvação, seu remate de males, a essência redentora do espírito. “O poema me salvou. Foi luz sobre amuradas,/ avistadas, de longe, pelas cavalgadas”./ Na virtude visionária, pegureiro do encantatório, encontra conforto para a alma em desalento. Depura-se na ascese do êxtase e sagra-se com o galardão do amor: “Em minha longa aventura,/ a alma procurou ficar menos impura/para poder escrever um frágil vilancete/ou escutar em silêncio solos de clarinete./ Em tom solene, devoto, contempla a senda mística e veste a clâmide da contrição, entregue ao regaço confortador da fé: “Por ora, ainda não é o dia./ Repitamos os salmos da Poesia./ Depois, vencido o sono, veremos o Trono./E tudo seja feito em louvor do nome do Senhor,/nosso único Pastor, a Porta das Ovelhas,/Aquele a nos salvar das mais letais centelhas/ que criam em nossa alma interminável dor”./

Artur falou-me dos sonhos premonitórios que tem. Neles vê as pessoas todas de branco, símbolo de paz. Tem sido visitado por pensamentos ou sentimentos em que de repente se arrepia, como se sentisse a presença de alguém perto de si. Consultou um médium, que lhe confirmou o dom da mediunidade e a sua capacidade de atrair a presença de bons espíritos. Não se interessa em desenvolver esse dom, mas acha que às vezes faz psicografia pura. Essa experiência é um fato inegável, irretorquível. Existe alguma coisa além de nós. Não somos iguais aos vermes e aos outros animais. Somos seres capazes de conviver com a presença sutil de entidades benfazejas e anjos que nos inspiram, tal como aludem alguns doutores da Igreja, os mestres de escolas esotéricas, o Mahatma Gandhi e até os muçulmanos. Mandados por Deus, esses seres benfazejos nos vem ajudar e salvar. Todas as religiões lhe inspiram respeito, porque levam ao mesmo destino, que é a procura do Ser Supremo. Talvez por processos ou formas discutíveis, em todas a tendência é a procura dessa Luz puríssima, Luz das luzes, que derrama o resplendor que nos chega em partículas a consciência, ao espírito, sobretudo quando estamos dormindo ou já despertando. E de repente recebemos o poema e temos de correr pra escrevê-lo. “Às vezes você não está nem pensando em escrever e quando lê uma palavra de um grande poeta, parte para um poema seu”.

Ao comentar a intuição ativa como característica mística de sua personalidade, diz que quando pensa uma coisa, ou a coisa está acontecendo ou vai acontecer. A esse propósito, narrou-me um episódio ocorrido numa aula, na Faculdade de Letras. Quando estava escrevendo o resumo da aula, viu uma menina triste, sentada em frente, perto do quadro verde. De repente Artur levantou o giz e disse: “olhe, isso que você está pensando não vai dar certo. Há mais duas soluções”. Quando saíram os outros alunos, a menina o procurou e disse: “professor, pelo amor de Deus, o senhor acaba de me salvar”. De quê? Perguntou ele. “Aquele negócio que o senhor disse.” “O que foi que eu disse?” A moça confessou que estava pensando em suicidar-se e foi salva pela orientação transmitida por suas palavras. Não sabia como recebera, num lampejo divinatório, o pensamento da aluna. Talvez porque estivesse tão perto dela percebeu-lhe as idéias na forma de mensagem premonitória. Aconselhou-a a procurar a família, ou uma psicóloga, ou procurar o namorado ou escrever o que estava sentindo,

para de algum modo exorcizar o mau pensamento. Ao fim da conversa, a estudante saiu agradecida, com a inspiração que lhe dera o poeta, contente de haver encontrado um lume de clarividência e confiança. A inspiração existe por mais que os estruturalistas procurem negar. A palavra vem da centelha divina, que vem do Alto, da mesma força sobrenatural que inspirou os escritores dos Evangelhos. A Bíblia, esse livro fantástico, é uma obra eminentemente poética. Moisés abriu o Mar Vermelho ao bater o seu cajado no chão. Quando os israelitas se salvaram, o exército egípcio que vinha atrás foi tragado pelas águas que se fecharam. Tempos depois alguém quis dizer que fora um cometa passando próximo à Terra. Josué mandou parar o sol. Há um poder muito alto, acima de nós, do qual recebemos às vezes algumas centelhas e devemos ser muito gratos por isso. A poesia é uma dessas coisas. Há uma dimensão muito maior e mais bela do que esta em que nos encontramos, e deve ser uma coisa poética, incomparável, onde tudo é paz, sossego, fraternidade.

A poesia tem ascendência sobre os outros gêneros porque diz as coisas com beleza e com grandeza. Como disse Jacques Maritain, a poesia não está só no verso, é o espírito de toda obra de arte. A literatura, surgida na noite dos séculos, fundou as velhas civilizações assírio-babilônica, hebréia, egípcia, persa, chinesa e hindu. Foi dos poemas de Homero que nasceu o romance. A literatura preserva a memória dos povos. São os poetas e escritores que dão nome à sua terra e à sua gente. Assim, Portugal é Camões, Fernando Pessoa e Eça de Queiroz, a Grécia é Homero, Sófocles e Platão, o Ceará é conhecido no Brasil como a terra de Alencar.

A Poesia tem a capacidade de transformar a verdade em beleza e a beleza em verdade. “A poesia é a relva da verdade. O argênteo teorema. O adágio das sombras”. Na glorificação dos grandes temas e sentimentos humanos, há que usar, porém, de parcimônia vocabular. É necessário ter cuidado com a influência nociva da televisão e do rádio. Não se trata de mulher nua ou falsa moral, mas da língua portuguesa. Literatura se faz com conhecimento da língua, cultura, autenticidade, sobriedade. Como pregava Heidegger, a obra literária deve conter a verdade sob o eterno disfarce da beleza. Ou o manto diáfano da fantasia, como queria Eça de Queiroz. Há que administrar o texto, evitando a imagística sem brilho e a retórica infecunda. No entanto, as cousas reais como temas são quase sempre pobres. A Poesia as enriquece e transfigura pela linguagem, para que elas possam penetrar no Eterno. Não esqueçamos as palavras de Baudelaire: “soit toujours poète, même en prose”. O verso é o receptáculo da verdade transcendente. Na introdução do seu livro ensaios Evolução da Poesia e do Romance Cearenses, Artur qualifica a poesia, em sua dimensão espiritual e cultural, como “a linguagem inicial e triunfal dos povos”. Ao longo do processo cultural e histórico da humanidade, a poesia é a “linguagem natural dos alumbramentos, das descobertas, das iluminações interiores, das adoracões, das evocações, dos êxtases e das alegorias”.

Para ilustrar a sua tese, o poeta cita um adágio popular. Conta-se que três operários estavam a trabalhar. Ao primeiro indagou alguém: que fazes tu aí? E a resposta foi sumária: “trabalhando”. Já o segundo respondeu, “ganhando dinheiro pra sustentar a família”. Mas o terceiro disse: “que faço eu? O senhor não vê? Estou construindo uma catedral”. Era o poeta do grupo, o que pôe em tudo o que faz um

pouco de sua alma. No filme “A Noviça Rebelde”, na cena em que as irmãs perguntam à reverenda madre o que fazer com Maria, sempre a cantar pelos campos na hora das preces, chegando com atraso à igreja, recebem esta sábia resposta: como se pode segurar uma nuvem? Como prender o luar em nossa mão? Nesse momento, Artur proclama, entusiasticamente: “Grande missão a do poeta! Recriar o céu do poema e às vezes oferecer por engano o arco-íris à mulher amada”. A história de Jacó, Labão, Lia e Raquel, por exemplo, que parecia adormecida na Bíblia, ficou mais eterna depois do soneto de Camões. Na trova, forma mais diminuta de poesia, que tem origem culta na Idade Média, há coisas lindas. Cita, de autor anônimo: “No ventre da virgem mãe/ encarnou divina graça./ Entrou e saiu por ela/ como o sol pela vidraça”. Outra, encontrada por Sílvio Romero no interior de Minas Gerais: “eu quis matar as saudades/ e tanto tempo levei/ que hoje sinto saudades/ das saudades que eu matei”. Também esta, da poetisa Nídia Martins, de Nova Friburgo: se um dia tu quiseses/ ser meu senhor e meu rei/, serei todas as mulheres/ na mulher que te darei. E de Aparício Fernandes, do Rio Grande do Norte: “parti do norte chorando./ Que coisa triste, meu Deus!/ Eu vi o mar soluçando/ e os coqueirais dando adeus”./ De Anis Murad: “Maria, só por maldade,/ deixou-me a casa vazia./ Dentro da casa a saudade/ e na saudade, Maria”. De Noel Rosa: luto preto é vaidade/ neste funeral de amor./ O meu luto é a saudade/ e saudade não tem cor”. Ou esta, do próprio Artur: “como é cheio de verdade/ este amor que me consome!/ Quis por num verso: saudade,/ mas escrevi o teu nome”. A poesia tanto está na expressão erudita quanto nos poetas populares que não sabem nem ler e nem mesmo escrever. Veja-se o que o cantador Antonio Pereira disse da saudade: “A saudade é um parafuso,/ que na rosca quando cai,/ só entra se for torcendo,/ porque batendo não vai./ E se enferrujar por dentro/ pode quebrar mas não sai./ Quem quiser plantar saudade/ primeiro escalde a semente,/ depois plante em chão bem seco/ onde bata o sol mais quente,/ pois se plantar no molhado,/ quando nascer mata a gente”. Os poetas populares dizem coisas que não sabemos dizer. Um cantador numa peleja que durou dois dias, já morto de cansado, perguntou ao outro: o que é que neste mundo o homem vê e Deus não vê? E o outro, tranquilamente peneirou a viola: “cantador, teus ameaço/ eu num troco pulos meus/, um homem vê outro homem/ mas Deus num vê outro Deus”. Os poetas eruditos, se fossem dizer isso, levariam uma semana pensando, mas o repentista diz na hora.

Engraçados são também os versos de Zé Limeira, da Paraíba, que dizem que não existiu, que foi uma criação de Orlando Tejo. Atrevido com era, fez as seguintes versos: cantador pra cantar com Limeirinha,/ deve andar muito bem apulumado,/ ter um taco de chifre de veado,/ e saber decorada a ladainha;/ conservar uma pena de andorinha/ e cavar sempre fundo no quintal/ e depois que engrossar o pau da venta/ beber leite de peito de jumenta/ etecetra pei bufo e coisa e tal”. Tem outro que diz assim: “um dia Augusto dos Anjos, junto com São João da Barra, foram fazer uma farra e tiveram um desarranjo”. Tudo é poesia desde que o poeta possua a força de transfiguração. Que beleza em Dolores Durand, quando fala na alegria de um barco voltando? Ou na paz de uma criança dormindo? E Lupicínio Rodrigues, compositor mulato do Rio Grande do Sul, que diz para a sua amada: teus olhos iluminam mais a sala do que a luz do refletor. De Volta Seca, ex-cangaceiro de Lampião, que se meteu a



fazer poesia na cadeia e escreveu: “se eu soubesse que chorando/ empato a tua viagem,/ meus olhos eram dois rios/ que não te davam passagem”. Ao citar esses versos em conferência proferida no Instituto Brasil-Estados Unidos, IBEU, onde recebeu homenagem pelos seus 57 anos de poesia, fez o auditório cantar com ele essas modinhas que guardam em seus versos grande sentido poético. E ao final declarou: “O anjo da poesia quando põe as suas asas sobre alguém, deixa a beleza”. E ao falar de sua missão de poeta, afirma em tom imperecível: "Cantar – eis a forma de cumprir-me. Afinal, a palavra é o meu ofício, minha mineração, meu testemunho, meu difícil e amplo compromisso”.

Cantou, ao recordar uma ciranda de Recife. Explicou como são as cirandas cantadas lá em Olinda. Elas chegam a reunir duas mil pessoas na praia, rodando e cantando. Pessoas ilustres ou pobres, todas de mãos dadas. E Artur entrou na roda, levado por amigos. Citou então esses versos que cantaram naquela ocasião: “ vim do Recife e um rapaz me perguntou/ se na ciranda em que vou/ tem muita morena./ Eu disse tem/ muita morena mulata,/ dessas que a morte mata/ e depois chora com pena”. Lembra ainda a canção de Nelson Cavaquinho, quando pede, “tira o teu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha dor”. A poesia é algo mágico, põe suas asas sobre poetas tais como Catulo da Paixão Cearense ou o Cego Aderaldo, ou Dante, Petrarca, Homero, Virgílio e Salomão, autor do "Cântico dos Cânticos", que um padre lhe disse tratar-se do matrimônio espiritual de Deus e da Igreja. Para Artur, porém, não tem nada com a igreja. É um poema erótico e lírico, com Salomão beijando as mãos, os seios, as coxas e os lábios de Sulamita. Um lindíssimo poema que nunca envelheceu porque a beleza não envelhece.

Artur lembra que suas aulas na Universidade eram todas assim, meio dispersivas. Não dava aula com o sistema bitolado dos professores convencionais. Passava de repente de um assunto a outro e no fim da aula os meninos estavam com uma carga de informação essencial. Era parecido com o filme Sociedade dos Poetas Mortos. Ia dar aula sobre folclore, por exemplo, levando dois cantadores para que mostrassem como é o desafio, ou o galope beira-mar, a forma mais bonita da poesia popular, em onze versos, com o tom de galope e acento na quinta e na décima primeira, ao contrário da acentuação camoniana, que é na sexta e na décima.

Recorda Ascenso Ferreira, sobre o qual deu aulas na Alemanha. Ele adora poesia do Nordeste. Quando, a propósito de Ascenso, citou os versos “anda minha nega, vem pro meu chen-en-en”, os alemães queriam que dissesse o que era chen-en-en. E Artur disse, vocês vão à secretaria, procurem a Dona Fátima, que é cearense. Ela explica a vocês o que é o chen-en-en. Cita, entre os seus poetas prediletos, Mário Quintana, um dos maiores poetas do Rio Grande do Sul e do Brasil, que se candidatou a Academia Brasileira de Letras e perdeu para um general. Também relembra Raul de Leoni, cujo soneto "Eugênia", é um dos maiores da língua portuguesa. No Ceará, menciona José Albano, que Manuel Bandeira considerava um dos dez maiores poetas da língua portuguesa e que ninguém lê, porque é um poeta super erudito. Era um homem que falava oito línguas. Chegou a aprender o sânscrito e o aramaico. Dizem que aprendeu aramaico em 48 horas para ler uns manuscritos que encontrou. Era um gênio. Mas quase ninguém lê A Comédia Angélica e as Rimas de José Albano, ou mesmo os

sonetos do Padre Antônio Tomás, o primeiro Príncipe dos Poetas Cearenses, sendo Artur, hierarquicamente, o quarto, depois de Cruz Filho e Jáder de Carvalho. Todos os sonetos do Padre Antônio Tomás são notáveis, sendo os mais famosos o "Contraste". Relembra também Demócrito Rocha, que se tornou famoso com um só poema: "O Rio Jaguaribe".

Pela poesia as sereias continuam a seduzir os heróis. Lorelai prossegue a cantar no alto do rochedo às margens do Reno. O cadáver de Ofélia continua a boiar sobre as águas. E o filho pródigo retorna ao coração paterno. Os ventos do amor como uma carícia pastoral ingressam sem ruído em nosso longo esperar. Ou reconstruímos tudo com a força de um verso depois de ouvir e de entender estrelas, como disse Olavo Bilac em imortal soneto.

Na conversa que tivemos em seu gabinete na Academia Cearense de Letras, falou-me da importância de saber apreciar e reconhecer a poesia nas mais diferentes expressões, inclusive na linguagem popular. Por isso mesmo comoveu-se com esta linda inscrição encontrada num caminhão do Ceará: "a saudade é um adeus que caminha". Já o poeta Paulo Mendes Campos mandou estes versos a namorada: "por ti os telefones floresciam". Tudo isso chama-se talento, elemento pessoal intransferível. É um dom de Deus.

Artur se declara iluminado pela esperança, pelo amor e pela incessante procura da beleza. O amor é a coisa mais importante da vida. Com amor a velhice não há de nos encontrar tristes e vazios, sentados nos bancos cinzentos da desilusão. É preciso que haja sempre uma paixão iluminando nossa alma, pois só assim poderemos iluminar o mundo. Envelhecer é perder o dom de cantar e de abraçar os semelhantes. Somos diante do eterno a pequena chama a brilhar nos espaços da noite para que não se percam nos caminhos aqueles que mais amamos. "Saibamos ter a leveza da luz, levando em nosso coração a caridade, o respeito ao próximo e muita fé no ato de viver. Só assim Deus abrirá para nós a sua estrada de estrelas, afagando o silêncio de nossa alma e as cicatrizes da nossa travessia. Foi isto que aprendi com a poesia, que é uma espécie de novo Pentecostes. Levo em meus alforjes, feito de pedaços de lendas e canções de amor, os grandes versos que resplandeceram sobre a pobreza espiritual do mundo. Só tenho que agradecer aos céus tudo que consegui em minha vida ao procurar guardar a memória sagrada da beleza. Afinal tenho tudo e levo a fé e o amor em meu coração e vou escrevendo nos muros da vida recados que talvez os anjos levem para a misericórdia de Deus".

Seus poemas têm a sugestão de fragrância, às vezes de quebranto de tarde nevoenta. Às vezes, espanto e presságio noturno. No livro A Noite em Babilônia e outros Relatos ao Eterno, aproveita o arquétipo da velha Babilônia, como imagem de império profano, governo do ímpio, ditadura da falsidade e adoração aos ídolos de barro: a incultura e a ganância desenfreada, que levam o homem a perpetrar os genocídios, as transações ilegais, o comércio de armas, enfim a impostura geral "dos maus que conduzem, em triunfo, as naves do caos."/ Sua crítica à decadência do mundo: o declínio da sociedade contemporânea em termos de sensibilidade e de sintonia com os valores essenciais da vida. O homem se desvincula dos princípios éticos e espirituais e volta atenção para as coisas efêmeras. O poeta mostra que o

mundo contemporâneo vive uma crise causada pela massificação e a coisificação do espírito, e pela manipulação das consciências em nome de interesses excusos. “Meia noite em Babilônia./E todos, temerosos, com insônia,/comem os grãos de sua solidão”./ (“Informe sobre as Últimas Ocorrências em Babilônia”). Em “Segundo Informe sobre as Últimas Ocorrências em Babilônia”, (nesta Babilônia moderna, de atormentados e penitentes, onde ogivas nucleares dormitam junto a nós e falsos profetas erguem novos altares), há um clima de insegurança que só pode ser anulado pelo sentimento de amizade, coisa que se torna cada vez mais rara. “É difícil é confiar em nosso vizinho. Também está sozinho, e mostra muito medo. Vivemos separados pelo mesmo segredo”. Em tom de profecia, o poeta adverte contra os desmandos e absurdos. Na ressonância fatalista desta elegia, solidão, desesperança, incerteza são os conceitos-chaves de seu significado. “De tanto puxarmos os gatilhos,/ os filhos dos filhos de nossos filhos/habitarão as cavernas.”/

Cantando antigas saudades, que parecem novas na dor que as suscita, dá-nos a sua confissão nostálgica e faz da recordação o pão de sua poesia, alimento fluido de que se nutre nas bodas do espírito. Louva os poetas e suas virtudes ascéticas. Visionários, “a jusante da noite, em invísiveis portos,/ lembrando as cousas que nunca irão voltar”./ Na lavra do sonho, “colhem, com as mãos laceradas,/ os versos pendurados no fim das madrugadas”. (Elegia).

#### As Metáforas do mar:

Na poesia de Artur Eduardo Benevides o mar representa a vida, a poesia mesma e o anseio de plenitude do espírito. No mar transcendente da existência, o verde-claro-azul das esperanças é a perspectiva de vencer rudes batalhas e navegar em direção as ilhas da paz. Sempre foi o mar uma fonte de inspiração, pelo encanto da visão do esplendor pelo mistério de sua grandeza e profundidade, como pelo marulho embevecedor de suas ondas, magnífica recorrência de sonoridade. E o cantar atlântico e universal do nosso príncipe dos poetas, configurado em altas dimensões, está pleno de arrebatadoras imagens, inspiradas nesse arcano e arquétipo milenar da poesia, que desde Homero aos dias atuais vem fascinando os adoradores da beleza.

Em Sonetos de Beira-Mar e Elegias do Espaço Imaginário, o poeta revela, no poema “Lamento sobre a Desaparição do Mundo”, que viajar em naves com velhas quilhas é submeter-se às contingências precárias da existência material. E que na vida contemplativa, na solidão em que vislumbra os caminhos do mar, tenta “afugentar os morcegos que voam sobre o nosso tempo”. E só na imensidão da vida espiritual, representada na esfera terrena pelo mar e pela visão dos entes que o povoam, encontra um conforto ante as dores do mundo. Navios e portos são elementos simbolizadores do idílio, do sonho de viajar em direção do mundo ideal. Na ânsia da plenitude de compreender o destino humano, o mar é o lugar mágico onde navegam os veleiros do amor. O viajante busca, desse modo, o sentimento de conforto e serenidade na natureza superior da missão a que aspira igualar-se, na pureza e na imortalidade: “o mar nos esperava, não havia medo”.

Recanto de meditação e pureza, refúgio do poeta solitário, quando chega a saudade, o mar propícia doçura e claridade e reconforta com a perspectiva do esplendor. E a presença da musa é um mar de esperança: “se chegas, tu és valsa, mar, poesia.” (Soneto de Amor). Na travessia da vida o homem navega no mar da esperança de plenitude.

No belo "Soneto à Beira-Mar", declara que almeja entrar no sonho qual peregrino. E nas aventuras com que mescla esperanças e desejos, o coração marujo o impulsiona a querer um sonho mais alto. E nesse votivo anelo, ante a contemplação do horizonte, o tempo da espera é simbolizado pela idéia de velejar nas jangadas. No poema “Os Marinheiros” constata que o homem, qual marinheiro, viaja no azul sagrado dos mistérios. Conhecer o próprio destino é o objetivo maior. E para decifrar o mar de enigmas de si mesmo, precisa andarilhar nas águas do sentir. Precisa tornar-se sentinela do próprio pensamento, cultivando em si a sensação oceânica de numerosa presença, e entoando canções de deslumbramento e de apelos, entre os soluços e gemidos da longa viagem. Conquanto perdido em terrenas aventuras, sabe que o norte que o conduz é “a imbatível consciência do mar”. E fica a escutar o convite das mastreações, que ressoam com a voz interior da memória. Os faróis de sua intuição o tranquilizam e assim vê a bonança nos confins dos oceanos. Os marinheiros avistam nos mastros da costeira “o dédalo incessante”. Ficam nas “toscas estalagens” desaprendendo urgências. Imita-los com júbilo é a sabedoria do poeta, na travessia dos largos esplendores do seu cantar. Ante a “vaga expectativa” e o “aparente revés, compreende, como os navegantes, as proezas extraordinárias que o sr humano deve realizar para transpor a dimensão aquática do mundo, no venturoso caminho da evolução. O mar é íntima verdade e “reclama para seus filhos as sendas guardadas entre espumas e corais”. Atravessar a vida é conhecer “às vésperas navais” e a “dor dos vendavais”. No cais do levante, sonhar com os paradeiros longínquos e com as quilhas do seu ideal, transpondo massas de água, argonauta a demandar o toirão de ouro da glória. No coração a velha embarcação do lirismo que nos transporta em périplos de êxtase e de dolências, “na maresia de vãs navegações”.

N’ A Rosa do Tempo e o Intérmino Partir, Artur consagra a poesia como viagem idílica. Poetar é transnavegar com destino ao ideal. As marinhagens são os arranjos da paixão romântica. O verde do mar se faz esperança de amor: moldura, panorama e paradigma da atmosfera romântica. O espaço marinho induz a cantar e extasiar-se, num reino de encantamento de sereias com camas de musgo e luar. A fantasia, a magia do imaginário são matéria-prima da poesia lírica, e o verso “deve ser como o mar”, pois nela há o ambiente propício à beleza, à profundidade, à grandeza, ao mistério, à dramaticidade e à perplexidade da existência.

Na viagem da vida pelo mar do tempo, buscamos a ilha do amor como porto. Vagamos em demanda do amor, ante o mistério de viver e não saber ao certo o paradeiro que a vida nos reserva: “Por isso lamento em meus vagares/o infinito morrer em que flutuo”. (Do Amor, de Sua Resplandescência e dos Cálices Amargos, mas Azuis).

Vida e mistério se confundem na contemplação marítima. A vida é um mar de trevas e viver é viajar nas estradas noturnas do tempo. "O denso mar das trevas nos

visita". Em meio às vicissitudes das mudanças, a existência gira em ciclos de emoções, moinhos de frêmito aos ventos insulanos. Num mar de indagações o bardo toma consciência de sua finitude, e ante a grandeza do universo, reconhece que a alma é um fragmento da imensidão eterna, e que o objetivo da vida é um oceano de consagração e perenidade. Para tanto, o poeta, que desde criança pressente a gaivota e a maresia, mandará "tecer as túnicas com as cores dos êxtases do mar" (O Pranto. O Recompôr).

A água representa a emoção e o inconsciente. O poeta habita em sono e mágoa o mar do âmago: "no bojo do poema que jamais acaba e se renova como o sal e a dor" (Descante). E é no mar da infância e da pureza que se reflete a lua do amor e da eternidade. O lugar onde repousa o destino humano, depois dos périplos da alma, é a ilha onde emerge o horizonte da imortalidade. O amor é mutável como o mar, tem o seu ritmo de mares que crescem e decrescem, ondas em fluxo e refluxo. Tudo na vida tem fases, contudo o mar é o modelo da expectativa da utopia. O poeta "aguarda., nas colinas do tempo, em velha tenda, o vulto de Deus andando sobre o mar".(Definição do Poeta). Assim o objetivo da vida é o mar da felicidade para o qual viajamos cuidadosos e lentos, na expectativa da glória e do êxtase.

O poema intitulado "O Mar" configura alguns dos significados da espiritualidade que caracterizam a poesia de Artur Eduardo Benevides. Nele o mar é desejo, nas latitudes e longitudes, e espera, nas amuradas do destino. Na solidão do mar o poeta entra a cantar, quando imerge nas ondas translúcidas do lirismo. No poema "O Mar, Os Ventos a Boreste ou a Solidão diante da Partida", o mar é metáfora da apologia da plenitude que o poeta cultua em si. "Sinto, de repente, inelutável necessidade de mar". Precisa da idéia de transcendência, esse alimento do espírito, pois tem em si o mar, fascínio de Deus com seu portal de ramos infinitos". E só aquele que foi às grandes águas, seu tempo/espço viu, e seu delírio, pode estar a salvo em seu martírio". É preciso pois atravessar as águas da vida terrenal para chegar às águas de Deus. Então o mar simboliza as vicissitudes da existência: "tudo nele é perdição e vida. É exílio fatal e alumbramento". E na travessia dos dias o medo é inexorável. Mas a poesia é um facho de amor e claridade. Ela nos conforta com a esperança de que, apesar de súplicas, o mar do tempo tem ancoradouro e cais, onde nos guardamos com "archotes e candeias aos pés de Deus". Se o mar pulsa no pranto transmutado em canto, o poeta bebe inspiração no arco-íris da tarde e louva a potestade marítima: "tudo é caminho em ti, ó mar". Em linguagem de alta espiritualidade, revela: "mas vemos, triunfal, o mar a banhar sua verdade na solidão da longa eternidade". Em poetas de transcendental intuição, a visão do mar representa a distância do homem que somos ao nosso Criador, fonte de todo Poder.

Em Viola de Andarilho, Artur Eduardo Benevides faz a verve transbordar em júbilo, com a mesma mística que o caracteriza, em sonetos magistrais, no cantar das madrugadas atlânticas. Um destes primorosos sonetos, o de número IV, tem num verso de absoluta síntese, a definição do mar em sua concepção de totalidade: "O mar é tudo: abismo, fuga e fonte". No Soneto de número V, compara o mar com o passar dos dias e o acicate da solidão. É adaga imensa que abate o peregrino, com saudades e dúvidas, em seu humano périplo. O destino das andanças é o mar da redenção. Os pastores escutam os chamados do mar e lhe ofertam juramentos. Os desejos e os medos

suscitados pela vida andam juntos na estrada líquida do sentir. Em seu esplendor e grandeza o mar se busca em si (amor ausente)... "Mas se dores traz, também nos canta a balada de espuma reluzente de púcaro do eterno - e se agiganta".

Ante as intempéries do mundo a dúvida assalta o viajante. E tudo é aventura nesta vida, mas "é certo já, que a má fortuna marinheiros não busca, e ventos magem saudando o pobre amor que em vão se enfuna" (Sonetos Atlânticos e Continentais). O que redime o poeta é o seu cantar e a canção é largo oceano. Cantar é viajar nas ondas da esperança e da perplexidade: o mar é longa promessa de amar. O mar com deslumbramentos, com brandos e puros ventos em suas verdes carícias" (Domingo no Brasil). Representa também o sentimento de perda: "O bem que mais sonhei se fez ausente e tudo em volta a mim é mar extinto". (Acalanto para Artur Neto). Mas o destino do vate é amar a Estrela do Pastor e quanto na vida humana há de semelhante à mineralidade da vida espiritual pura. "Já Mar eu sou em juramento. E amando vou. Cantando estou (Triste de mim!). Se o Mar sem preço foi meu começo, será meu fim". Perplexo diante dos mistérios, olha o mar em medo. "Olho-o mudo e quedo. Amante (mas temente) sou seu filho ausente".

Em Inventário da Tarde o poeta declara que o mar é uma das matérias-primas de sua poesia: "meu verso tem símbolos e cores... Tem navios. A mão que diz adeus furtivo sobre o cais". Seu poetar está impregnado do lirismo de viajar no ideário no sentimento e da palavra: "no frágil canto me levanto para escutar os clamores da vida e a voz do mar" ( Canto Inaugural). No escuro mar da vida, o farol da poesia conduz o peregrino pelo mar dos encantamentos, no jardim de sinestésias da natureza. O amor é a ilha com destino à qual velejamos. Resta ao viajor prosseguir no sonho, como uma brisa. O amor tem ardis, velhos laços com que prende os barcos ao seu cais. O poeta embarca no sonho a barlavento e fica a escutar sereias nos "pélagos das lendas", "ou os gritos perdidos nas conchas deixadas na areia". (Pequeno Inventário).

Por ser romântico e altântico, de cantar doeu-lhe o verso e pôs-se a escutar o mar na voz de Orfeu. "Meu destino é a trilha solitária dos navios"... "as mãos estatuárias escrevem adeus sobre o mar" (Canção). Escreve, assim, nos solos da pátria, os sonhos da raça. É um rio de mágoa em busca de seu mar. Pressente a ventania, e se salva na fragata da poesia: "Tudo são canções sobre os portais dos mares".( Canto Mediterrâneo). Mas só a visão do esplendor preenche a solidão, que é "a lembrança do mar sempre ausente". Viver é ser só como apito de barco a varar as cortinas da névoa." ( Exercícios de Solidão). E diz mais adiante, em outro postulado de sua poética: "de amor e de mar faço meu verso". Eis uma síntese definidora dos rumos de sua lírica.

Em Elegias de Outono e Cancões de Muito Amor e de Adeus prossegue no mar do sonho, flutuando na pureza do vento: "lanço sobre o tempo os últimos arpões e só tristezas colho, mas tão belas que parecem manhãs filtradas em janelas" ( Pequena Elegia dos Cinquent'anos). A poesia é de um encanto semelhante ao mar: "meu verso é um périplo: navega-me e circunda-me ... Viver sem meu verso é não ter nada. Navio sem mar. (Poética). O mar é sua origem e seu destino: "venho de longes mares e de oceanos. Fui marinheiro". (Cântico dos Cânticos).

A impossibilidade da perfeição imediata cria uma defasagem entre o ideal de plenitude e a condição material do homem, o estar no mundo: o homem é marinheiro sem mar. Resta-lhe ressonar os doces caminhos da infância, onde se está mais próximo da idade de ouro da origem, na perspectiva do reino imperecível: "tão antigamente! Tão distância,, no verde mar sem fim de minha infância". (Denúncia da mágoa e oferenda).

Em A Rosa do Caos ou Canções de Quase Amanhecer, destaca-se outro significativo poema intitulado "O mar, a garimpagem no irreal distante ou a viagem, sôbolos tormentas", pleno de ânsias de transcendência. Nele Artur celebra as exuberâncias oceânicas: madrepérolas, hipocampos, as brancas alfaías das espumas. Grande templo no resplendor sagrado das manhãs, o mar é o "translúcido país das caravelas". E perplexo ante a imensidão marinha, indaga ao portento das águas, "como reunir meu rumo aos teus?"

Outras metáforas relevantes se destacam em livros subsequentes. No livro Elegia Setentã e Outros Poemas de Entardecer, o poeta confessa que traz em si a dor do mar e que a amada é o cais da ancoragem. É a musa que traz nos olhos o azul da poesia. Na "Última Elegia do Mar", Artur louva o oceano de périplos colossais e declara que sua missão é "transpor o ventre da alvorada, até encontrar os extensos cardumes e escutar as sereias em fatais queixumes:". Sente-se veleiro perdido em mar de solidão mas transporta o mar em si, na vastidão da alma: "o mar, meu velho suspirar, com sortilégio do Desconhecido e seus clamores de dragão ferido. Mas, ante as contingências da vida, é tão alto o sonho do poeta, tão sublime o seu cântico de amor, que o mundo se torna a espera absurda dos chamados do mar, sem a consecução da viagem absoluta. Ante a clausura dos cinco sentidos, resta alimentar-se da esperança e reinventar-se no mar da poesia. As solicitações do mundo o impediram de embarcar, mas ele pode seguir "igual às almas andarilhas, ao encontro de golfos e de ilhas. E mesmo sem os encontrar será para sempre um marinheiro sem mar".

Não é sem razão que os amigos louvam a dimensão marítima do príncipe atlântico. Com efeito, diz Regine Limaverde: "carregas o mar nos teus cantos". E acrescenta Marly Vasconcelos: "sonhavas com o mar, seu regaço e ouvindo zunir o vento enfunavas a casa no equilíbrio manso da tarde". No opúsculo comemorativo de seus 45 anos de poesia, publicado em 1989, os amigos o enaltecem com cânticos fraternos o seu exemplo de devoção à poesia e seu idéário humano. Vários poetas, inclusive eu, lhe dedicamos poemas. Linhares Filho, Dimas Macedo, José Alcides Pinto, Iranildo Sampaio, Sânzio de Azevedo entre outros, unem suas vozes para celebrar-lhe a nobreza de espírito e o canto oracular. Assim se refere Linhares a propósito da magnitude da arte benevidiana: "Fecunda solidão de embarcação!/Transformas tua dor em glória e canto,/pois é com o Belo e o Amor teu compromisso". Sânzio declara o seguinte: "bem maiores que os périplos sonhados/ e os que lograste realizar na vida/ são os caminhos de signos e metáforas/ que percorres nas asas da poesia". E Francisco Carvalho diz assim: "teu verso é água que brota de antigos mananciais./Da infância dos ancestrais/corre essa fonte remota".

Em Escadarias na Aurora, obra-prima de Artur Eduardo Benevides, prosseguem impávidas as metáforas marítimas, com a incandescência dos livros anteriores,

suscitando porém fulgores inauditos. Obra de magistral confecção em que celebra a religião do amor, nela o vate exacerba imagens de tons indelévels. Sua fábula se constitui no relato da viagem da vida, em que o viandante passa ao largo, em nevoeiros sobre o Mar do Norte, buscando veleiros perdidos em rios invisíveis. Neste livro definitivo, Artur exprime ao paroxismo, e com rara maestria de síntese, a fulgência de sua mensagem de timoneiro visionário.

Como sempre, em permanente delírio de paixão, canta com âlma lírica a solidão do viajor sem terras e sem mar, a escrever as palavras do coração na proa das escunas mais salgadas. E ante o silêncio da espera, que é espuma no mar interno, não desiste de buscar os rumos de Ofir além dos portais do esplendor. Jegral das coisas plenárias, dos jubileus e dos jogos florais na névoa da beleza, imagina o Éden de sua utopia, onde o doce mar nasce das mãos de Deus. E ao idealizar plumas de luz no azul das madrugadas, é nas relvas da tarde junto ao mar que tudo se transcendentaliza. Com amor dorido e arrebatador como o mar sobre os rochedos, viaja entre vendavais e tufões, e chega ao porto derradeiro, salvo pelas barcas dos versos.

Outras metáforas e temas:

Toda a poesia de Artur Eduardo Benevides está plena de tintas evanescentes e de imagens triunfais. Seu poetar ensina os caminhos do mar onde a amada o espera para os ritos da religião do amor, até imergir "imensamente em mim, como a linha azul em cima do horizonte. E canta e cantará sempre o seu idílio inebriante, pleno de doce esperança como "vilancete de luz ouvido num jardim ou "chuvas de infância cantando sobre as telhas". Sempre fiel à musa, confessa a sua disciplina diária de asceta do verso: "o poema que escrevo é meu diário. Em seus mármores ponho a minha dor. A esperança levita e cria em mim sua sina. Meu verso é meu pensamento".

O ímpeto criativo de Artur acende em demanda das cousas imperecíveis. A preocupação metafísica ponteia todo o seu cantar. Além da obsessão do mar, três outros temas habitam-lhe frequentemente o imaginário: o tempo, a morte e o amor. Em A Rosa do Tempo ou o Intérmino Partir, canta o tempo nas dimensões da noite. Sonha com a noite, "o despertar do tálamo, a disciplina das cousas, os sussurros". Celebra a noite "com seus escuros trigais e suas violas, a pontear a morte e a solidão. Refulguram como lendas as estradas do tempo. A noite tem "augúrios, de áspides, vampiros nas estradas dos Cárpatos". Em imagens do mais alto lirismo, fala dos encantos da tarde e o replantar do verde nas lagunas. Canta a tarde que o envolve "com palavras nunca proferidas/e me põe de regresso a mim, enquanto/ao longe e ao largo pequeninos barcos/se afastam sob gaivotas esquecidas". Sente a tarde como "uma tristeza em festa". Em sua visão de alumbramento, começaria a eternidade e todas as vésperas viriam dançar sobre o seu verso.

Canta do tempo as nêspersas em flor: "Sobe aos trapezios volantes e contempla-te. És mar de fragmentos caídos sobre o tempo". O tempo se encaminha para os trigais da morte e da verdade. Em "Cantata em Sol para Jacqueline Bisset, Nathalie Wood e outras que jamais", desespera-se ante a iminência do tempo: "E minha mala de viagem esta vazia./Vou jogá-la de cima dos rochedos./Tempo já não há. Restou-me o medo." Sobre a nossa condição de temporalidade Artur diz que "sepultamos as magoas nas auroras, mastigamos tímidas rações de pólen de



crepúsculos e nos buscamos nos cárceres do espelhos". Escreve com a espuma do tempo a seus pés. Colhendo os frutos outonais do amor, vê os rios da beleza se turvarem e as canções transbordarem as horas flamejantes. Constata que "tristezas vão surgir no nosso rosto/como os versos de argênteo madrigal". Exemplar o soneto "Da Procura do Amor": "Todos vivem seus males e perigos,/mas procuram no amor doces abrigos/ e nessa vã procura ninguém cansa". Registra emoções raras como "chegar junto aos vinhedos" ou "um gesto que nos põe no verde claro azul das esperanças". Ou ainda os grilos a cantar nas noites e o vento nos alpendres com alvoroço. As mãos da mulher amada tecem a pluma das auroras e sua presença "reacende as lâmpadas da alma". O poeta é pastor de ocasos que sonha caminhar sorrindo sobre as águas. Nas expectativas em que vive, "tudo se iluminava à luz de epitalâmios". Diz no poema "Lamento sobre a Desaparição do Tempo": ninguém escrevia a palavra adeus no muro das manhãs. As tardes se derramavam em cores e em rosas. Os domingos chegavam com o perfume feliz dos bogaris. O poeta, em sua fabula, sempre aspira as coisas deleitáveis e as sublimidades: a doce paz das noites de setembro, silêncios de antigos casarões e o amor a vencer os ardis do tempo. Diz num soneto que gastou tempo em sonhos desvalidos mas ao vero Amor ergueu canções como se elevam em luz as orações.

Nas Elegias de Outono e Canções de Muito Amar e de Adeus confessa-se perplexo pela brevidade do tempo, mas procura flutuar em suas ravinas, "com brisas me ferindo". Assim revela a sua ventura de poeta: "Lanço sobre o tempo os últimos arpões / e só tristezas colho, mas tão belas/ que semelham manhãs filtradas em janelas". Num tom mais grave louva a morte, "criadora de segredos./Último exílio meu e meu desterro. /Porto imaginário./Rosa sempre aberta/ em pátio sobre nós. A morte – ave a palpitar na floresta de luz das madrugadas./ É âncora, foz, caminho, espada e fonte.

Na "Balada dos Mortos de Março", do livro Inventário da Tarde, o recorrente tema se estampa com todos os seus cromatismos. Considera a morte uma "pálida flor de múltiplos enganos, diáspora geral, helesponto essencial. Ela nos faz peregrinos do medo. Taberna em que estamos bêbados sem saber. Somos o grão de seu áspero amanhã. Agrimensora das trevas, pastora de ciladas justas e renegadas. Um reino sem sol e sem urgência. Um cláustro de névoas."

Ao cantar o amor sua voz se faz grandiloquente. Cantar o Amor é inventariar as tardes. Alimentar-se da mão que diz adeus furtivo sobre o cais. "Nas sofrências do Amor" ao longe vamos, sobre duros rochedos, mas se finda o nosso amor também findamos". Amor destrói-nos calma e fado, enchendo a nossa espera de incerteza, mas quando quer tornar-se sol e glória /os seres ilumina e muda a história/mesmo que ao cabo seja só tristeza". Nos périplos da alma leva a insônia/ do amor que nao sabe quando flora. E agrega, com inusitado espanto: "O amor é uma fonte. Se nos falta ouvimos um grito que inflama a boca dos abismos". Revela então em Poema Erotico: "O amor -- insônia dos sozinhos. Febre dos que voam nos caminhos, poeira do tempo em que se esconde um nome de mulher."

Sua utopia é vislumbrar imagens as mais insólitas, alimentando-se da fantasia que o conforta e o mantém lúcido e lúdico: "Poeta fui no chão das madrugadas. Nunca

tive o vinho que unge as sagrações das alvoradas”. A poesia -- sétima flor do Tao, é seu astrolábio, seu transporte, seu folgado, seu destino: "Eu, teu peregrino. Caçador da jângal imaginária. Operário de tua estatuária. Teu volantim. Teu louco. Teu jogral". Certamente a poesia é uma estrela que dirige-lhe os passos na senda do existir. Ele a chama Aldebarã, a estrela que norteia os poetas e que ele segue sempre como a uma idéia fixa: lume dos poetas na noite do destino, símbolo de êxtase e de esperança, a estrela-poesia é a “lágrima das cousas”. Em seu fascínio, as aves que golpeiam lentamente o azul querem levá-lo de volta a Aldebarã. A estrela o espera, lá, “onde o espírito flameja em festa como um sol”. Por trás da portinhola adormece sonhando com os caminhos de luz de Aldebarã. Na ascensão aos mais altos degraus de sua glória nirvânica, senta-se ao plenilúnio, a contemplar a estrada de luz de Aldebarã. A poesia tem alpondras deixadas pelos ventos gerais da travessia e o poeta é trapezista em cima do horizonte. O poeta é o hierofante que reza nos estuários da noite para que nasçam rosas na alvorada.

Sobre os Sonetos de Beira-Mar e Elegias do Espaço Imaginário diz Noemi Elisa Aderaldo: “O seu Canto parece atingir, nesta nova obra, suas alturas maiores. Sua poesia adquire, agora, uma feição, implícita, nitidamente cíclica e rapsódica, de Gesta da Vida, como se fora um recapitular sinfônico, em tom maior, panoramicamente, desde o topo da montanha, unindo, numa só visão e num só cantar, a multiplicidade gloriosa e pungente das coisas. Ao mesmo tempo, tem um sentido épico, fluindo larga e inesgotável. Intuitiva e instantaneamente, aproximo-o de Jorge de Lima, na Invenção de Orfeu”.

Do livro Inventário da Tarde vejo belas metáforas, a começar pelo “Canto Inaugural”, em que põe fios nos tear da fantasia, com “redes armadas nos alpendres das madrugadas”, alvoradas em leve paz chegando, sem rumor. No delírio da inspiração, há um balir de ovelhas sob as telhas que recebem as bâtegas das chuvas. Tece o verso, manufatura dos alumbamentos.

O encanto dos elementos da Natureza surge sempre em seus enlevos. Diante do proprio misterio, pergunta ao vento, em A Rosa do Caos ou Cancões de Quase Amanhecer: “Onde foi teu nascimento,/leve vento? Lá no mar?/quem te criou ao relento?/Quem te pôs a me encontrar?/Algum ser em desalento?/Alguem sofrido a sonhar?/Por que vens, neste momento,/meu pobre rosto afagar? (Redondilhas Românticas). Natureza e Vida são a unidade neoplatônica de seu transe: a olhar entre torres e abismos e tudo tem formas delirantes. São noturnas as aves, há um vasto adeus varando as horas, o poeta tresnoita-se em outeiros e cruzeiros, ou nas coxas e nos seios da Amada, ou entre as quatro estações e os hemisférios, onde a noite e o poente põem-se a correr. Súbito aparecem-lhe miragens, o arco-íris das lendas, as pedras fontanais, a verde promessa das vinhas e os vitrais do eterno. Ao homenagear Cassiano Ricardo num poema, vê as mãos de âmbar e cristal do poeta, divisa-lhe o rosto translúcido, a mirar "campânulas de abrindo, ao lado de pastores e vindimas".

No labirinto da poesia, domicílio de perdidos e sofridos, desvenda evanescentes corredores. Nos seus lagares colhe avelãs e alfazemas. “Do sonho tiro a luz do meu alento”. Declara que seu verso "é um périplo: navega-me e circunda-me." "Viver sem meu poema é não ter nada". O dom da poesia o capacita a "pisar as alpondras do

eterno". Esplêndido existirem poetas que nos mostrem as coisas invisíveis, ou discerníveis apenas nos remansos remotos da memória, do inconsciente ou do sonho. As ravinas de outrora, a boca dos abismos, Leviatã, serpentes flamígeras, sílfides e dríades. Ou mesmo que nos revelem as coisas visíveis, mas ocultas na imediatez dos sentidos: a estrela polar, as cores da sobretarde, as estradas do sono, a paz dos vilancetes. Louvo-lhe em prosa os dons da fortuna poética, mas já os louvara em verso, entre a plêiade dos corifeus que lhe renderam canto. Em dois poemas que Artur incluiu na edição comemorativa dos seus 45 Anos de Literatura, revelei as ressonâncias que os seus cantares me assinalaram, celebrando-o qual garimpeiro de aljôfares, amoroso pastor de ternuras, menestrel cigano pelas amuradas do destino. Nos cenários de oceânicos portais e vinhedos ancestrais viera-me a reminiscência de outros tempos em que o vira consagrado à plenitude, o rosto lívido a velar pela paz do plenilúneo. Contemplávamos rios de beleza em frêmito e as canções transbordavam horas flamejantes. Atravessávamos a clâmide dos escolhos com a permissão do Oráculo de Delfos, entre bacantes coroadas de hera. O signo de Eros imperava em arcanos ilimitados. Em transe percorríamos os vales insulares por entre faunos e centauros que tocavam harpa na cauda de um cometa. E havia farândolas, âmbulas, nêspersas em flor, alcândoras, cânforas e visões e transfigurações. E em meio a tantas encantações, saudávamos os pósteros em vaticínios e sorvíamos ambrosia em libações impolutas.

ANDERSON BRAGA HORTA,  
Mineiro Noturno, devoto da Poesia.

Mineiro noturno, como já se definiu em poesia, Anderson Braga Horta nasceu em 1934 em Carangola, Minas Gerais, e diplomou-se em 1959 pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro. Exerceu as profissões de jornalista, professor e funcionário da Câmara de Deputados, mas sempre se manteve fiel ao ofício de poeta. Filho dos poetas Anderson de Araujo Horta e Maria Braga Horta, conheceu desde cedo a arte de encantar-se com as palavras. A dádiva de ter tido pais escritores lhe trouxe o condicionamento positivo de cultivar, desde muito cedo, o hábito da leitura. De adolescente leu exaustivamente românticos, parnasianos e simbolistas. Descobriu a

grandeza de Castro Alves, inimitável. Por isso a primeira vertente de sua poesia foi lírico-amorosa, entre os anos de 1950 e 1959, produção que permaneceu inédita. Depois, quando estudante no Rio de Janeiro, conheceu o Modernismo pelas vozes maiores de Bandeira, Drummond, Cassiano Ricardo, Jorge de Lima, Cecília Meireles. Depois de haver peregrinado por diversas cidades do interior de Minas e Goiás, fixou residência no Rio de Janeiro, onde, em 1957, ingressou no quadro de funcionários da Câmara dos Deputados. Tanto o entusiasmo pela idéia da nova Capital, que resolveu transferir domicílio para Brasília, de onde não pretende sair mais.

A fase lírico-romântica de sua formação intelectual permaneceu de maneira subconsciente em sua mentação, refletindo-se sobretudo nos seus sonetos. Veja-se um exemplo disso no "Soneto de Alfa e Ômega": "O teu amor é todo o meu conforto,/o cais a que recolho as minhas velas,/eu--capitão de rotas caravelas,/ tu -- senhora da noite, enseada e porto./ E, quando irrompe o sol e, rumo ao pego,/ ao abismo da vaga ondeante e amarga,/ enfuna as velas o meu barco, e larga,/ é teu amor o mar em que navego./ Por cinco lustros já teu sol amigo/ e tua noite -- de outros sóis povoada/ vem-me dando a jornada e dando o abrigo./Assim tens sido para mim, queda, o ponto de partida e o de chegada,/ o amor que circunscreve a minha vida".

No trabalho de funcionário público disciplinou o espírito no labor das ásperas dissertações da Câmara de Deputados. Escrever por obrigação dá certa desenvoltura. Já havia trabalhado no jornal O Globo como copy desk durante seis meses e em Brasília teve alguma experiência nos jornais. Lecionou o idioma vernáculo durante seis anos e aprendeu com essas profissões todas. Nem sempre coincidem o trabalho para ganhar o pão e o trabalho ideal, que gostamos realmente de fazer. Ganhar a vida fazendo poesia é quase impensável não só no Brasil como no mundo. Acha que aprendeu algo no trabalho de redator no Congresso, embora de certo modo tenha também sido prejudicado pelo que o ofício lhe furtou de tempo dedicável à escritura de textos literários. Anderson acredita que se fosse professor universitário e vivesse disso certamente estaria mais no ramo e se dedicaria mais à literatura, mas não crê que viesse a ser melhor poeta se não tivesse sido funcionário.

A preocupação social em sua poesia começa no período em que se discutia intensamente o problema no Brasil, antes de começar o arbítrio ditatorial de 1964. Antes daquele ano fatídico escreveu longo poema exaltando a revolução cubana, o qual jamais publicou. Decepcionou-se com o regime de Cuba quando o governo revolucionário passou a fuzilar os inimigos. Embora amigos radicais julgassem necessário o fuzilamento, achou que isso desdourava os ideais da revolução.

Seu pensamento foi sempre de grande inclinação para a esquerda, embora ele nunca tenha sido comunista, declaradamente. Não era e nem podia declarar-se materialista ateu. Não podia aceitar esse tempero do comunismo vigente. Simpatizava com os aspectos humanísticos do socialismo e rejeitava a faceta ideológica do materialismo.

Seu interesse por Brasília sempre teve um sentido místico. Acha que a cidade tem um significado especial para a redenção do Brasil, para que o País encontre o seu rumo, para que possa explorar o seu enorme potencial e descobrir o caminho da fraternidade, fazendo uma distribuição de riqueza que contemple os deserdados, até

e elevar as categorias de vida humana a níveis superiores, até que todos os brasileiros tenham dignos padrões de vida. Brasília é temática central dos livros Altiplano e Outros Poemas e Cronoscópio. Altiplano, saga da construção de Brasília, reflete, como nos demais livros, a vertente humanista que caracteriza a sua expressão poética.

Em 67 publicou O Horizonte e as Setas, livro de contos, em parceria com mais três companheiros de Brasília, um dos quais Joanyr de Oliveira. Mas a experiência na prosa não prosseguiu com o mesmo ímpeto. A força da poesia lhe falou mais alto. Vieram então os livros mais significantes de sua obra, que se constitui essencialmente de poesia: Altiplano e Outros Poemas (Brasília, 1971), Marvário (Brasília, 1976), Incomunicação (Belo Horizonte, 1971), Exercícios de Homem (Brasília, 1978), Cronoscópio (Rio de Janeiro, 1983), O Cordeiro e a Nuvem (Brasília, 1984), O Pássaro no Aquário (Brasília, 1990) e Quarteto Arcaico (Jaboatão dos Guararapes, 2000). Fragmentos da Paixão (São Paulo, 2000) e Pulso, (São Paulo, 2000).

Em depoimento concedido ao Poeta João Carlos Taveira, na revista DF Letras, Anderson definiu a poesia como “o sacrifício que o poeta oferece, em seu íntimo altar, a Deus, ao Cósmico, ao Alto, ao Uno, a Algo que ele vê como Origem e Meta; é missa que ele oficia, em seu templo interior. É alquimia espiritual. É instrumento de ascensão anímica”. A seu ver, a inspiração e a construção constituem os dois elementos básicos de toda poética. Mesmo João Cabral, que elaborava sua poesia de maneira puramente cerebral, chegou a confessar em “O Último Poema”, de Agrestes: “Não sei quem me manda a poesia”. Anderson não dispensa a disciplina, o labor, o rigor na construção do poema. Mas reconhece que se não lhe vem “espontânea a centelha, a fogueira queima em falso... ou não queima”. Apesar de utilizar às vezes técnicas de suscitar o estado de poesia, como o estudo e a meditação sobre o tema desejado ou a audição de música, sabe-se perplexo ante do mistério da inspiração. Portanto, apesar da disciplina do formalismo que, com razão, lhe imputam, considera-se um poeta de inspiração. A poesia é uma arte que, pelo requinte cultural que implica, é produzida e compreendida por uma elite intelectual, o que não significa dizer que ela seja produzida para gozo dessa elite. A poesia tem nascedouro no indivíduo e procura foz no coletivo. Ela se quer todos. Há que preparar o indivíduo para ser capaz de comungar a oração da poesia. É preciso instrumentalizar o jovem, para a percepção do universo e para o conhecimento de si mesmo. E a poesia tem a missão de contribuir para a consecução deste ideal. Na condição de poeta, Anderson se sente um operário, dentre milhares, da obra de autofazimento da humanidade. Nas cruciais circunstâncias deste início de século, o poema como forma de agir e ver de extraordinária riqueza potencial, pela união maior que enseja entre o pensar e o sentir, oferece um tijolo à obra de construção do homem.

Da obra em prosa de Anderson, tive acesso ao artigo “Erotismo e Poesia”, objeto de palestra pronunciada no Instituto de Cultura Hispânica de Brasília, em 1985. Nele o poeta discorre sobre a poesia erótica brasileira, sem percorrer extensas geografias, como ele justifica no início do ensaio. Com a graça de refinado humor, declara o assunto “por demais saboroso” e esclarece a distinção entre arte e pornografia. Estuda então, do ponto de vista metalinguístico, o fenômeno da conotação ética das palavras, demonstrando como a intenção é o que determina a carga negativa, positiva ou neutra

das palavras. Constata que as palavras de uso restrito a meios técnicos e científicos, meramente denotativas, são consideradas eticamente neutras, enquanto palavras de baixo calão imantam-se de aspectos depreciativos, quando a intenção é diminuir o destinatário. Verifica que as palavras podem mudar de categoria conforme o uso social que se lhes dê; e pode a mesma palavra pertencer a opostas categorias, em meios diversos. Nota que, em muitos casos, a confecção de obras pornográficas serve para satisfazer os tímidos anseios irrealizáveis dos próprios autores. Constata que a negatividade da pornografia é diretamente proporcional à objetualização que ela enseja, reduzindo o amor à bestialidade. A pornografia está para o erotismo como a prostituição está para o amor. Compreende-se então por que não cantam os poetas os prazeres do paladar como cantam os do amor. É que poesia é transcendência, é algo que ultrapassa o descritivo no âmbito da física sexual.

Ao referir-se à espiritualidade do amor, Anderson ressalta que não recusa o corpóreo. Somos o composto corpo-espírito. A poesia erótica ocidental, de raízes no sagrado Cântico dos Cânticos, explicita a grande sensualidade com que um Rei- Poeta se refere aos dotes da Sulamita, sem elidir a pureza: “O teu umbigo é uma taça arredondada,/ que nunca está desprovida de vinho/ O teu ventre é como um monte de trigo/ cercado de lírios/ Os teus seios serão, para mim, como cachos de uvas,/ e o perfume da tua boca como a das maçãs.”

Na poesia brasileira, o erotismo tem seus primeiros referenciais em Álvares de Azevedo, gênio adolescente arrastado da vida na flor da idade, cujos arroubos arrefeciam no angélico espírito: parece nunca haver na vida sentido “na suave atração de um róseo corpo, olhos turvos se fechar de gozo”: “Oh! quem pintara o cetim/ desses limões de marfim/os leves, cerúleos veios/na brancura deslumbrante/e o tremido de teus seios?/ Tenho no peito um aroma/ que valha a rosa que assoma/no teu seio virginal?.../Dá-me essa folha cheirosa/que treme no seio teu!/Dá-me a folha...hei de beija-la/sedenta no lábio meu!” Casando amor e humor, Álvares de Azevedo lamenta num soneto: “Mas o que é triste e dói ao mundo inteiro/ é sentir todo o seio palpitando.../cheio de amores! e dormir solteiro!

Casimiro de Abreu, que também viveu poucos dias sobre a Terra, em sua ingenuidade brejeira, assim cantava as moreninhas do Brasil: “Mas naquele doce enleio,/Em vez das flores, no seio,/No seio te fui bulir!/Assim ficaste, querida,/A face em pejo acendida,/Vermelha como a romã!”/ Mário de Andrade diz que todas as mulheres, em sua obra, “se não são consaguineamente assexuadas (mãe, irmã), ou são virgens de quinze anos ou prostitutas, isso é, inatingíveis ou desprezíveis”.

Quanto à sexualidade em Castro Alves, pode-se considerá-la marcadamente viril. Havia nele uma atração ingênita para a mulher, que o levava a erotizar tudo quanto via na Natureza. Mas sem quaisquer intenções maliciosas. O jovem gênio de Vozes d'África não tirava do pensamento a imagem da mulher, fonte de inspiração. “Boa noite!... E tu dizes -- Boa noite./ Mas não digas assim por entre beijos.../Mas não mo digas descobrindo o peito,/ -- Mar de amor onde vagam meus desejos./O globo de teu peito entre os arminhos./Como entre as névoas se balouça a lua.../A frouxa luz da alabastrina lâmpada/lambe voluptuosa os teus contornos...”

Em Junqueira Freire a sensualidade exacerbada era uma forma de rebeldia pelos anos em que viveu relegado ao cláustro, assaltado por sonhos lúbricos: “Aqui -- inda era noite... eu tive uns sonhos/ de monstruosa, de infernal luxúria,/ aqui -- prostei-me a lhe beijar os rastros/ em amorosa fúria./ Aqui -- oh quantas vezes!... eu a tive/ em acessos de amor desfalecida!/ Lasciva e nua -- a me exigir mais gostos/ por sobre mim caída”.

Entre os parnasianos não se pode esquecer a sensualidade de Olavo Bilac, marcada freneticamente no poema "Beijo Eterno": “Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo”./ E enquanto o brando calor/ sinto em meu peito de teu seio,/ nossas bocas febris se unam com o mesmo anseio,/com o mesmo ardente amor!...” O arrebatamento erótico do poeta desemboca no espasmo sadomasoquista em: “Ai! morde! que doce é a dor/ que me entra as carnes, e as tortura!...Ferve-me o sangue: acalma-o com teu beijo!/ Também do poema “Satania” há primorosos versos eróticos como estes: “Como uma vaga preguiçosa e lenta,/vem lhe beijar a pequenina ponta/ do pequenino pé macio e branco./ Sobe...cinge-lhe a perna longamente;/ Sobe... -- e que volta sensual descreve/ para abranger todo o quadril! -- prossegue./ Lambe-lhe o ventre, abraça-lhe a cintura,/ Morde-lhe os bicos tímidos dos seios,/corre-lhe a espádua, espia-lhe o recôncavo/da axila, acende-lhe o coral da boca...”

Em seguida Anderson destaca o alucinatório “Súcubo, de Emiliano Pernetá: “Até, até que enfim, em carícias felinas,/O teu busto gentil ligeiramente inclinas,/E te enrolas em mim, e me mordes a boca!” Alude ainda ao anti-erotismo ou erotismo macabro de Augusto dos Anjos e cita outros poetas, entre os quais os modernistas Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. O ensaio não poderia ser exaustiva, já que sua proposta era uma mostragem e não uma prospecção demasiado funda. O próprio autor prevenira de início que não percorreria vastas áreas, mesmo porque não haveria tempo para mencionar na palestra um número maior de poetas. Nota-se não obstante a lacuna referente a Vinícius de Moraes, que mereceria lugar de entre os eróticos listados no bem-elaborado ensaio.

Não se pode compreender o pensamento de Anderson Braga Horta sem recorrer-se às suas idéias sobre Brasília. Ele alude ao fato de que Brasília, ao nascer, já desde muito estava no cérebro da pátria; na sua consciência e, mais que isso, no seu subconsciente. Brasília não foi obra do acaso e do improvisado. Juscelino Kubitschek teve o mérito de destacar o que a prendia no papel. Niemeyer e Lúcio Costa realizaram um sonho que existia desde os próceres da Conjuração Mineira de 1789, endossado no século seguinte por mentores da inteligência brasileira como o historiador Varnhagen e José Bonifácio de Andrada, que defendiam o estabelecimento de uma nova capital do Império no interior do Brasil. Assim a gestação da idéia de interiorizar a Capital foi evoluindo, fruto vigoroso da vontade nacional de conquista do nosso próprio território, de integração nacional e de integração latino-americana. Entusiasta do tema, Anderson declara: “Acima de tudo -- e isto globaliza as metas -- contempla por alvo final a criação de uma sociedade justa e fraterna. Cabe-nos ousar, e obstinar-nos na luta por que se concretize aqui a terra prometida, onde correrá leite e mel”. Fala de Brasília o faz à luz da poesia, pois acredita que a Cidade nasceu sob o signo da arte maior. Principalmente pelo seu alto significado humanístico-espiritualista, é um

empreendimento entranhadamente poético. Como exemplo da atração que Brasília exerce sobre os poetas, Anderson lembra que Guilherme de Almeida a chamou "a Encruzilhada Tempo-Espaço, barca da esperança, diadema de esmeraldas, crisol de raças". Cassiano Ricardo exclamou num arroubo: "Vou-me embora pra Brasília,/por determinação celeste". E nos versos finais da "Sinfonia da Alvorada", Vinícius de Moraes vislumbrara o Homem plantando os pés na terra vermelha do altiplano: "Seu olhar descortinou as grandes extensões sem mágoa/no círculo infinito do horizonte./ Seu peito encheu-se do ar puro do cerrado. Sim, ele plantaria/no deserto uma cidade muito branca e muito pura..." Se poesia é criação, autodescobrimento, comunicação entre os homens, Brasília nos permitiu tomar consciência de nossas potencialidades, de nossa destinação e da necessidade de edificarmos esse destino. O seu surgimento despertou alegria, otimismo, euforia. Por isso Anderson a chama de Capital da Esperança.

Brasília foi e ainda é um poderoso agente catalisador de progresso. Fez o País mergulhar num período de efervescência: abertura de novas estradas, incremento do processo industrial, começo de expansão e modernização das telecomunicações. Foi índice e alimento de uma onda de otimismo e autoconfiança como jamais conhecera. Anderson sente que Brasília tem um destino a cumprir, qual seja o de dar o exemplo, a contribuição decisiva no sentido da pacificação, da confraternização, da união, da unificação da humanidade. Frustrar-se esse destino significaria a nossa frustração como povo. Acredita que o sentido mais profundo de sua revolução progride numa seta que, disparada, atingirá o alvo que é a nova marcha para Oeste e a volta de olhos para dentro, pois "Brasília propicia e reclama um mais íntimo estar com os povos irmãos da América Latina".

Em Brasília Anderson cultiva a amizade dos poetas e escritores da Associação Nacional de Escritores, da Academia Brasiliense de Letras e da Academia de Letras do Brasil, as três agremiações culturais de prestígio a que pertence. Os mais amigos são os mais antigos, com os quais vivera a infância de Brasília. Almeida Fisher, por exemplo, o idealizador da Associação Nacional dos Escritores, ANE, ausência sentida nas reuniões da entidade, realizadas em diversos bares de Brasília e que se constituem em bate-papo regado a cerveja e bom humor. Além de Almeida há outros velhos companheiros de pioneirismo candango, como Domingos Carvalho da Silva, Fernando Mendes Vianna, Joanyr de Oliveira, Santiago Naud, José Helder, José Jeronymo Rivera, José Geraldo, Danilo Gomes, Antônio Carlos Osório, com os quais tem a afinidade resultante da vivência comum desde os primeiros anos da Capital. Não se pode esquecer os amigos de novas gerações, que a exemplo de João Carlos Taveira e Ronaldo Cagiano, participam ativamente das atividades literárias em Brasília e dão continuidade à geração que inaugurou a literatura e a história literária da Capital brasileira. Anderson tem a satisfação de ser um dos precursores daqueles informais encontros, em noites boêmias nas entrequadradas, em que os poetas brasilienses cultivam, no coração do Brasil, a memória da criação poética.

Dedicado à filosofia mística através do estudo do rosacrucianismo, Anderson considera altamente benéfico, de grande valia espiritual o estudo dos textos da Ordem Rosacruz. Não frequenta as reuniões do grupo nem faz os experimentos recomendados



de maneira muito rigorosa, mas apesar disso tem tido benefícios. Os estudos místicos certamente contribuem para a sua visão fraterna do mundo, para a sua noção de que “a vida é a mais bela explosão cósmica, e de que é solidária”. “Vislumbro indícios de uma vital revalorização do indivíduo”, diz o poeta quando filosofa em padrão místico. Acredita que o homem não será eternamente mero instrumento do processo dialético da História. Há de dominá-lo e dirigí-lo.

Escrito em fevereiro de 1964, “Altiplano” é um poema otimista. Escrito às vésperas de insuspeitado corte de cena, se tivesse esperado até abril, o texto teria que ser modificado. “E em lances bruscos/a cavahada,/dos flancos,/da retaguarda,/salta/ e atropela peões em marcha”. A vertente é social, não só na alusão ao massacre promovido pela GEB nos primeiros anos de Brasília, mas em todo o fragmento que fala na vinda dos peões, dos operários e construtores de Brasília. Deixou consignada a sua grande fé na semente plantada no coração do Planalto Central do Brasil. Contraditória rosa/ explosiva/ De tuas impurezas,/ de tuas asperezas,/rosa queremos-te/ exata./ No altiplano de nossas esperanças,/ rosa-dos-homens/ construímos-te futura./” Narra a gênese de Brasília, desde a chegada dos seus construtores, que rasgaram os mapas e plantaram vida na “terra sáfara”, “de dedos torcidos de séculos”. Na visão épica de Anderson, os mitos são os próprios homens, agrimensores do futuro, que plantaram em calcinado chão a alma da nova cidade. Os pioneiros operários que semearam, nas planuras de carne desidratada, tabuleiros irrigados de sangue e suor. Quantos morreram no sacrifício do trabalho? “Os mortos suportam o peso do porvir”. A vibração social rumoreja em seus versos como inquietação fraterna, humana insatisfação com um mundo injusto. O trabalho humano, o sacrifício do operário, são os veículos propulsores da criação de Brasília e o homem foi a divindade cosmogônica desse milagre fundador: “cruz resumindo sacrifícios,/avião demandando o futuro”. Almeida Fischer comenta que da contemplação serena do trabalho de construção de uma cidade, de sua paisagem de céu e horizontes novos, de sua gente primeira, simples e laboriosa, e da compreensão da importância de uma obra ousada e patriótica, o poeta passou a inquietar-se com o que seus olhos foram vendo e sua sensibilidade aprendendo, num mundo em rápida mudança – a fome, os assaltos, a miséria, a violência individual e coletiva, alimentando poemas marcados pela revolta e pela cólera. Ante a precariedade da condição humana, a mística está na frase final do poema: “rosa dos homens, construímos-te futura”.

Destaco a série de poemas com o título de “Invenção da Noite”, sobre o tema que fascina Anderson e que permeia toda a sua poesia. De fato, o seu obsessivo diálogo com as dimensões da noite suscita metáforas de tons inusitados como esta: “pescam os galos no invertido oceano. Seus cantos são arpões fisingando a aurora”. A presença da noite galopando nos domínios do tempo, as suas conjecturas metafísicas sobre o ladrar dos cães na madrugada: “Choram os cães na atávica lembrança/ de remotas calçadas. Abandono”. A noite lhe é imprescindível. “A noite é quem recolhe essa mais fluida/ secreção da alma: o sonho. Ou, antes, a alma/ em movimento, o ser, que, sendo, cuida/ de fazer-se, recriar-se em louro e palma”./ Transpira em seu estro a força de uma esperança transcendental: “vive-se o dia para a noite escura/que do clarão do sonho se ilumina./”

Os temas metafísicos, que marcam efetivamente a obra andersoniana, aparecem constantemente ao longo de Altiplano e Outros Poemas. O cogitar sobre o tempo se faz presente em diferentes momentos, em que o poeta se dá conta de sua condição de estar no mundo: “Num lugar da noite/ (ao lado ou cá dentro)/ dormem o ontem, o hoje,/o amanhã e o sempre.”/ A consciência de nossa transitoriedade, de nossa fragilidade faz indagar sobre a espada e a lança que descerem as faces do tempo fugaz, onde se desvele o lugar noturno do tempo onisciente. “Onde a espada que/ a armadura rompa,/onde a lança que/ desmantele o escudo e/ mostre as faces do/ tempo simultâneas?/”

Além das questões transcendentais do ser, registra-se no seu estro o embasamento humanístico recorrente, de dolente força, que também constitui corolário de sua poética. Esse fundamento de sua poesia se manifesta na forma de preocupação com a vida humana, como se vê no poema "Luta", nesta indagação que resume um dos dramas cruciais da problemática humana: “quando de amor já não nos mataremos?” Prossegue a preocupação com a dignidade da vida no poema "O Cordeiro e a Nuvem", em que denuncia a insensatez dos “homens que semearam medo e morte de instantânea colheita”. O que angustia é o desassossego provocado pela atitude arrogante e prepotente de alguns seres humanos, que se arvoram da prerrogativa de dominar os outros. A humanidade tem motivos para temer o mandatário que ordena a fabricação de bombas para asfixiar pessoas, animais e florestas. Há motivos para o medo da pretensão dos falsos líderes, que não tem competência para comandar. Surge a inquietação com o destino humano e a constatação de um paradoxo excruciante: “Nasce um cordeiro sob a nuvem atômica”.

A temática familiar também está presente no livro. E é no lirismo de intimidade afetiva que ressalta sua mais alta expressão confessional. Nela o poeta se revela mais terno e fraterno. Os poemas "Criança Chorando" e "Minha Filha", íntimos, confessionais, em que a lírica sobrepuja os ímpetus de preleção coletiva, sua verve se mostra direta, espontânea. Sem sofisticação técnica, elabora uma estrutura frasal simples. E diz em "Criança Chorando": “Tão pequeno e já franzes a testa./ Porventura sabes quanto pranto é preciso para fazer-se um homem/ e te constróis impacientemente”. O anseio de afetividade, a sede de generoso amor se manifesta no poema "Minha Filha". Em "O Legado" expressa sua indignação contra as incoerências, as ações torpes e os gestos vis, motivados pela ignorância da nossa missão de harmonia. Os filhos que dormem, “nada sabem de bombas de hidrogênio,/de injustiça social e mendigos afogados à noite,/ de incúria, de assaltos, do clamor abafado da treva”. Só ao despertarem, no amanhã do futuro, perceberão o legado de insônias de todos os seres conscientes. “E então/ toda a nossa insônia/fica em suas mãos”/.

Tece Marvário num cordame de metáforas em que explora a temática marítima de diferentes pontos de vista. Paisagem, lirismo e questionamento existencial. Considero lapidar o poema "Gestação", pelo que encerra de místico em suas estrofes: "Nos fluidos subterrâneos/de alguma antiga crença,/alguma coisa de algo/ ficou-me, vaga e imensa./ Uma saudade incerta/de algo talvez sonhado,/algo que a alma presente/agora, e é já passado,/ alguma coisa pura/anterior a mim mesmo,/anterior à vida/ e, entanto, inda imperfeita./ Nos fluidos subjacentes/de alguma antiga crença/ --

antiga como a Origem --/ palpita, vaga imensa,/ talvez premonitória/ saudade de aurea esfera/futura -- e já contida/no sêmen da Matéria./" Toda a teoria platônica se resume nestes versos.

O mais interessante em sua poesia é a maneira como trata sob o influxo do misterio, temas cotidianos e circunstanciais. No livro Incomunicação, de conteúdo eminentemente existencialista, o poeta questiona, do ponto de vista filosófico, os conceitos da realidade vital, as essências da vida, objeto da especulação universal, tais como o homem, a verdade, a beleza, o amor, temas eternos da elucubração de todos os tempos. Num verso de perfeita depuração e síntese, assim conceitua o amor: "Amor, portanto: queimar-se, e só sem mais filosofia." No dizer de Alan Viggiano, Incomunicação pretende ser um estudo da angústia humana. Com efeito, o poeta pergunta a si mesmo de onde vem a angústia e constata que "vem da boca fria das horas", que atormenta o homem e que o afoga num "mar de dúvida". No "Soneto Amargo", define a angústia como "saudade ancorada no meu pranto". O livro é todo queixume e perplexidade ante a desordem com que o homem constrói a própria infelicidade. Assustado pela consciência de que "o nosso tempo gerou monstros ilógicos", teme a dor de saber-se "estrangeiro em qualquer terra". A vida apresenta-lhe um enigma permanente: "em vão procuro o mistério além pressentido". O drama da incomunicação que o aflige torna-o "duro, seco e sem romantismo".

A primeira parte de Exercícios de Homem está eivada de protesto contra a prática existencial humana num mundo trágico, em que se criaram sofisticados aparatos a serviço da vida e da morte. É um grito de espanto contra Caim, símbolo e domínio do mundo em que irmãos se destroem, criando a bomba, fomentando o racismo e outras formas de egoísmo, corrupção e auto-aniquilamento. Sua voz é um clamor em face do desencontro dos seres humanos, desvinculados entre si pela moléstia do egoísmo, no drama de sua história espiritual. O aspecto político social se associa ao místico, a partir do primeiro poema do livro, em que se autodefine "mineiro noturno, escavo minas de angústia". De fato, com imagens de mares noturnos de tempestade, de perdição e de encontro, Exercícios de Homem revela a condição humana desde suas origens e demonstra que garimpar pedras de insônia é o exercício de todo homem consciente. Em "As Iluminações" trata com argúcia a questão da criação da vida humana, traduzindo a expressão conflitiva do humano: "A argila era boa?/ Nem tanto./ A forma é que lhe dava algum encanto./ A água era boa?/ Nem tanto./ E é sempre amargo o pranto"./ Em "Os Espantalhos", em nome da melhoria da qualidade de vida, o poeta critica, do ponto de vista ecológico, a atitude inconsequente da sociedade. O homem é o único bicho que artificializa o natural, torna objeto mercantil tudo o que a natureza lhe dá de graça. Escrito com ironia, é um libelo contra a comercialização de tudo, um protesto contra a prepotência das ditaduras. "E assim marcharemos, submissos,/ e empalideceremos,/ até exaurir-se a noite, no amanhecer que a justifique./ Quando os espantalhos arderão na treva/pra iluminar a grande festa dos homens." A noite é arquétipo da ignorância que impera na mente das pessoas, sob o manto da tirania, da hipocrisia, da desumanização. Só o fogo da transformação pode clarear o mundo. Mas há que esperar o tempo das mudanças "até exaurir-se a noite, no amanhecer que a justifique." Nessa alvorada do porvir, os espantalhos, falsos homens,

serão consumidos nas chamas da verdade e se revelarão os verdadeiros homens. No poema "Noturno" também se verifica o emprego do símbolo noite em dicotomia com o seu antípoda. Se "toda violência maquina-se no escuro", também "extrema violência -- no ventre noturno arquiteta-se a rutila explosão do Dia". O Dia representa o alvorecer do novo tempo, projetado pela esperança humanista. O seu combate é vigoroso, jamais acovardado. Sua visão é confiante, jamais derrotista. Mantém assim sua poesia como afirmação de vitória dos valores construtivos e de certeza na dimensão espiritual que inspira as utopias. "Se a tarde, pois, declina em treva densa,/ e tarda o novo sol, que nos importa?/ -- uma utopia está em nós, fazendo-se." Em "Companheiros Vamos", conclama a lutar contra o tempo de delação e calúnia que se infiltra nas consciências como "escorregadio réptil". Em "Infra", denuncia o "tempo de graciosos desvarios e patas, e vômito, e porrada." E nesse período escuro da história humana, regido pelo signo de Caim, resta mergulhar em si, já que "a felicidade coletiva é condição da individual." Em Da Náusea, como em todo o livro, há conflagração, atrito entre os cordeiros da aurora e a alcatéia das tenebras. "Lavar a náusea e,/ solvida a alcatéia,/ entre os cordeiros repartir,/ na aurora, a Terra."/ Em "Antibabel" denuncia o obscurantismo da ditadura que gerou um caos no entendimento da sociedade, transformada em Babel de mal-entendidos, de censura, de incompreensão geral. Resta a perspectiva de reinventar a palavra. Em "Amanhã", declara que "transitamos na treva mas é nascituro o dia". E deplora esse tempo ainda de iniquidade e medo e consagra a vida a espera do amanhã redentor. Então já não semente torres babélicas com os instrumentos de Caim. Ivan Junqueira diz que Exercícios de Homem revela pujança e criatividade dignas de todos os encômios. "Todas as artimanhas da arte poética e segredos da poesia parecem estar sob o jugo de sua mão hábil e versátil. Trata-se de um livro de funda e pertinaz reflexão, e graves acentos bíblicos, crivado de fantasmagorias e augúrios, vazado numa linguagem de absoluta limpidez e plasticidade, de uma riquíssima e insólita imagerie, de inumeráveis inventos e engenhos e, enfim, de um ímpeto contestatório cuja frontal contundência política raramente se vê até mesmo em nossos mais contumazes poetas engagés."

Altiplano e Outros Poemas e Exercícios de Homem receberam da crítica diversos pontos de vista favoráveis. De ambos os livros disse Mauro Gama que "são frutos de uma poética madura, de intimidade compensadora com os ingredientes da língua e corajosa atenção para com os problemas da humanidade presente". Walmir Ayala aduziu: "seu canto tem um vigor, uma seiva bem decidida a florescer. Xênia Antunes louvou as palavras contundentes com que o poeta canta Brasília em poesia lírica. "A forma revela sua decisão; o conteúdo, a emoção. E com estas ferramentas literárias Anderson compôs a história desta cidade cravada no Planalto Central, em versos muito belos".

Em Cronoscópio perscruta as horas, o tempo a fluir em si mesmo num pêndulo que lateja "rios turvos na memória". Ao tecer a renda do tempo em redes de silêncio, redescobre o "céu telúrico" da infância em plena noite urbana. No teatro de sua fantasia, descortinam-se imagens de fauna e flora, "intimidades de capim e orvalho". Das águas do tempo, águas de lama e limo e lodo, emergem os territórios remotos da infância. O tempo se confunde com o mar: "lapidador de rochas, triturador de

angústias”. “A noite, casulo, nutre de seivas de névoa e lua/ o canto dos galos”. A poesia noturna é colhida como aleatória esperança nas antemanhas dos “subúrbios equívocos do dia”. Em "Noturno Inconsequente" observa a noite em que “vibram seres intensos na treva frutificada”. A respeito da missão do poeta, diz que “é na alma que brilham-lhe as estrelas”. E assim define a versatilidade de sua estética (emoção transfigurada): “Tudo cabe no poema -- o claro, o escuro/ o cinza, afinidades, dispersão/ fúrias, mares, exílios, natureza”. José Helder de Souza considera que em Cronoscópio, "como nos livros anteriores perpassa uma funda preocupação com o destino do homem, uma preocupada lamentação das injustiças do nosso mundo".

Os vários prêmios conquistados com seus livros atestam-lhe a credibilidade dos leitores e da crítica. A disciplina com que escreve e distribui seus livros a poetas de todos os Estados brasileiros atestam-lhe a fervorosa devoção e o compromisso com a arte da palavra. Admiro o seu exemplo de organização. O poeta mantém sistematicamente catalogado um arquivo em que guarda cada comentário que a crítica disse a seu respeito. Creio que poucos poetas mantêm de maneira tão metódica o seu acervo de trabalho. Nesse arquivo estão registradas opiniões como a de Drummond, que considerou-lhe a poesia enérgica, de poderosa carga emocional e trabalhada com apuro técnico. Outros pontos de vista destacam, destacando-lhe a preocupação fundamental de sua poesia, além da correção formal, o enfoque da problemática humana e as indagações em torno da condição existencial. Pelo apuro estilístico foi chamado lapidador de diamantes. Pelo poder evocatório e pela dinâmica das imagens e a contenção verbal, louvaram-lhe a variedade estilística. E o nomearam cultor eclético das formas estéticas da tradição e do ludismo contemporâneo, poeta cuja fabulação imagética perquire, com angústia e sede de verdade, as vicissitudes da condição humana.

Almeida Fischer, em estudo publicado no livro O Áspero Ofício, destaca o aspecto reflexivo de sua poesia e lembrou a inserção do poeta na capital ainda em vias de construção, “Brasília não passava de um canteiro de obras, com muita poeira ou lama, com o ruído dos candangos dependurados nos andaimes das construções e a solidão do homem transplantado de outras plagas doendo em cada um”. Referiu-se a Anderson Braga Horta e Santiago Naud como dois poetas que cantaram em tom maior a nova Capital surgida no cerrado do Planalto Central.

Têm razão de sobra os escritores que lhe notaram a apurada sensibilidade metafísica concentrada na insatisfação humana e na cogitação sobre os sofrimentos e o destino do ser humano. José Roberto de Almeida Pinto considera o “sentimento do mundo” o traço marcante da obra poética de Anderson. “Esse sentimento do mundo atravessa o investimento telúrico de Altiplano e Outros Poemas, a pretensa unidade temática em torno de Marvário, as imagens etéreas de Incomunicação, as referências ígneas e bíblicas de Exercícios de Homem. O mesmo sentimento se estende a preocupação social (“E em lances/bruscos/ a cavahada/ dos flancos/da retaguarda,/salta/ e atropela peoes em marcha”). Penetra e transfigura os temas aparentemente místicos (“Atlântida submersa! choramos o teu drama/ como se chorássemos o nosso,/ porque em ti nos aterra o fim do Homem”).

A respeito da obra de Anderson como tradutor Danilo Gomes revela o seguinte: "Por outro lado, poucos o conhecem como tradutor de poesia. Sua tradução (parcial) de As Flores do Mal, de Baudelaire, por exemplo, é distribuída apenas entre amigos, pois não foi editada ainda. As notas, ao final dos versos, demonstram profundos conhecimentos de métrica, esquemas rítmicos e história literária, além de sensibilidade refinada, afeita ao ritmo e à melodia". De fato Anderson se vem exercitando com esmero na arte de captar e transmitir em vernáculo as imagens, o ritmo e a musicalidade de grandes poetas universais, reproduzindo e recriando a fortuna original de poemas imprescindíveis, como é o caso da sua tradução de "Coloquio de los Centauros", de Rubén Darío.

Sobre a poesia de Anderson, atestou Bandeira Tribuzi o seu "inquestionável talento a nível nacional em sua geração...Dono de uma técnica segura e de requintada sensibilidade". Os críticos que se ocuparam de sua obra elogiam-lhe a linguagem sucinta e transfigurada, a riqueza imagética e a dicção própria. Creio que uma das virtudes básicas da poesia de Anderson é a própria variedade temática. Com versatilidade o poeta especula sobre a existência e a palavra, planando nas dimensões do metafísico e do lirismo rememorativo. Sincrético no estilo, na combinação de formas e ritmos, e na elaboração da linguagem marcada por neologismos e arcaísmos, Anderson se revela a um só tempo telúrico e nostálgico, introspectivo na subjetividade lírica, e solidário nas imagens de pura comunhão.

Alguns de seus mais interessantes neologismos merecem destaque: trevalume, anteluz, siderurgente, vitrígneos, arquivindoura, florifauna, cristalígneo, celioníricos, unipluro, altiorvalhada, plumbazúleas, apoese, etc.

Como diz Samuel Penido, Anderson seduz pela paixão acumulada em cada verso. É uma voz rebelde, generosa e solidária que se levanta para cantar os grandes temas do tempo, da infância, do amor, aplicados quase sempre a contemporaneidade. É um contraste se estabelece, desde logo, violento – utopia x realidade, pólos entre os quais o poeta gira e se dilacera. No confronto de sua poesia participativa, há denúncia da intolerância da sociedade contemporânea, há protesto contra a injustiça social.

Com O Pássaro no Aquário a poesia de ABH adquire o cromatismo dos mais puros metais. No cristal-crisol o poeta experimenta a asa aquática, em profusão de mergulho aéreo. Wilson Pereira comenta com propriedade a temática central do livro: a procura essencial do ser. "O eu em questão, ou o ser em construção, eis o fio e o pavo dos poemas do livro". Louva-lhe a precisão vocabular: "poesia cortante, que acula fios de lume e afia gumes para descarnar o eu mais recôndito e expô-lo, ainda molhado de sombras e tonto de luzes, fora do ego, a procura de si diante de si mesmo. A procura de si requer uma retomada da origem, na tentativa da autorecriação. Começar do caos para se reconstruir e se compreender como parte do processo cósmico, esse o intento poético que projeta"... Embora não se encontre no livro qualquer referência ao mito de Orfeu, Wilson Pereira identifica em alguns poemas certa incursão pelo ideário órfico, quando o poeta revela a parcela divina que o homem herdou do Alto em si. A parte IV do poema "Canto Alheio", dentre outras, talvez ilustre essa visão. O poema "Fragmentos da Paixão" "pode sugerir uma descida ao sem-sentido, o sem-nexo dos domínios de "Sombra. Medo. Pavor. Angustia. Inferno". Pode representar, também,

uma descida ao inferno da descreca, da apatia cotidiana, para se tentar salvar o eu superior, divinal, dos eus menores, alienados e enleados na azafáma diária, num paralelo – despretencioso, me parece – com a descida de Orfeu ao Inferno para salvar a amada Eurídice.”

O Pássaro no Aquário é sem dúvida, ao lado de Quarteto Arcaico, um dos pontos culminantes de realização poética. Há nele uma luta do ser para superar-se através da autodescoberta. A libertação pelo conhecer-se a si mesmo que o aproxima das formulações socráticas. As angústias da vida são projetadas em magníficas metáforas que traduzem a ânsia de vôo, de arremesso para além de si, de modo a transcender-se os limites, “criar-me unipluro”. Espanto e conflito coexistem no caos de si, no âmago de si. Trata-se das ânsia de ser definitivo, sabendo-se provisório, “eu postiço”. Parece-lhe difícil a condição de tolher céu, mar, espanto vento, oscilar entre o “monstro de apetites e sonhos” e o “aprendiz de homem”. Saber-se portento para além de si e esbarrar “nos gritos que sou”. Pressente-se oriundo das constelações, vagando na noite do tempo. Sente-se flama em que se derramam milênios de ternura. Mas estar no mundo é ser beduíno em pós do oásis, peregrino que se extravia, ébrio de horizontes: “perdi neste deserto os próprios rastros”, diz no poema “Oceano Terrível”. A ânsia de descobrir-se é uma fúria que o assola. Num reino azul e cinza, entre castelos de sonho e ruína, não saber as nascentes de si, como enchente represada em misterioso dique. Sentir-se impotente, diminuto, mas inflado de visionária esperança: “Pequeno ante mim mesmo, me carrego”. Sentir-se perto do colosso e distante do micróbio. Vizinho do esplendor e íntimo do nada. Telúrico e astral, seu arquétipo é o escorpião, que lhe inspira formidável símile para as vicissitudes da vida humana: “não ser centauro, não ser anfíbio, peixe-pássaro”, ele atira os olhos no alto e, em vez de duas asas, tem oito patas a prendê-lo à terra. O escorpião “não é carne ainda e sonha-se Anjo”. Deste seu corolário elucidante, poder-se-ia inferir outra imagem: a de que o homem ainda não é espírito e sonha-se Deus.

Jurema Barreto de Souza aprecia o grau de metafísica de que se impregna O Pássaro no Aquário. Considera-o um processo crescente de questionamento, de busca da essência de tudo, “do que é, sendo todos, não apenas porta-voz, mas extensão da consciência atávica do Homem. O poeta/homem encerrado em si, no imenso e inexorável conflito íntimo, debatendo-se entre o tudo-nada como um ser quixotesco preso em seu caos cíclico diante do inimigo invisível”. Cita ilustrativamente estes versos: “Quem me tolhe gesto e palavra/ nas antecâmaras da vida?” Em “Eus e Outros Poemas” subverte pronomes e verbos, aglutinando-se aos sentidos: “E contra mins de vento/ arremeto-me lança”; “E vou, vão, ides, vamos, ave grave,/ em deslembração de asas, contra um muro”. Em seu denso ensaio Jurema Barreto de Souza cita versos que revelam aspectos cruciais da diretriz poemática do livro. Refere-se ao “múltiplo eu acuado em sua solidão cósmica, a proximidade da essência sem poder tocá-la”, de tal modo que a poesia se faz “o instrumento do qual lança mão para tentar a frenética organização do caos e libertar-se do seu egocentro”.

Em seu mergulho no enigma da vida, viaja na essência cósmica, mas se sabe pássaro recluso na caverna do aquário, a água se lhe configura como útero dos peixes, lágrima do mundo,imensidão que comporta a fortuna dos ventos e a fecundidade das

trevas. O pássaro de plumas e escamas, desenraizado, sente-se perdido na guerra da preservação e da ultrapassagem de seus limites constrangedores. Quisera ser permanente como peixe na pedra. Ser o pássaro que desvela a fonte de seus arcanos. Mas na dor de saber-se facho em treva ressumbrante, apenas transluz as imagens de sua vertente de ideais: “como no pântano o santelmo, como a lesma de antenas para o espaço”. Nisto reside o desígnio do Homem: ser raiz e asa.

A viagem da vida é trânsito de contraste. “Arremedo de céu que estoura ao rés do chão”. Em lúcido alumbramento surpreende-se com o paradoxo que rege a lógica dos sentidos: “só de escuro céu colhem-se estrelas”. Sua angústia metafísica o leva a indagar sobre o que sabemos de toda a essência. Que sabemos do fim da eternidade. De certo Deus espera-se. Em "Oração", o poeta diz que “além da eternidade/ me espera a eternidade.” No caso, eternidade seria metáfora para Deus. Em seus axiomas monistas descobre que “tudo é alma”. Reconhece-se átomo e deduz: “sei-me o todo. Venho da Terra. Sou terra. Sou a Terra”. Porém, de súbito, num momento de racionalidade cética, dúvida da convicção recebida na luz da comunhão total. E se depara com estarrecedora pergunta: “que sabemos nós, pequeninas consciências, da solidariedade espontânea das partes?”

Para Lourdes Fonseca Ricardo, a área contextual dos poemas sobrevoa as questões que problematizam o inconsciente coletivo. “Detém-se, porém, nas rupturas geradoras de insegurança na relação particular sujeito-objeto. Somos todos condenados à liberdade (situação ambigualmente desejada e odiada pelo homem) na medida em que somos todos "unic". Sob certos ângulos surpreendeu-me encontrar um Braga Horta mais tenso, mais audacioso no jogo de mostrar-não-mostrar seus naipes mais líricos. Até certo ponto consentido, esse entrever pode ser captado no poema "Sobre as Ondas": "Até que venha a morte resgatar-nos/ do absurdo de existir. Ou ainda em "Da Humana Angústia", em que a dor parece moer o já moído, no fim de cada bloco, através do recurso da reiteração. Haurindo das amplidões a linfa pura, contempla o vértice da origem, Mas, lampírio, entre os seres da treva se confunde”. “Abyssus” aponta ao leitor o fundo da água: "Quase todo o meu eu lá está. Mas lá não entro!" E aí encontro área capaz de reter a atenção do consumidor mais exigente: o desespero. Kierkegaard considerava existirem no desespero humano dois estágios: o superior e o inferior -- como todos sabemos. À medida que intensifica sua espiritualização tal sentimento torna-se mais e mais inferior, hermético, demoníaco. Notam os comentadores que há influência de Baudelaire e de Fernando Pessoa nos clamores que lança de dentro do seu aquário, sua câmara de artifício. Qual escorpião, "sempre em guarda,/ dormindo com dois dedos no gatilho." Num compartimento reduzido, o peixe-pássaro aspira pelo céu. Rufla as barbatanas, que quisera asas.

Em demanda da plenitude atemporal, o desespero e o tormento do mundo-aquário "é frio, é susto, é fezes/ no quarto escuro:/ só,/ animal em pânico,/ negas/ o mesmo amor que esperas". Ironia, sarcasmo, mas também ânsia de ascensão povoam a mente relegada à vida entre paredes vitrais. A expectativa que o conforta é o amor, ao qual espera fixar-se "como peixe na pedra".

Recorro ao testemunho de um estudioso da obra de Anderson, o seu amigo pessoal João Carlos Taveira, que no prefácio de Quarteto Arcaico, se refere à trajetória



poética de Anderson Braga Horta, como “manifestação inequívoca de um talento artístico harmonioso, plenamente voltado para o mistério do Verbo, da Beleza e da condição humana”. A seu ver, a poesia pluridimensional de Anderson “é resultado e representação semântica de uma voz em que o eu se manifesta e se estabelece enquanto fala, enquanto identidade. Por extensão, o homem está para o poeta, como o poeta está para a palavra: visceralmente unidos e indissociáveis”.

Taveira afirma que, desde o primeiro livro, Anderson confirma o seu “compromisso com a palavra, no exercício cotidiano de busca da essencialidade humana. Nesta poesia nada é gratuito, artificial. Todo o seu corpo formal e conteudístico se alicerça na estrutura da poesia clássica, pelo que ela possui de barroco, de romântico, de simbolista”. Prossegue atestando que “a força expressional, o conhecimento intelectual e o apuro técnico conferem-lhe uma dicção e uma especificidade criacional incomuns, porque dotadas de uma característica pessoal, intransferível: o caráter e o talento elevando-se como matriz da vida e da obra de um homem”. Compara a dicção de Anderson à de Cecília Meireles, a voz mais musical e regular de nossa lírica moderna e o considera um continuador do canto drummondiano. Considera o poema "Altiplano" um testemunho de que “Brasília há de inscrever-se como berço e paradigma de sua permanência nestas terras de que Dom Bosco viu, em sonho, verter leite e mel, numa profética visão de um novo tempo”.

Quanto à qualidade do Quarteto Arcaico, João Carlos Taveira observa, entre outras coisas, o “altíssimo nível de iluminação da obra de Anderson Braga Horta, por representar, dentro de sua criação, um mergulho dos mais felizes nas fontes da poesia brasileira”. Vaticina a consagração de sua vocação humanista, “sempre voltada poeticamente para os reais valores do Homem, na construção de um mundo mais justo, mais generoso e mais fraterno”.

Cleonice Rainho se reporta à evolução do discurso poético de Anderson, de livro para livro, notando que “cada vez mais se verifica em sua poesia o domínio de variados ritmos, tons e sons. É que o poeta se sente sempre mais intensamente governado pela luz da Poesia”. Destaca, entre as exemplares sentenças de sua prosódia, a seguinte: “Sinto que há dentro em mim um eu que me transcende!” Esta frase lhe permite verificar o quanto a imaginação conduz o poeta a “espaços abstratos, sem perder o controle de sentimento e emoções”. A respeito da temática existencialista de Anderson se reporta à sua “preocupação com a temporalidade humana, com sua maneira peculiar de ver e refletir a vida: “O que devo à Vida/ é esse nada que no peito/ germina em poesia”. Louva-lhe a linguagem “cuidada, límpida, expressiva, vivendo a emoção que vem da alma” e o nomeia “artífice competente nas três chaves mágicas da Poesia: língua, ritmo e emoção”. E cita os seguintes, entre os versos que atestam os paradigmas da fortuna de seu estro espiritual. “Sou um homem da Terra./ Uma gota de Deus”.

Concordo com Cleonice e aduzo que a avidez pelo infinito é uma constante em sua poesia. “O que há é uma ânsia, um grito,/ uma emoção retesada,/ em cuja corda de nada/ embarco para o infinito”. (“Flecha”, “A Cabeça de Orfeu”) ou “Eu vou para onde vai o infinito da Vida.” (“A Tartaruga”, “Onda e Antionda”). Perplexo diante dos prodígios da Natureza, indaga o poeta: “Pássaro, quem baliza teu vôo sobre o abismo?”

Como os pássaros o poeta sobrevoa atmosferas estranhas, vislumbra fazendas aéreas e faz germinar sementes para o tempo. “Em meus lábios uma canção amadurece”.

Kori Bolívia diz admirar as sempre "nuevas imágenes fundiendo y refundiendo palabras, recreándolas. En sus poemas la metáfora lírica fluye cual manantial tranquilo que a veces encuentra paisajes pedregosos y nos emociona, nos lleva a experimentar sentimientos antiguos en nosotros mismos. Es una poesía rica y a veces sensorial y otras racional, pero un racional que sueña siempre y se pregunta sobre sí mismo haciéndonos partícipes de sus otros yos, éstos que también pueden repetirse en cualquiera de nosotros”.

Alphonsus de Guimaraens Filho se refere a Anderson”, em soneto que lhe dedica, nos seguintes termos: “Grande cantor do altiplano, artista fino, envolve no teu verso as mais secretas vibrações, e em palavra cristalina constróis teu mundo e sentes no destino de o construir o que mais te ilumina”. Segundo José Jeronymo Rivera, os Sonetos na Corda de Sol mostram a paciência e a operosidade de Anderson e o consagram um dos mais importantes poetas de nossa atualidade. Nos sete livros que publicou, de *Altiplano* até *O Pássaro no Aquário*, Anderson revela fina sensibilidade e domínio perfeito do fazer poético. Os cento e setenta poemas de *Sonetos na Corda de Sol* começam com "Soneto Antigo", datado de 1961 e já publicado, cerca de dez vezes em diversos periódicos. José Jeronymo Rivera observa a mestria habitual de ABH nas suas inúmeras figuras de linguagem. "Belos hipérbatos, enálages, apossínclises, epímones, sinestésias e antíteses, entre outros recursos expressivos, que se juntam a felizes arcaísmos e metáforas para compor uma pequena obra-prima de bom gosto e delicadeza. A proeza se repete nos demais poemas.” Quanto aos Sonetos na Corda de Sol, valho-me do feliz depoimento de Antônio Olinto, que atesta a presença de Camões no sonetear andersoniano, mas demonstra que o poeta sabe explorar as "usanças antigas", cuja força permanece vitalizada. Conquanto impregnados da cadência dos poetas antecessores, os sonetos de Anderson têm expressão individual. Antônio Olinto exemplifica o "Soneto de singular amor", que embora mantenha intacto o ritmo secular da língua, o tom geral brasileiro.

Tenho convicção de que, com o Quarteto Arcaico, Anderson afirma definitivamente o idioma de sua aventura ontológica, encontra a peça-chave da estrutura do edifício de sua utopia. A descoberta de tal elemento nuclear se anuncia logo na Canção do Início da Jornada, ao vislumbrar, na senda clarividente dos que abriram caminhos, a esperança que transluz no claro olhar do futuro. Como as árvores que “germinam à sombra de árvores adultas”, o poeta bebeu da água que flui em raízes vivificadas. Instilou a alma desta essência que, “suor ou lágrima – água clara – canta nas fontes e nos rios”. A sua viagem pelas Vertentes de Minas trasncorre em ritmo altissonante, marcado de tonalidade épica, ao deparar-se-lhe o lume espiritual de Felipe dos Santos, símbolo de justiça e liberdade, o herói, “irmão de todos”, arquétipo da sangrenta estrela que brilha como a verdade eterna. Com a alma nutrida deste etéreo fulcro luminar, prossegue qual Dante, perplexo frente aos degraus das esferas cósmicas. Recebe então o influxo do mito que frutifica qual semente, sol que domina o espaço, vulcão que brota a lava dos sonhos que não morrem, pois que: “Índa, na morte e na vida, /Felipe nos fala e sonha”. O seu premonitório transporte sonda os ventos de

sedição que arrebataram os três poetas visionários em Vila Rica. No “Romance dos Poetas Conjurados” surgem-lhe os vultos de Cláudio Manuel, Gonzaga e Alvarenga, baluartes do porvir, imersos no ambiente de revolta da conjuração, assaltados por “punhais de delação”.

No “Romance do Caminho de Minas” assoma a majestosa figura do Alferes, envolto em aura de Profeta, a projetar o seu sonho por montanhas e vales, para além da morte, luz que se fragmenta, mas acompanha o povo e alumbra o caminho dos viandantes. Exsurge então a imagem do Aleijadinho, qual mago a infundir alma a matéria que molda, artífice do milagre estético, fazendo “a estátua emergir como dum sopro”. Em seguida ressalta o perfil de Santos Dumont, na fábula em que o poeta o vê semelhante a Ícaro, frustrado o alto desígnio de seu sonho. Assim os pássaros que seu gênio insufla – “gaivotas de aço” mergulham nas trevas da guerra, semeando o horror do fratricídio.

Outros perfis evoca no cenário das visões: o poeta Murilo Mendes, de quem absorve ressonâncias para cantar-lhe o mais genuíno humanismo. Veja-se como Anderson recolhe num verso toda a orientação do espírito de Murilo: “Vim para anunciar que a voz dos homens/abafará a voz da sirene e da máquina”. Anderson também vincula-se, em espiritual empatia, ao coração drummondiano, ao nomear em tercetos a arte maior do autor de Claro Enigma, cultor da flor dos céus, o que ofertou “ao mundo um cálice de aurora”. Por fim aparecem-lhe as íntimas reminiscências: “um canto de passarinho mergulhou-me em meus dias de menino”. Com a ave-saudade o poeta voa dos rios da infância em Minas às manhãs do cerrado. O poema simboliza-lhe a trajetória existencial no tempo, ressuscitando-lhe, entre as sombras do passado, os “áureos fantasmas” da nostalgia, espectros que emergem do “fundo pranto” das coisas vividas.

No capítulo intitulado “A Cabeça de Orfeu” o poeta prolifera sentenças que são achados de concepção maetafísica, relâmpagos desveladores de mistérios. As reflexões destes epigramas prefiguram as indagações fundamentais do espírito. Imersões no insondável de sua profundidade. Exemplificarei tais prodígios de poesia citando alguns dos que mais me agradaram. Impressionou sobremodo “No Grande Mar”, a preciosidade deste canto generoso, humaníssimo e fraterno: “No grande mar, sem ilhas,/ encobertos os astros,/apagadas as bússolas,/inútil o astrolábio,/a única referência / de um barco é outro barco./ Naveguemos juntos.” Anoto também um verso lapidar de “Vésperas”, que enuncia lei universal do espírito, que resume a essência do cristianismo, o veículo moral de toda a evolução humana: “E o amor retorna a mim, multiplicado,/ das côdeas que reparto”. O texto de “Brasão” também guarda uma pérola rara: “como no céu a solitária estrela,/ também o Sonho, heráldico, cintila”. Outro místico envelo se configura nas frases finais de “Sazão”: “Deus lançou nesta gleba a divina semente,/e há de vir recolher a alma estalando em flor”.

Em “Onda e Antionda”, capítulo subsequente, desponta um rosário de sonetos, cuja abertura triunfal é o “Arrebatamento”, de influência camoniana no melhor estilo. Nos sonetos seguintes, metáforas marinhas ornamentam uma série de imagens amorosas. O mar e toda a natureza servem-lhe de esteio para cantar a musa sensual. No transe dos sentidos o corpo em tudo se iguala à natureza, como se vê no terceto final de

“Tranquila Voragem”: “...E bebo o aljôfar cálido que sangras/ na tranquila voragem com que abraças/meu navegar azul por tuas angras”. Todo este soneto, como os demais, está pontilhado da polissemia em que se imbricam os elementos translatos na fusão de uma unidade sincrônica. Os movimentos melódicos de “Onda e Antionda” se expandem como o fluxo e refluxo da música através de todas as coisas anímicas. Ar, água e espírito se fazem partícipes da comunhão, “na humildade das águas: entre/sustenidos e bemóis/inventa-se o mistério da alma.” O Som que perpassa no oceano cósmico é a um só tempo metáfora e essência da vida. O poeta é o sacerdote de Orfeu, a entoar as antífonas do Verbo Vivo que o convida à ascensão ao ponto ômega. “Esta tarde no universo que subjaz em mim/ tudo é também serenidade”. Esta união do espírito com a totalidade da Alma Cósmica é o tom mais alto da humana canção, a mais alta clave do teclado químico da ‘Natureza, a imersão na sinfonia da eternidade. No êxtase de tal contemplação se sente a “ânsia azul” a que o poeta se refere em “Contraponto”, esse maravilhoso anelo “de ser somente luz, acima, imensidade”. E assim, no auge da reveladora verdade, ergue-se a voz que canta a pura realidade: “somos feitos da mesma seiva de luz dos astros”.

Como eximir-me de louvar a versatilidade da alta poesia de Anderson Braga Horta? O poeta permanece em fase de fulgurante inspiração, produzindo cotidianamente. Com tempo livre para dedicar-se exclusivamente aos labores poéticos, desde que se aposentou dos trabalhos de funcionário do Congresso, a sua criatividade se ampliou prodigiosamente. Meses se passaram desde que o visitei em Brasília e desde que comecei a tecer a urdidura destas linhas que até aqui escritas. Quando havia decidido arrematar os derradeiros comentários à sua obra, eis que recebi pelo correio mais dois livros seus, publicados neste ano 2000. Fragmentos da Paixão congrega oito livros que constituem a maior parte de sua obra poética. Na edição, aos seus sete primeiros livros de poesia Anderson agregou o formidável Auto das Trevas, poema dramático de absoluta síntese, que entrega ao sol da verdade o problema da injustiça social. Li de um só fôlego, presa a respiração, este vigoroso libelo de denúncia, de ritmo tenso, pelo explosivo conflito dialético que suscita angustiante expectativa. Em seguida tive a grata oportunidade de ler Pulso, o mais recente fruto de sua colheita, opúsculo repleto de preciosos luzeiros em forma de poesia. Elegante edição reveste as joias lapidadas de seus cantos e epigramas. Em Pulso se verifica mais uma vez versatilidade com que o autor maneja os elementos da composição, a mesma habilidade com que combina os tons e as inflexões temáticas de variado espectro. Da ironia do testemunho existencial ao ímpeto de ascensão espiritual, Anderson perscruta a alma humana, a Natureza e o mundo com sua peculiar argúcia de artífice da palavra. Com esse instrumental que se vem afinando cada vez mais, Anderson sabe unir as cogitações do inefável às vicissitudes do cotidiano, alma e memória a um só tempo embevecendo-se com a música do mundo e abominando a miséria do mundo. A generosa voz do poeta a serviço dos humaníssimos princípios, que o verbo poético transfigura em metáforas instigantes, reveladoras de universais verdades. Para que o leitor tenha uma idéia do livro, citarei apenas estes três versos do poema Subumanidade, de espantosa incandescência, contundentes como um facho de luz: “O universo é infinito?/ Para quem tem fome/ é melhor que haja um fim.” Creio haver

tocado neste ensaio em alguns aspectos essenciais da poesia de Anderson Braga Horta. Resta reiterar-lhe meu apreço em obstinado epílogo. Viva pois o “mineiro noturno”, cantor das dimensões do humano, da concretude biológica e social da vida aos píncaros das abstrações espirituais.

## AS IDÉIAS MAGNÂNIMAS DE ARTUR DA TÁVOLA

Movido pela idéia de estudar o pensamento de Paulo Alberto Moretzhon de Barros, ou mais precisamente o cronista, poeta e contista Artur da Távola, componho o presente texto à luz de comentários à sua obra e de declarações fornecidas pelo próprio escritor, em entrevistas concedidas a periódicos. Aproveitei também um depoimento colhido e anotado durante conversa que mantivemos no dia em que o visitei no Congresso Nacional.

Para entender sua forma de ver o mundo podemos partir de sua declaração de que, embora não se diga otimista, sente-se tocado pela esperança. Vê a vida segundo o ideal cristão: tem Deus como esperança. Diz que ainda não teve a graça de tê-lo como certeza. Acredita, como dizem acreditar o Papa e Fidel Castro, que virá um novo tempo em que a ciência terá mais fé, a fé mais ciência, e a arte menos competição. Tem momentos, insights de religiosidade, mas resvala frequentemente no absurdo existencialista, que aliás "nada indica que seja tão absurdo". Contudo, declara que a morte lhe parece uma “sacanagem cósmica”. Relembra que, em campanha, viu a seguinte pixada no muro de cemitério, como um clamor político: "a morte é uma merda". Conquanto o cristianismo, visão generosa do mundo, ajude-lhe a desenvolver a capacidade de ser generoso, diz Artur não ter relação direta com nenhuma religião. Acha que religião a gente deveria torcer, e não ter. Como o espiritismo é a que melhor resolve a questão da morte, torce pelo espiritismo. Torcer, nesse sentido, é incorporar os valores do alvo das nossas atenções. O catolicismo é inteligente mas resolve mal a questão da morte. Resolve bem a vida, mas não a morte. A propósito do tema, recordei

o discurso que Artur da Távola pronunciou na Tribuna do Senado por ocasião do falecimento de Darcy Ribeiro, a maneira como louvou-lhe a coragem e a força de suportar a morte “com a mesma alegria do homem-criança que sempre foi”. Darcy confessara que apenas sentiria uma imensa saudade da vida. E é a vida, esse dom supremo, que Artur da Távola expõe sob todas as perspectivas em sua prosa como em sua poesia.

Não lhe importa a opinião daqueles que só o vêem como político e lhe transferem antipatias geradas por essa atividade. Responde escrevendo. Responde com sua obra literária. Autodefine-se assim: "Sou escritor de nascença, jornalista de profissão e político por dever". O escritor que se atira na política é alguém que resolve atuar, porque o elenco ou o enredo o fascinam. O escritor busca a verdade. O político busca a vida. "Não há vida útil sem verdade. Não há verdade legítima sem a vida. Criar é manter a vida viva".

Com relação à arte de escrever à qual apaixonadamente se dedica, declara que: "de tanto viver escrevendo já não escrevo: escravo!..." Esteve exilado no Chile e teve seus direitos políticos cassados nos “tempos de chumbo”. A esse respeito, confessa que lutou contra a ditadura sem haver sido herói. Declara-se tímido sem chegar à inibição e afirma que se relaciona mal com o poder. Dispersivo, sabe que as suas muitas vidas interiores não cabem na vida que tem. Por amar o paradoxo e os enigmas, considera os suplícios da mitologia a melhor expressão de vida. Prometeu, Tântalo, Sísifo e outros nos ensinam que "suplício não é tortura: é luta permanente, lida e esforço infintos. A vida é suplicial, por isso a fé é possível." Acredita ser a verdadeira tarefa do escritor a de encontrar almas gêmeas capazes de sintonia. Encontrar meios de grafar as verdades e observações próprias, que operarão o milagre da funda empatia. Jamais refrear o impulso criador, jamais deixar escapar vivências, idéias, temas. Através da inspiração e do trabalho braçal de desenvolver as ideias e aprimorar o texto, fixar a percepção luminosa, nos raros momentos em que esta ocorre. Quanto ao sucesso, acha que a verdadeira vida do livro começa nos sebos. "É quando ele é procurado por sincero interesse". A mente criativa lhe advém de um esforço desinteressado, um fluir boêmio de pensamentos ou idéias. Mas há sempre um drama para quem escreve: a percepção do real está sempre além do arsenal vocabular. Diz ele num poema: "escrever é sina, espanto e faina. É ser e estar onde me sonho".

Assim traduz o seu enlevo pela arte da crônica: "A crônica é uma canção que entoamos em louvor do ato de viver, embebedados por seus acasos, variações e construções sempre imprevistas". A virtude da crônica é "registrar a dor, o encanto, o riso, o escárnio, a ironia, a lágrima, a capacidade de pensar sobre o contingente e o necessário". Sendo tímida e perseverante, a crônica pode no entanto conter a filosofia do cotidiano e da vida que passa. A melhor crônica não se escreve. Sendo expressão das contradições da vida, ela nos escreve, inscrita na sensibilidade comum. Por isso ela deve ser rápida como a percepção e demorada como a recordação. Dentre seus autores prediletos, Álvaro Moreyra figura entre os imprescindíveis. Dele relê diariamente trechos do livro As Amargas, Não, gênero híbrido de reflexões, diário, memórias, crônica. Cultiva o gênero "por ser grande companhia para o ser humano". A crônica lateja a vida interior, coisa essencial em nossa sociedade extrovertida, do consumo e

das aparências". Ao evocar flagrantes da vida, "ressuscita a vivência do ser consigo mesmo, seus espaços de silêncio".

O nome Artur da Távola surgiu-lhe por circunstância, mas também por contingências da ditadura militar. Em 1964, escrevia no jornal Última Hora sobre televisão. Como já tinha outra coluna, tinha de usar pseudônimo. Depois transferiu-se para O Globo e a coluna repercutiu mais e foi ficando o nome Artur da Távola. Veio uma lei da ditadura, de 1982, já no começo da abertura, que obrigava quem quisesse concorrer a cargo político e tivesse pseudônimo ou apelido, incorporá-los ao nome. Alguns de seus documentos têm o pseudônimo e outros o nome. Recordo o vexame que passou no dia em que viajou com o passaporte que tinha o nome Paulo Alberto e a passagem com Artur da Távola. Teve que explicar o assunto num idioma que não falava.

Em sua vida política já foi deputado pelo PTB e participou do MDB e do PMDB. Fundador do PSDB, deixou o partido em 1999, decepcionado, ao perceber que a posição social-democrática continuava apenas em algumas pessoas. Na atual crise de organização partidária no Brasil, os partidos não se renovam, contaminados pela própria cúpula, que ao assumir um governo municipal ou estadual, toma conta de tudo, domina as convenções e subtrai ao partido a sua vida interna. "Um partido, quando perde a consciência crítica, perde o sentido de ser".

No âmbito da ação política Artur desenvolve importante trabalho cultural no Congresso, tendo homenageado diversos poetas e escritores na Tribuna do Senado. Tem feito periodicamente discursos sobre temas culturais como os que pronunciou em louvor das virtudes intelectuais e humanas de Darcy Ribeiro e a homenagem que rendeu ao poeta Cruz e Souza. Acredita desse modo contribuir para contrarrestar a tendência exagerada de se associar a política às questões econômicas. Tem consciência da necessidade de levar a cultura a todos os ambientes, por ser ela mesma um bem de primeira necessidade, que tem a ver diretamente com o dia-a-dia da nação e o futuro do país. Como o Congresso anda "meio dominado pela mídia, tratando prioritariamente de todos os pontos que a mídia trata: a questão econômica, a luta pelo poder, ou questões administrativas, a política tende a ficar confinada a esses temas". Atrelar as articulações políticas à realidade exclusivamente econômica, é tratar a economia como ciência de fins, quando ela é de meios. A economia deve ser política, portanto, "se uma ortodoxia econômica está massacrando a população, ela deve ser mudada em sua rigidez". Para contrarrestar esse vezo dos parlamentares tecnocratas investe na questão cultural, que traz a discussão dos valores humanos mais profundos e essenciais. A Casa Legislativa precisa de expressões culturais como a poesia e a música. Nesse particular Artur da Távola tem aportado o seu contributo para a saúde mental do Congresso.

Confessa-se leitor incondicional de poesia, que lê sem preocupação crítica, sem julgamento da qualidade. Observa que na voracidade de nossos dias, a imprensa se dedica a falar mal e a dizer do que não gosta, esquecendo o lado bom e ameno da vida, o prazer de encontrar almas-irmãs e usar a palavra como traço de união entre os povos. Que importa saber se Beethoven é melhor que Brahms? Ou quem é maior, se Goethe ou Dante? O importante é estar aberto para receber a poesia. Recordo a história do monge que vivia falando do zen e subiu montanhas para ser iniciado. Na hora da

cerimônia do chá, o Mestre encheu a xícara e ela transbordou. "Mestre, tá transbordando", avisou o monge. E o sábio respondeu: "Essa xícara é como você. Sabe muitas coisas interessantes, mas é preciso esvaziar." Depois de citar esse interessante relato da tradição budista, falou-me de seu apreço pela poesia de Dante Milano. Apesar de dedicar-se mais frequentemente ao gênero crônica, que constitui a quase toda a sua obra, Artur escreve poemas desde o início de sua carreira literária. Publicou Calentura, com sonetos que ele qualifica de inortodoxos, herméticos e outros mais diáfanos. Considero importante assertiva o seu conceito de que a arte retira a memória humana do poço da solidão, fazendo-a fraterna, gêmea, comum a outros, mesmo sendo individual.

Segundo Artur da Távola a poesia só começa quando o poeta pensa que acabou o poema. "O poema é somente um dos seus condutores, talvez até o mais aparelhado. O poema é apenas um escravo ou coadjuvante da poesia. E o poeta é o herói mitológico que nasce do casamento da deusa poesia com o mortal poema. Alça-se à procura da deusa, que em especial concessão olímpica, deixa-se alcançar, desde que o poeta não se embbede com o verso, com o poema ou consigo mesmo". Ao receber a a permissão de levar o poema para o julgamento da poesia, o poeta é escolhido pela poesia, e não o contrário. O poema embora nem sempre alcance a poesia, pode revelar vislumbres do que ela é, pois a representa no que ela tem de superior beleza. A elevada concepção estética de Artur da Távola impescinde do exercício poético. Sua poesia, como a obra em prosa, tem raízes existenciais. Colhe subsídios líricos na observação do cotidiano, como nos versos sobre os proféticos gatos do cemitério do Caju (monges de sempiterna ocultação /famintos guardiães de rituais de olvido/ os gatos (n)os esperam a saída do velório... Os gatos clamam em silêncio ao vazio do entendimento humano..." Também no poema sobre o jogo de sinuca, em que os jogadores são "expectantes jacarés de salões enfumaçados". A mesma nota da vivência no mundo se verifica na ironia de "Ato de Contrição": "Ah, como somos sob medida! Sub metidos, hirtos, bem vestidos/robos impecáveis, ilusão de vida". O melhor de sua poesia é portanto esse estudo dos objetos do mundo, como se ve em "O Livro": "flórea e flava espada/de benção e alecrim". Contudo, a sua arte oracular nao se restringe as cousas dos sentidos materiais. Imerge nos domínios metafísicos, como no ecológico perscrutar do Sereno: "gotas do mistério abissal". Num vislumbre panteísta, capta os responsos de auspiciosa atmosfera, em comunhão com "a umidade do silêncio" e "a alma do cristal". Louváveis são ainda as preciosas metáforas de "Aprendizado", no qual o poeta indaga sobre o mistério além dos limites do eu – os dilemas em que o ser a um sé tempo é e tenta ter acesso ao conteúdo do nada, onde espera Deus. Um dos seus melhores textos é sem dúvida o "Labirinto", pleno do questionamento da inserção do eu nas dimensões da vida. Nele há excelente percepção filosófica do problema do conhecimento, em sentenças escritas com economia verbal e com o exercício bem sucedido da técnica palavra-puxa-palavra: "Penso aquém do que alcanço./Alcanço além do que sei./Sei menos do que posso./Posso aquém do que adivinho./Adivinho além do que conheço./Conheço menos do que intuo./Intuo tanto quanto imagino./Imagino mais que verbalizo./Verbalizo aquém do que precebo./Percebo menos do que se revela". Noutro



poema, intitulado "Pneuma", faz raros trocadilhos com os morfemas, entrecruzando substantivo e verbo: "Preciso de ar/ de ar dor/de arder/doer-me o ardor".

Impressionado com a produção poética no Brasil, e mais impressionado com a quantidade de poetas bons que não estão nos setores da mídia, Artur mantém contato com todo circuito desses poetas, ciente de ser esta uma possibilidade viável de divulgação e uma forma de confraternização. Mesmo porque quem compreende melhor o poeta é outro poeta. E há também o poeta de leitura, isto é, o que não produz poesia mas é poeta na condição de leitor. Comentando a desproporção entre edições e livrarias, Artur denuncia o fato de não se estar conseguindo comercializar o livro corretamente. Há também o problema da falta de leitores. Nesse sentido, não podemos esquecer as implicações do problema da educação. Não há professores suficientes para atender a demanda por educação no Brasil. Como consequência disso, sofremos todos os brasileiros, sobretudo os escritores.

Demonstrando devoção pela poesia, rendeu, em plena Tribuna do Senado, justa homenagem a Cruz e Souza, em seu centenário. Compareceram à ocasião autoridades de Santa Catarina e até o amigo poeta Iaponan Soares de Araujo, biógrafo do grande poeta catarinense. Mostrando sua admiração por Cruz e Souza, destacou-lhe o espírito aguerrido com que lutou contra opressão social, os preconceitos da sociedade em plena luta abolicionista e as dificuldades econômicas que enfrentou, sublimando o sofrimento em poesia. Os "Últimos Sonetos" demonstram a redenção de uma vida de autosofrimento, vida fadada ao conflito entre a sensibilidade do gênio poético e "os abismos carnis da triste argila". A infância foi sofrida, embora apadrinhada pelo pai adotivo, que deu alforria aos escravos antes da hora e lhe permitiu o estudo. Como a sociedade ainda escravocrata não admitia o negro naquelas alturas intelectuais, foi-lhe negado o direito de assumir um cargo público. Mas o poeta tudo compreendeu com um sentimento superior: "O ser que é ser e que jamais vacila/ nas guerras imortais entra em susto,/Os abismos carnis da triste argila/ Ele os vence sem ansias e sem custo.../O ser que é transforma tudo em flores.../ Estes versos estampam o que foi a luta entre a depressão e a redenção. Cruz e Souza tem sua estatura em "Missais", que funda o Simbolismo no Brasil, e em "Faróis", que aponta caminhos. Mas nos "Últimos Sonetos" acontece a poética da transformação da dor e neles Cruz e Souza utiliza com o aperfeiçoamento do tempo os recursos que o Simbolismo lhe oferecera, a musicalidade e o cromatismo do texto, de modo a exprimir o sofrimento e a visão da morte como uma diluição no todo. "De que âncoras profundas se socorrem/ Os que penetram nessa noite escura!/ Da vida aos frios véus da sepultura/ Vagos momentos trêmulos decorrem.../ Descem então aos golfos congelados/ Os que na terra vagam suspirando/ Quando já se encontrava tísico o poeta imergiu numa visão beatífica da vida e mostrou extrema capacidade de sublimação: "Quem anda pelas lágrimas perdido, sonâmbulo dos trágicos flagelos... /É quem deixou para sempre esquecido/ O mundo e os fúteis ouropéis mais belos./ E desprende-se dos canais anéis!/ florestas e mares rasgando/ entre raios, pedradas e metralhas,/ Ficou gemendo mais ficou sonhando!"

Regozijo-me ao ler o discurso de Artur da Távola a respeito do poeta que também tanto admiro, exatamente pelas mesmas razões explicitadas pelo orador que tão sabiamente o recordou no Senado. Belíssimo o teorema poético de Cruz e Souza,

buscando o encontro da palavra com a música, as sonâncias que despertam sentimentos extra-rationais, suscitados pela linguagem musical. Senti perfeita empatia com a idéia desse elogio ao poeta, que como Machado de Assis foi menino pobre, filho de escravos alforriados, e mostrou imensa capacidade de superação e força de vencer pela arte. Mas à diferença do autor de Quincas Borba, Cruz e Souza não teve acesso aos setores aristocráticos da sociedade brasileira e nem liderou a elite cultural na Academia Brasileira de Letras. Ao contrário disso, foi massacrado até à hora da morte. Sem dinheiro para que se lhe transportasse o corpo de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, teve o seu cadáver jogado em um trem de animais, onde conseguiu uma vaga para transportar o corpo para o Rio de Janeiro, onde foi enterrado. Estes versos por si exprimem a sua profunda compreensão de tudo: "Como um gladio soberbo e refulgente/ Vai abrindo sacrário por sacrário/ Morre com o teu Dever! Na alta confiança /De quem triunfou e sabe que descansa /Desdenhando de toda a Recompensa!/"

Como político e jornalista atuante em todos os meios de comunicação, Artur se preocupa com o fenômeno da mídia e o estuda do ponto de vista ético e estético. Afirma que a mídia está dominada pela idéia da notícia como espetáculo noticioso. Este assunto é focado com profundidade no ensaio "A Cultura do Hiper Real", no qual o autor demonstra a distorção da comunicação gerada pela apresentação da notícia com a alteração de aspectos da realidade para influenciar o receptor.

Quanto à televisão, trata-se de veículo superficial que jamais deve substituir num país o sistema do livro. A leitura leva ao aprofundamento da cultura, das idéias e dos conceitos. A televisão opera horizontalmente uma extensão no campo da informação. Não leva ao aprofundamento. Eu que sou rigoroso crítico da maneira como a televisão se vem desenvolvendo, digo-lhe que se deveria ser suprimir a maioria das suas imagens, já que o essencial é a verdadeira cultura, documentários, reportagens, entrevistas, etc. Contudo, concordo com Artur quando ele afirma que o tempo de televisão não toma o tempo de leitura. Quem tem o hábito de ler sempre arranja tempo. No livro A Liberdade do Ver, Artur explica que a televisão opera na estética da superficialidade por ser de sua natureza operar na superfície dos sentidos. No conjunto som, imagem e palavra, em que opera, a televisão exige pouco dos órgãos sensoriais, que não precisam se mobilizar como numa exposição de quadros, na leitura em si ou numa audição musical. Exatamente por ser sincrética, aproveitando um pouco de cada expressão artística, a dinâmica natural da televisão é permanecer na estética da superficialidade. O lugar da visão é o quadro e o museu. Se a televisão atuasse nos domínios profundos dos sentidos ela poderia até roubar o espaço de todas as artes. Mas não se pode negar que ela é uma espécie de oráculo contemporâneo. As pitonisas da TV nos dizem viver. Nelas desfilam o delírio e a esperança do homem.

É positiva a invasão das tevês por assinatura e antenas parabólicas, pois amplia a concorrência entre os canais e os leva a concorrer com as redes internacionais. Artur discorda de Nelson Rodrigues, quando certa vez escreveu que a televisão matou a janela. Artur considera a televisão uma grande janela. Alguém já a chamou de quinta parede de uma sala que abre para o mundo. Do ponto de vista cultural, contribui em parte para a unificação do país em torno de alguns temas... Por outro lado ela deixa de

ajudar em setores nos quais poderia estar atuando. Em nada ajuda na formação das crianças. Ajuda muito pouco no tocante a formação de padrões brasileiros de cultura.

Há mesmo certa influência negativa de algumas figuras proeminentes no multi-mídia show como provocadoras precoces da sensualidade na infância. Há uma questão conflituosa entre o processo macro da comunicação e a educação, problema que tem a ver com toda uma visão da sociedade que criamos na era da globalização. Daí a importância da cultura humanista, que pergunta sobre os valores em torno dos quais se busca uma civilização, os valores em torno dos quais obtemos avanços significativos no campo existencial.

Mais importante que a diversão dos sentidos é a cultura do livro. A política de livros e de leitura deveria desenvolver-se paralela à expansão da tevê, para que possa o País haurir a natureza vertical do conhecimento, a possibilidade de aprofundamento e expansão dos elementos racionais. A cultura do livro, que estimula a racionalidade, deve correr paralela às novas formas eletrônicas importantes, como a tecnologia do cd-rom, do rádio, da televisão. Elas são complementares na formação do conjunto da percepção humana. O cd-rom reaproxima a palavra da imagem e recupera, de certa forma, a palavra que a televisão fez desaparecer. O rádio é outra forma eloqüente de desenvolvimento da palavra, cuja importância anda esquecida no Brasil. Atualmente o rádio, salvo iluminadas exceções, vive atado a uma cultura do descartável, entregue, na maioria dos casos, a uma linguagem chula, e à falta de exercício de dramaturgia com a palavra falada. “Frequentemente as emissoras de rádio nada mais fazem do que macaquear a sinxatase norte-americana. Quando ligamos um rádio brasileiro não sabemos se estamos em Atlanta, New York City, ou Cascadura”. A questão do livro no âmbito da sociedade brasileira remete à da educação. Não pode haver êxito na modernização da sociedade sem população educada. E uma população educada é basicamente uma população de leitores.

No livro A Telenovela Brasileira, Análise e Conteúdo Artur da Távola estuda o fenômeno das novelas brasileiras. Atingindo um público de mais de 80 milhões de pessoas todos os dias, e exportadas para mais de 130 países, as telenovelas completam cerca de 30 anos de experiência. Entre as peculiaridades do gênero, Artur critica certa pasteurização que se tem feito através de fórmulas. Por exemplo, na novela das sete, todos os homens têm que aparecer sem camisa. Pasteurizou-se a idéia de que só sem camisa o homem é um animal sensual. Grave é também o fato de que, principalmente a Rede Globo, tem colocado modelos no lugar de atores. Isso tem concorrido para a perda de qualidade artística. Seria conveniente desenvolver-se mais a fórmula das mininovelas, de formatos compactados, em séries de aproximadamente duas semanas. É lamentável que as novelas parcialmente gravadas fora do eixo Rio-São Paulo tenham o mesmo conteúdo, variando apenas o ambiente externo. Não são feitos dramas regionais, com a utilização do contexto histórico ou geográfico das cidades onde são gravadas. “Já houve tentativas com a Bahia, que têm características nacionais pela obra de Jorge Amado, mas essas tentativas foram mais para conquistar o mercado das cidades do que para ser expressão da cultura local”.

Nos livros de crônica Artur ironiza as deficiências da televisão: "Com o repeteco de tantas novelas, por que não as chamar novelhas?" Determinada programação

chifrim transforma o indivíduo num “relespectador”. Ressalva, porém, que depois do controle remoto o poder foi restituído ao receptor. Agora o fruto da comunicação é a seletividade e não mais a massificação. O controle remoto é um poder de Zeus, um raio pelo qual mandamos no Roberto Martinho, se quisermos tirá-lo do ar. É uma varinha de condão pela qual sintonizamos noutros continentes. Às vezes as pessoas se acomodam e se esquecem que têm tal poder na mão. A televisão, instituto aberto, vem perdendo pontos, gradativamente, com o tempo. Ela ainda é muito forte no Brasil, porque ainda somos um país atrasado. Mas as classes A e B já tem o cabo, a televisão via parabólica com mais de 100 canais à disposição e a Internet. “Aí é a revolução!”

A Internet, a seu ver, é uma revolução igual à de Gutemberg. Ao ampliar a interatividade da comunicação, cria um tipo de interação que deixa de ser comunicação de massas e passa a ser comunicação individual reiterativa. É interessante observar como está acontecendo uma concomitância de três eras diferentes. A primeira, a do circuito aberto ou da TV de massas, a segunda, a do micropúblico, que corresponde à era da TV a cabo e da TV por satélite tipo parabólica, e a terceira, a era da Internet. São tempos diferentes convivendo no mesmo tempo. Artur se entusiasma ao falar da era da Internet. A seu ver ela significa o retorno à palavra. Considera-a uma revolução, uma grande anarquia, altamente democrática e que vai exigir um homem muito mais inteligente, que vai sair do estado de massa, porque ele trabalha sozinho, com a sua individualidade. A escritura via eletrônica significa o renascimento de algo que a televisão ajudou a desaparecer. Tem um aspecto intelectualivo, literário, já que há tanta informação sobre literatura na Internet. Através dela se pode ler jornais do mundo inteiro instantaneamente. Ela proporciona a "leituração", que não é a literatura enquanto escrita como arte, mas propicia o convívio com a palavra, através da leitura de artigos de jornal, de correspondência pessoal, etc. Equivocou-se quem pensava que tudo isso ia prejudicar o livro e a leitura. O livro continua tendo o seu status mais alto do que o resto. Afinal os meios de comunicação não são excludentes, são includentes, cada um operando numa faixa dos sentidos. Não existe o meio completo e nem os sentidos operam por integralidade, salvo na conversa interpessoal. Um opera pelo ouvido, como faz o rádio, outro pela palavra escrita, etc. E eles são complementares. O importante é saber que está passando a era do comando da sociedade através da televisão. Há opções novas como a "leiteratura", que é a escrita como forma de comunhão, empatia, informação, comunicação. Nela o importante é o efeito comunicativo, a forma simples de penetrar em problemas complexos. A capacidade de relatar os impactos entre a sensibilidade de quem escreve e a realidade ambiente.

Ao manifestar-se sobre política internacional, Artur da Távola criticou os bombardeios promovidos pela OTAN contra a Iugoslavia. Da maneira como procedeu, OTAN criou uma opinião pública favorável a uma Iugoslavia dirigida pelo terror dos sérvios radicais. A causa deles, que era a menos defensável possível, foi minimizada diante da brutalidade e da repressão estúpida da OTAN. Questiona, a propósito, por que os Estados Unidos não destruíram a China quando ela invadiu o Tibet. Violência por violência... Mas os chineses são mais respeitados. No entanto, morreram até cidadãos chineses com a destruição da Embaixada da China em Belgrado. Quantas guerras começaram por erros dessa ordem. Na Primeira Guerra Mundial, um

assassinato provocou um conflito de proporções globais exatamente na mesma região. Só o gênio Tito conseguiria reunir os grupos dissociativos do Estado iugoslavo num regime socialista não totalitário.

Depois falou-me de música. Na audição musical Artur encontra o seu melhor transporte, sua fantasia, a "descoberta de novos sentimentos, antigos como o tempo". De gosto eclético, Artur diz gostar de música bizantina. Gosta da obra de ressonância do rito bizantino em Rachmoninov. Ouve sempre a "Missa de Véspera" e a "Missa para São João". Ouve diariamente Gabriel Fauré. Gosta da sua música evanescente, sutil, recatada. Aprecia especialmente as seis primorosas obras de câmara do compositor francês. Os dois Quartetos com piano, "Opus 15" e "Opus 45", os dois Quintetos com piano, "Opus 89" e "Opus 115", um Quarteto só de cordas, "Opus 121" e um Trio com piano, "Opus 120". Também as Sonatas para violino e piano, a "Balada para Piano e Orquestra" e a "Suite de Peleas e Melisando". E ainda o "Réquiem", que é uma maravilha. Quanto a Racmaninov, chegou a divulgar em rádio uma série de 12 programas sobre a sua obra. Diz que era um reacionário genial, alguém como Brahms, retardatário, mas gênio. Massacrado porque retardatário, e porque pôs o sentimento em primeiro plano, num século de racionalismo. São belíssimos os seus Concertos para piano, sobretudo o de número 3, embora o mais famoso seja o número 2. Na parte sinfônica, aprecia sobretudo as danças sinfônicas. Das Sinfonias, a de número 2. E a já citada "Missa de Vésperas", de rito bizantino. Cito aqui uma comparação encontrada em uma de suas crônicas: Garrincha seria o Mozart do futebol. Diz ele que Mozart não fazia música, ela é que se fazia por intermédio dele. Ressalta então a complementariedade entre música e poesia. Goethe dizia: onde acaba a palavra começa a música. Artur da Távola diria: onde acaba a música recomeça uma nova palavra, num ciclo infundável e enigmático de complementações.

A propósito de música, na crônica intitulada "Abel e a Clarineta", Artur se confessa impressionado com a relação da clarineta, instrumento a um só tempo melancólico e alegre, e o homem, ente que transforma a respiração em som. Embora buliçosa e até gargalhante, a clarineta inspira reflexão e nostalgia. Aliás, não vê separação entre música clássica e música popular. Pode-se ouvir com o mesmo encantamento tanto o "Quarteto em Lá", Opus 115 de Brahms, quanto os melhores chorinhos brasileiros. Admirável a expressão barroca do chorinho, a improvisação e criação que ele suscita no ritmo e nos cânones harmônicos, como se vê em Jacob do Bandolim, Pixinguinha, Altamiro Carrillo, Waldir Azevedo, Benedito Lacerda Anacleto de Medeiros e tantos outros!

No livro "40 anos de Bossa Nova" Artur estuda a origem e o desenvolvimento do movimento musical que projetou o Brasil em cenários internacionais. Observou a Bossa Nova desde o seu começo, na década de 50. Sua adolescência foi indelevelmente marcada pela "década linda" em que apareceram os talentos dessa fabulosa inovação da música popular brasileira. Foi um tempo em que a Guerra-Fria ainda não estava tão acentuada. Era o período de Juscelino, o Brasil começava a se conhecer, se renovar, a acreditar em si mesmo e abrir-se para influências. A Bossa Nova surgiu do confronto criativo entre as influências importadas e o movimento nacionalista. Artur era vizinho de Newton Mendonça. E conhecia Tom Jobim de vista, em Ipanema. Colecionava a

Revista da Música Popular, da década de 60, e penetrava nos shows de música das boates do Rio, mostrando aos porteiros a carteirinha da Rádio Ministério da Educação. A cidade era amena, a juventude era de poucos recursos e boate custava caro. Mesmo assim, Artur assistiu ao nascimento do samba jazz de Johny Alf e Leni Andrade, e emocionado viu nascer a Bossa Nova nas canções do Orfeu da Conceição. Ao escutar “Tristeza não tem fim, felicidade sim” e “Se todos fossem iguais a você” sentiu que ali havia algo de novo, o ritmo, a alteração na síncope do ritmo. O violão de João Gilberto e a voz de Elizete Cardoso no disco de Tom e Vinícius. Depois veio o “Desafinado” e o “Samba de uma Nota Só”. Observa Artur que, conquanto tenha durado pouco do ponto de vista da criação, a Bossa Nova continua a ser cantada 40 anos depois. Ela evoluiu de uma fase inicial, lírica, com Tom Jobim e Vinícius de Moraes, para a fase de descontração e desconstrução, com a antiletra de “O Pato”, até o período político, com Carlos Lyra e outros. A intenção era apenas renovar a harmonia musical. Mas depois de 1964 a Bossa Nova deixa de ser revolução no ritmo e continua como influência. É quando ela encaminha o protesto político. A geração de Chico Buarque e Edu Lobo se impregnou da Bossa Nova, enquanto Vinícius e Tom continuavam paralelamente a criar, incorporando ritmos africanos, com Baden Powell. Ela é um amálgama de tendências que atravessou fronteiras. O ritmo da Bossa Nova ensinou ao jazz a possibilidade da improvisação e músicos do mundo inteiro tiveram oportunidade de tocar samba com bateristas brasileiros. Embora não seja tão popular, pois é produto da elite, ela é representativa da inesgotável criatividade brasileira. E a riqueza do Brasil consiste em ter essa variedade que vai dos valores culturais transmitidos pelas raças negra e indígena até invenções como a Bossa Nova, ideada pelo branco, classe média, zona sul. Na verdade, a exemplo do samba, que fusão do ritmo de origem negro com a velha modinha das elites dominantes, a Bossa Nova é uma ruptura na elaboração cultural da própria elite brasileira. Distinguindo-se da música européia, gosto que até então caracterizava a elite, a Bossa Nova é uma espécie de dissonância na preferência da burguesia brasileira. Como a virtude do Brasil reside nessa inventividade variada que resulta da fusão das três raças formadoras, Artur afirma que o destino do nosso país é ser feliz, não ser potência. Se ele conseguir chegar a realizar a felicidade que lhe reserva o destino, realizará a si mesmo, em profundidade. Ser potência acaba corrida armamentista, terror, Clinton jogando bomba nos outros...

As crônicas de Artur da Távola são marcadas pela fluência de um estilo versátil que as aproxima do ensaio e da poesia. Narrador do transitório, pensador do permanente e cantor do êxtase, Artur manifesta-se ora filósofo, disfraçado de cronista, definindo, conceituando e analisando as vicissitudes da vida, ora poeta, derramando ao vento um canto de esperança e de emoção.

A linguagem da crônica favorece a expressão da realidade variada dos aspectos da existência. Através dela Artur viaja nos meandros da filosofia coloquial e profunda, perscrutando os segredos da consciência humana. Medita sobre o reconhecimento da dimensão própria e sobre como fruir o novo, o criativo. A verdade do sentimento humano, o que o homem tem de puro e de impuro, seu ânimo e sua tristeza, suas esperanças e carências, a plenitude que só se acha quando se pára de procurar. Tendo como mestres, entre outros, Álvaro Moreyra, Miguel Torga, por seus “Diários”, além

de Machado de Assis e Rubem Braga, acredita que “influencia é algo que se tem até exercê-la”. Enfrentando o desafio de conciliar leveza e concisão, simplicidade e complexidade, agudeza e sensibilidade, engendra sua obra com o cuidado de preservar o teor literário e a dramatização inerentes.

O livro Amor A Sim Mesmo inicia com um prólogo em que Artur destaca o caráter polivalente da crônica, que tem um pouco de cada gênero e permite exercitar o conhecimento das coisas, de si mesmo e do mundo. Em vasto leque temático, observa e retrata o humano, em seus paradoxos e lances inesperados, analisa-lhe as nuances da emoção e do sentimento. Ajuda-nos a pensar o mundo ao denunciar o drama humano. Constata que o homem colocou a máquina e o progresso material como as únicas medidas importantes do seu ato de viver. Diz da importância da educação como instrumento de libertação do homem, comenta o sentimento anticristão da sociedade do ter. Como a matéria-prima de sua arte é a vida, reflete sobre a complexidade da personalidade humana e do amor, e se extasia com a beleza das mulheres. Às vezes, sua técnica se vale apenas da ficção, outras vezes as cenas são tão reais, tão absoluta a verossimilhança, que parece haver anotado os casos no calor dos acontecimentos. Uma frase resume-lhe o anseio de compreender o fenômeno existencial: somos paralelas que se encontrarão numa dimensão de integralidade.

Na primeira crônica do livro revela-se sempre aberto ao mistério: “a vida inteira é a entrada na caverna de si mesmo, vale dizer, nos mistérios íntimos. Há que descobrir nos caminhos do labirinto o que conduz a verdade”. Afirma que, embora povoados de monstros, devemos optar pela luz. É na caverna interior que se ocultam os tesouros da alma. Narra, na crônica “Encontro Clara Cem Anos Depois”, quão pressuroso correu à sua casa para ouvir na rádio um trio de Clara Shumann, viúva de Robert Shumann, que foi depois amante de Brahms. Na emoção de ouvir a grande mulher que conviveu com o drama do gênio enlouquecido, sentiu-se “invadido por uma paz ancestral”. E regozijou-se de sentir a densidade do mistério das uniões humanas cimentadas na afinidade superior ao tempo, à vida e à morte.

Com humor e filosofia vai recolhendo e transfigurando temas amenos e cotidianos, como aquele em que imagina o que diria a uma mulher com quem paquera num posto de gasolina. E em seguida o drama de outra mulher, uma vizinha que abre a janela, numa tarde de Ipanema, o faz meditar sobre a dor de cada pessoa em sua trajetória existencial. Noutra crônica, tenta adivinhar o que conversam quatro mulheres num restaurante no Leblon. Como elas parecem falar sobre fatos e pessoas, não de angústias ou lembranças agônicas, imagina um diálogo com a mais atraente delas – supõe como reagiria se lhe falasse de súbito da consciência de aprender a viver, se lhe dissesse que viver, muito mais do que saber, embeleza o ato de existir... Reflete depois sobre coisas do cotidiano: alugueis, racionamentos, compromissos diante da transitoriedade de tudo... Pensa no tempo e suas consequências: “o tempo não passa, dói”. Mesmo quem não pensa no tempo vive a sofrê-lo. Mas no desespero de saber a vida efêmera e assustadora, compreende que “na eterna fusão de tudo, talvez a morte seja apenas um novo espaço do fluxo eterno das coisas, e o que chamamos vida apenas um pequenino elo, tão tenaz que, enquanto dura, nos transforma em pretenciosos namorados do infinito”. Na crônica “Conheces a Ouvirtude”? questiona as dificuldades

da comunicação. Nota que muitos receptores não ouvem o que o outro fala, mas o que querem ouvir (o que já pensavam a respeito daquilo). O que há, em geral, são monólogos simultâneos à guisa de conversa. Há o tipo "Chato Parlapatão", o sujeito que aparenta intimidade, começa perguntando e quando se abre a boca para responder, já interrompe e toca a falar. Há sujeitos sem interesse pela opinião alheia, que só estão pensando no que vão dizer. Então o cronista deduz que talvez isso seja causa de tantos desentendimentos que há no mundo. E ressalta a importância de se procurar compreender em sua extensão e profundidade o que o outro está dizendo. "Ouvir implica uma entrega ao outro, uma diluição nele". Não ouvir é um mecanismo de defesa em que as pessoas "se livram da retificação dos próprios pontos de vista, da aceitação de realidades diferentes das próprias. Livram-se do novo, que é saúde, mas apavora". O falar sem fim é um mecanismo de defesa maníaca diante da dificuldade de se enfrentar o real. Ainda na linha da comunicabilidade interpessoal, trata do "sim" e do "não". Observa a palavra matizada nas sutilezas do discurso, o seu distanciamento do significado original, as ocasiões em que "o sim é sim" e "o não é não", e quando não são uma coisa nem outra, isto é, quando nenhum dos dois é o que se pronuncia. Quantas palavras haveria que inventar entre o sim e o não para se chegar do não ao sim? O autor deste lúdico raciocínio linguístico constata que o espaço intermediário entre um e outro não é o talvez. Não e sim devem ser momentos de extrema autenticidade num mundo de muita censura e pouca ordem, onde cada qual deseja a comunicação como expressão do seu pensar e todos condenam quem vê o mundo por diversa ótica.

Noutro texto recorda o momento da infância em que ia com a garotada ver os pescadores e puxar o arrastão. Devaneia na memória dos odores de peixe, na visão do desespero fléxil dos peixes, na alegria de repartir os peixes não-rentáveis, largados ao chão. E compara o destino àquela rede: "vai colhendo quem menos espera, não se sabe por que".

Na crônica "Perdão, Criança" estuda a problemática do mundo contemporâneo através de dados sinistros sobre as condições de vida no planeta, em que a produção de armas tem muito maior importância do que a educação de crianças. Enquanto crianças padecem de escassez ou contaminação de água, aumentam diariamente os gastos militares em todos os países do mundo. Em 1982, ano da edição do livro, no Brasil, de cada cem crianças que entraram na escola, vinte e sete terminam o primário e menos de dezessete entraram para o segundo grau. Nas estarrecedoras circunstâncias em que as potências continuam ostentando suas ogivas nucleares nos quatro cantos do mundo, "a vida sobre a face da terra é, a cada dia, um milagre diante do qual, em reverência diária, devemos agradecer".

A mensagem de "Manga, pelo amor de Deus" é uma crítica sutil à paradoxal deterioração da qualidade da vida nos tempos atuais. Num tratado poético sobre a arte de saborear frutas, louva a dádiva, a profusão, a presença viva de Deus no alimento frugal. No entanto, guardadas em frigoríficos, as frutas perdem o sabor e o teor nutritivo. Lamenta que os agricultores colham mangas verdes, que apodrecem antes de amadurecer. O poeta W.H. Auden avaliava o nível da sociedade pelo estado dos bosques. Artur o avalia pelo nível de sabor das frutas. As idéias de "Tempos



Decadentes” complementam a apreciação dos hábitos da sociedade contemporânea. Ao criticar os vícios do comportamento nacional, o instinto transgressor do povo, sobretudo no trânsito, Artur constata que aumenta cada dia o volume de carros e o número de infrações e ineptitudes. Nessa mesma linha escreveu “A Síndrome do Agudo”, em que denuncia as agressões sonoras da civilização eletrônica. A síndrome das ondas sonoras emitidas na frequência aguda em lojas, nas ruas, comerciais de televisão, auto-falantes de restaurantes, buzinas, canos de descargas e sirenas revelam falta de sensibilidade para desfrutar o silêncio e a música ou o grau de neurose das pessoas. Em qualquer das hipóteses, não se pode negar a crise da humanidade deste século. Retoma a mesma linha de pensamento no texto de “Papo-de-Anjo Cheio de Mosca”, comentando outros problemas e desafios da vida urbana. Morrem rios, destróem-se florestas, contaminam-se produtos alimentícios e há carência de alimentos, ante a espantosa explosão populacional em muitos países. Além disso, tudo parece fazer mal ou estar infectado. Tergiversa, então, sobre a arte de saborear e as contra-indicações de cada alimento. Os homeopatas condenam hortaliças pela inoculação de agrotóxicos, e peixes, pela contaminação de metais venenosos. Os cardiologistas proíbem carnes e ovos pelo colesterol. Massas e doces pelos triglicerídios. Afinal o cronista deixa no ar a pergunta: como conciliar o prazer do paladar ante a gastronomia da cozinha brasileira e os cuidados com a saúde, sem hipocondria informativa? Continua a explorar o tema em “O Mundo dos Oito Bilhões”. Cogita sobre a perspectiva de termos de “saber viver no formigueiro”. Precisamos encontrar formas de convivência diante das condições impostas pela macrosociedade. Para tanto é necessário mudar a maneira como vivemos. Os 5 bilhões de habitantes atuais se multiplicarão para oito ou dez nas duas próximas décadas. Artur da Távola nos reflete sobre o fato de já haver passado o tempo das disputas ideológicas e no entanto, cerca de dois terços da humanidade ainda vivem em condições inferiores de vida...

Tendo eu morado em Sófia, cidade onde os cachorros dominam as ruas, achei divertidíssima a crônica “Ode ao Gato”, que nos faz optar pelos felinos em detrimento dos caninos. Não que tenha passado a detestar cachorros apenas porque na Bulgária alguns deles se revoltam contra a gente pelas ruas. É certo que me tornei “gato escaldado”, depois de sofrer ameaças de um cão que mora na calçada da Embaixada alemã, coincidentemente pastor alemão mesclado com vira-lata. Contudo, mais do que as antipatias do bicho que vive e transita na rua onde moro, e me atravanca o caminho, a defesa que o cronista faz das virtudes felinas é sobremaneira convincente. Artur afirma que o gato é um “italiano educado na Inglaterra”. O silencioso bastar-se do gato, a maneira independente com que se relaciona com o ser humano, a sua afetividade sem cobranças ou veemências, sua relação com o que está, a forma como enfrenta a solidão (caberia a expressão “estoicismo felino”), revelam aspectos esotéricos em seu comportamento. Artur pressente que o gato se relaciona com fluidos, auras, fantasmas amigos e opressores. “É médium, bruxo, alquimista e parapsicólogo. É um monge portátil, sempre à disposição de quem o saiba perceber”.

Noutras crônicas expressa preocupações ecológicas. Torna o tema palatável, temperando-o com a devida dosagem de poesia que ele pede. Lembra a tonalidade das

folhas outonadas das amendoeiras da Praça General Osório. Recorda a névoa que paira de noite naquele logradouro de Ipanema, “mistura de maresia com a densidade do ar”. Só quem tem sensibilidade percebe que emergem duendes das amendoeiras, árvores filósofas. Seu amor pela natureza se manifesta em “Diadeus”, em que recorda um dia extraordinário, com o céu azul do Rio de Janeiro, composto de todas as doçuras da cor. Um dia em que se via com nitidez a distância entre os Dois Irmãos, as ilhas, separadas, como são, na perspectiva do mar, em frente a Ipanema. Naquele dia pleno da alegria de ser dia, como um momento de êxtase da própria natureza, o céu sem nuvens, plenitude azul, com a mais agradável temperatura, propiciava o equilíbrio exato das coisas vivas. Suas antenas de sensibilidade captaram e transmitiram a maravilha que se manifestara naquela ocasião. Como não sabia exprimir toda a beleza daquele momento de ternura cósmica, desandou num fluxo de neologismos: “dia plenilúdico, festidão, plenitonal, sublimetido às leis maiores da harmonialma univermel.” Tem semelhante teor poético a crônica “O Jardim”, em que estuda o simbolismo do jardim, íntima metáfora do espírito humano, referência determinante para a poesia e a psicologia. Jardim está associado à interioridade do ser. O Eden é arquétipo nas culturas hebraicas cristã e islâmica. No zen budismo é lugar de fruição e meditação sobre o eterno fluxo das coisas. No “Cântico dos Cânticos” é aparece como metáfora de sensualidade. O poeta bíblico prova frutos secretos e se dulcifica com as essências e o mel, e se embriaga com licores filtrados em aromas. As preocupações ecológicas de Artur estão sempre eivadas de sua visão poética da vida. Ao ressaltar o contraste entre a desnaturação urbana e o esplendor que deflui dos pássaros e das árvores, recorda a Praça da República, onde por exemplo, em pleno centro do Rio, garças se divertem no vôo do amor, e passam gansas de passo miudinho, cheias de desengonço ou esquilos ariscos e comilões, ao lado do metrô moderno ou do ruído brutal das descargas de milhares de motores a explosão. Reforça o tema em “As Árvores do Piabanha”. Mas nesse caso deriva para um pertinente discurso de protesto em que lamenta vivermos sob tensão no mundo contemporâneo, ameaçados pelas patologias do neototalitarismo, das ditaduras da tecnologia e da economia supranacional.

O seu senso de humor ressalta no capítulo intitulado “Leve Humor”. Nele se encontra a crônica “Conjuntural ou Recorrente”, na qual ironiza a fala intelectual, cheia de preciosismos técnicos e sofisticações, artificialidades livrescas. Mais adiante, em “Tecnoburocracia da Embromação”, fala a respeito dos despachos burocráticos, frases de quem não quer ou não vai fazer, ao gosto dos tecnoburocratas. Cita exemplos de frases da pseudo-eficiência da tecnoburocracia, tais como: “a presente proposta deve ir a nível de pesquisa”. Ou esta: “Com cópia para o setor de orçamento”. Ou ainda: “Ao setor de planos e programas para coordenar os fluxos”. Também esta: “Para o parecer da câmara técnica...”

Graciosa leitura podemos fruir na jocosa história do movimento para criar o “Corredor Cultural” em vias de transporte. Um dos membros da Câmara Técnica, o arquiteto Ítalo Campofiorito, comparece a programa de televisão ao vivo e o entrevistador lhe pergunta como é ser um corredor cultural, se ele corre todos os dias, etc. Ele, para não deixar mal o interlocutor, responde: correr é um hábito saudável... E o entrevistador insite: “e o que o atleta deve fazer para ser um corredor cultural? O Sr.

consegue ler durante a corrida?” Ítalo tira proveito da ocasião e sagazmente responde: “corro perto do Teatro Municipal, da Biblioteca Nacional, dos Arcos da Lapa, da Sala Cecília Meireles, etc. E como a prefeitura está fazendo um projeto com o nome de corredor cultural, fiquei conhecido por Corredor Cultural”.

O capítulo “Falando de Amor” tem matizes temáticos que fluem na mesma corrente do livro Amor, Ensaio de Enigma, pura filosofia do amor, que comentarei nos próximos parágrafos. Essa afinidade se nota sobretudo na crônica “Relação Aberta”, na qual invoca Eros, o único deus que a nada e a ninguém se subordina, por ser o portador do mistério de sobrevivência da espécie. Ele inspira a tese da relação aberta, que parece inviável pois na verdade prática amorosa o coração exige fidelidade. Destaco, ainda, do citado capítulo, frases antológicas como “só a maturidade retoma a importância da inocência”. “Viver tem essa disjuntiva: o que ilumina, dói”. O texto que mais me atraiu, contudo, foi o de “Contágio de Bem, Contágio de Mal”. Nele o cronista fala de como descobrir as pessoas vendo-as sempre em ângulos novos, sem paralizar o conhecimento na impressão fixada. E alude a uma estranha constatação de psicologia poética: contagiemo-nos da parte nossa pela qual somos vistos, julgados e considerados. Também contagiemos os que nos julgam. Daí o mistério da afinidade. “Quando queremos dizer algo para quem se afina conosco, encontramos as palavras precisas, fluentes, adequadas. Dizer exatamente o mesmo para um não afim, bloqueará a expressão, torna-la-á imprecisa, difícil, obscura”. É preciso mudar a ótica restritiva das impressões cristalizadas que temos das pessoas.

Os livros Mevitevendo e Diário doido tempo se destacam pela mensagem lúdica, de variada tonalidade, que transita entre o anedótico e o insólito, entre a prosa de esquina e o ensinamento de alta espiritualidade, perfazendo, com grande senso de humor, uma síntese de sabedoria filosófica, fruto da experiência e do talento do escritor, do jornalista e do parlamentar. Ao longo da obra de Artur da Távola a dicotomia entre o pensador e o artista se verifica no amálgama de percepções que o cronista enfoca: os fenômenos inerentes ao homem, à profundidade e à superficialidade que há no pensamento humano, os sentidos da vida e a poesia da infância e da saudade.

Tendo por cenário a dimensão subjetiva do ser, pessoas, experiências e paisagens desfilam no palco de suas evocações, que se mesclam às reflexões metafísicas, recordações de momentos e proezas de adolescente e meditações sobre os deveres de um “pai contemporâneo”, plenas da espiritualidade imanente às coisas simples. No livro Mevitevendo, despertou-me especial interesse a sua visão sobre o relacionamento entre pai e filho. Doutrinando como educador, o autor constata que as experiências dos pais só servem aos filhos depois da experiência vivida por eles mesmos.

Suscitando questões cotidianas e fundamentais, para contrarrestar desvalores e desmandos, o cronista bebe na sabedoria milenar: “muito ajuda quem deixa florescer, sem tanto intervir”. Em sua tentativa de compreender a “aventura da própria fraqueza”, com a esperança e a vontade de plenitude e satisfação existencial, celebra o valor da amizade, relação em que há admiração pelas virtudes e compreensão dos defeitos do outro. E anseia sempre pelo ideal do saber, simbolizado no desejo de estudar São João

da Cruz. Não se trata de “hiperatividade defensiva”, como algum psicólogo neurótico poderia definir. Trata-se da própria vida clamando por sua realização mais plena, a vida em si, cujo enigma o artista da palavra decifra com maior verdade.

Sem sofisticções de linguagem, com a palavra do cotidiano, mas transmitindo essências, o discurso literário de Artur da Távola por vezes lembra a dicção doutrinal de um Kirkegaard, um Gabriel Marcel, um Karl Jaspers, pela profundidade de sua formulação. Por vezes adquire a singeleza lírica de um Walt Whitman, de um Wordsworth ou de súbito, tem ressonâncias de Vinícius, ao cantar a magia das paixões. Abrangente na consagração do humano sentimento, amplo na viagem da verve existencial, gira um carrossel de apelos no desvelo de suas memórias. E em seu amoroso transporte, um anelo de contacto com a transcendência. Suas lições de não saber viver o que sabemos da vida, seu “querer o gosto do efêmero aceitando os limites”, as grandes constatações universais da alegria e da imperfeição temporal, tudo fala de espiritualidade e almeja o alívio de tensões e conflitos.

Leio com júbilo este cantor das coisas simples, que no despojado gênero da linguagem direta, escritor -- servo da liberdade, e político -- servo da realidade, sabe tão sutilmente tocar o coração do leitor. E ao desfrutar de tal leitura, participamos do “susto da vida”, e compartilhamos os “grandes tesouros que poucos descobrem”. Com este ator e autor, vida e verdade se integrando no elenco e no enredo, aprendemos que “a liberdade dá a cada qual o direito de escolher caminhos originais”. Que é preciso aprender a “testar o que se sabe com humildade”, distinguir o ninho da arapuca”, “esperar as estações cantando as canções da colheita”. Identifico-me com a sua busca de compreender e viver a outra parte do real -- a vitória que é procurar, com atitude positiva, a virtude, a sensibilidade, a justiça e outros valores, antídotos contra a “hipertrofia do funcional” que vige nos tempos hodiernos. Aprendo também que o perdedor pode vencer sempre, quando sabe sentir a vida como um perdedor-ganhador, pois “tristeza é bom” quando somos bons e nos nutrimos de autuismo e outros sentimentos de afinidade atemporal. Trata-se da procura das possibilidades do silêncio, necessidade que o espírito tem de “deixar fluir o mistério individual”.

Garimpeiros nas ínvias plagas do mundo, precisamos procurar jazidas de verdade. Carente de paz e amizade, infenso aos distúrbios contemporâneos, ao barulho e à competição, o ser sensível protesta contra os gritos, a decadência social e moral e o trânsito enlouquecido. Lamenta a dor de conviver com a inoperância, a exploração, o roubo e o engano das falsas questões. Haverá remédio para a morbidez da sociedade humana? Sim! As reminiscências da Ipanema da infância, que o tempo guardou em algum lugar da memória. As amendoeiras da rua Vinícius de Moraes que mostram nas folhas o crepúsculo do verão. A certeza de que existirá sempre em nós um recanto de mangueiras, pipas e idílios da poesia da infância. Nisto consiste o prazer de viver. Nisto e não na ânsia edonista de desfrute sem consciência, que causa sofrimento ao outro. E depois destas lúcidas conjecturas, o pensador nos exorta a buscar o novo, que consiste em não negar o mistério e não temer a verdade, que é coragem da esperança e saudade oculta, “o tempo sem cicatriz do que passou”. “A tristeza vaga das dores sem solução”, o que a ausência faz relembrar, a grandeza misteriosa do amor. E eis que o seu estro se volta para o horizonte do amor. Saber amar é o fundamento da vida. Força

encantatória em que o ser se enleva e se enleia, o sentimento de perda é componente do seu enigma. Amor, “complexo exercício do enigma de viver”. Com a voz do filósofo, adverte: o amor, remédio para todos os males, solução para os traumas da educação, “é descoberta e não conquista. Amar é adivinhar as pessoas a quem se ama”. Com a mística do oráculo, acrescenta: “Viver o amor na plenitude de seu mistério é a força maior da vida e da natureza: Deus”.

Com a deleitação do poeta, sonha com a Lagoa de Araruama, põe rede na varanda e bebe refresco de groselha. Enfada-se nas reuniões monótonas, sem objetividade, e se encanta com um arco-íris que surge em pleno jogo de futebol. A verve do seu imaginário nos faz indagar que razão misteriosa e maravilhosa coloca o arco-íris no caminho dos homens. Idólatra da natureza, comove-se com a floração das paineiras, “árvore sacerdotiza de mistérios vegetais”.

A respeito de “Diário doido tempo”, declara que não sabe bem se se trata de um diário, se de crônicas, se de memórias ou reflexões. Tudo está imbricado, variado, ora nostalgia, ora prosa poética, ora humor, ora desabafo. De fato, às vezes o discurso assume um caráter confessional mais íntimo e dorido. Às vezes tem a racionalidade sensível com que mostra, através de Carlitos, que não se deve deixar de ser quem se é, a despeito das “seduções do poder ou da dominação”. Em sua crônica intitulada “O Homem Original”, defende a tese da originalidade de permanecer fiel às origens e às peculiaridades individuais. Para tanto, há que manter viva a criança no ânimo e na natureza de si mesmo.

Prepondera nos livros de Artur da Távola a intencionalidade da reflexão ética, o pensar a vida em seu âmbito relacional e sensitivo. O “Decálogo de Pedestre”, por exemplo, é um tratado de humanismo que deveria ser aplicado nas grandes cidades do Brasil e do mundo. Que bela formulação, o conceito de “Produto Interno Cordial, Humano e Democrático”!

O núcleo da obra literária de Artur da Távola é a vida em seu vasto espectro de diferentes cores, universo de inescrutabilidade ou singeleza. É o homem mesmo, que nasce, cresce e evolui, que murmura, fala e grita, que sorri, chora e sonha, que enfrenta os obstáculos inerentes ao seu caminho. O homem, argila que deve moldar-se a si mesmo, no movimento do equilíbrio, para que a inteligência sirva ao propósito de demandar a força que há no centro do ser, o espaço de sua plenitude, sua conexão com o cosmos. Para tanto há que desenvolver harmonia e paz. Sem paz não existe amor. Amor se expressa pela paz. Em paz, livre de sintomas inferiores, podemos conciliar as energias da vida e revelar ao mundo o esplendor de tal descoberta. E cantar o amavio, o tempo da vida como fluxo eterno.

Dois textos filosóficos seus me chegaram às mãos através da revista Contato, editada por seu gabinete no Senado: “A Cultura do Hiper Real” e “Livre Pensar”. O primeiro trata da influência do hiper-realismo e do expressionismo na educação extra-escolar e nas comunicações contemporâneas. Esses dois elementos ideológicos e estéticos estão revertendo a tendência dos séculos passados, em que predominavam a razão e a visão romântica da vida. O jornalismo contemporâneo recebe o influxo de técnicas inspiradas em tais elementos, que se manifestam na forma de instâncias novas, como a de distorcer as figuras pela ênfase emotiva, de modo a alterar aspectos do real

aparente. Expressionismo e hiper-realismo comandam o processo comunicativo da pós-modernidade através de técnicas de apresentação da notícia. Nota-se na fotografia, na paginação dos jornais, na projeção de imagens de TV, de comerciais e de clips a técnica de imprimir expressão ao que se focaliza, fazendo a realidade aparecer mais próxima do espectador, aumentada por lentes, aproximações ou destaques, ampliando assim a estranheza, com o propósito de provocar reações. Desse modo se atribui vigor à imagem conotativa, se distorce o real sem dele se afastar. O rock e o clip são exemplos da universalização da linguagem expressionista, pela linguagem da fragmentação, pelo valor emotivo, pelo teor de denúncias e os esgares de repúdio as formas racionais de comportamento.

O hiper-realismo informativo opera com a meia verdade, a aparência, o indício, o sintoma, sem análise crítica. Cria uma realidade própria a partir da notícia, que não é a realidade em si, mas uma nova aparência da realidade tomada pelo ângulo de ênfase selecionado pelo comunicador. Vivemos a era da notícia como espetáculo hiper-real, da realidade tomada pelo detalhe enfatizado, da realidade extra-informativa, em que as empresas competem pela audiência que advém da maior densidade dramática. São relegados ao segundo plano os jornalistas que apenas informam, subindo ao primeiro aqueles que envolvem a notícia no teor do espetáculo. É comum ouvir-se nas redações de jornal expressões como "esquentar a matéria", "aquecer a nota", "está muito fria", "não deu lide", termos que denotam a intenção de mobilizar, impressionar, levar a realidade até seu limite expressivo e ultrapassá-lo, colocando a hiper-realidade do espetáculo noticioso sobre o limite expressivo da realidade.

Com o questionamento da influência do hiper-real nas técnicas de informação, Artur nos remete à imprescindível reflexão ética sobre o sistema contemporâneo de comunicação social. A maior parte das notícias são transmitidas com excessiva ênfase em aspectos mórbidos. É necessário observar o sentido e o resultado da comunicação, em meio ao ciclo vicioso gerado pela preferência (ou pseudo-preferência do receptor e o estímulo gerado pelo emissor). Ao focar um detalhe com lentes de aumento, o hiper-real se utiliza da verossimilhança, da meia verdade e da conotação que fazem supor ser o real focalizado a única ou "a melhor" expressão do real. Ao destacar um elemento da realidade, faz com que toda a realidade seja tomada por aquele elemento. E dessa maneira disfarça o propósito de impressionar para influenciar ou dominar. Esta é a modalidade da informação como poder.

É necessário pensar o difícil problema de como exercer a comunicação de modo democrático, de como subordiná-la a princípios éticos. A dificuldade de comandar esse processo é tão grande que dele não se dão conta nem mesmo os seus principais responsáveis. Essa reflexão envolve as relações entre a política e a informação, situação das mais complexas, já que o comando e a orientação da sociedade se vem fazendo mais pelo noticiário do que pela política.

Também na literatura o hiper-realismo é a tendência mais contemporânea. A obra de Rubem Fonseca expressa, com clareza, a força e o vigor do hiper-realismo, na forma de denúncia do horror contemporâneo, da violência, da barbaridade de nossos dias, de todos os delírios humanos.

Portanto, vivemos tempos não mais da notícia regida pelas regras do espetáculo, pelas regras da dramaticidade, caracterizada por uma forma ilusória com base na verdade, capaz de comover, de impressionar, de retirar o cidadão da passividade e colocá-lo numa atitude positiva ou negativa de adesão ou rechaço. A notícia-espetáculo inunda as pessoas com dados e elementos de natureza emotiva, pois para o espetáculo o importante é o antagonismo, o escândalo, a falcatrua, o bizarro, o grotesco, o feérico. Esse tipo de consumo como informação tende a alterar substancialmente o comportamento da sociedade.

O mais insólito é que, à proporção que o homem contemporâneo alarga os condutos de sua consciência e sensibilidade, aumenta a possibilidade de ser condicionado a pensar segundo o que desejam os comunicadores ou os que estabelecem estratégias por trás e até por dentro deles. O modo sedutor de apresentação das informações, os mecanismos de interrupção da faculdade crítica constituem uma ditadura que age subrepticamente nas filigranas da carga emotiva e do envolvimento. E como os conteúdos da mensagem hiper-realista nem sempre são controláveis, o resultado “pré-tendido” por vezes ultrapassa o controle do emissor e provoca reações maiores que as esperadas. E o hábito gerado no receptor da comunicação acaba por torná-lo o verdadeiro agente da comunicação. Quando se tenta justificar as mostragens de violência com frases tais como “dá-se a violência porque o leitor e o telespectador querem a violência”, não se está mais a analisar o que motivou esse processo, essa preferência, o que faz mobilizar traços sadomasoquistas do comportamento das coletividades. O intercâmbio perverso se estabelece a partir daquilo que deseja o receptor e é alimentado por quem comanda o processo da comunicação. É assim que a comunicação sai da instância informativa, com as suas características de objetividade, de vinculação aos fatos, de respeito à individualidade, de preocupação ética com o conteúdo, o sentido e o resultado, e envereda pelo espetáculo noticioso. E não apenas no Brasil, mas, talvez, no mundo inteiro, se vê o espetáculo hiper-real, o espetáculo do noticiário diariamente despejado sobre a população de todo o mundo.

Pelo artigo “Livre Pensar”, fundamentado em conceitos jungianos, o autor alerta para o cuidado com o sentido de manipulação da publicidade e da propaganda. Segundo o sábio doutor Jung, pela credulidade exagerada por meio da propaganda inverte-se o sentido da crença na palavra e o cidadão pode ser enganado com falsos compromissos políticos. A credulidade é um expediente a que sempre recorre o neurótico, com a finalidade de acalmar em seu próprio coração a dúvida, ou para expulsá-la da sua existência. A doutrina jungiana mostra que a separação do homem de sua natureza instintiva gerou o conflito entre consciente e inconsciente, espírito e natureza, saber e fé, numa cisão patológica que leva ao perigo da aceitação da imagem do mundo retratada pelo racionalismo científico. “Se pensar e sentir perdem sua íntima polaridade, e se a orientação religiosa se torna ineficiente, nem mesmo um deus está à mão para impedir a agitação dominadora das funções psíquicas desencadeadas”. Então “precisamos perguntar ao homem interior a respeito das coisas que fazemos no mundo exterior.” Erigir a razão como rainha absoluta é esquecer as demais funções que completam a sua integridade do espírito.

Apesar de surpreender-se com os desvios da conduta do homem contemporâneo, a visão de Artur da Távola é de esperança. É verdade que o homem dispõe de meios cada vez mais eficientes para concretizar sua inclinação para o mal. Não se pode negar que a cultura industrializada tenta cada vez mais submeter a cultura aos ditames da indústria. No entanto, haveremos de encontrar sempre formas de expressão que nos apresentem o que nos seja essencial.

A extroversão natural da sociedade tecnológica e de mercado faz fluir toda a energia psíquica no sentido do objeto. O ícone da sociedade industrial é o objeto fabricado em série, cuja energia flui na direção da matéria e não do saber. A sociedade contemporânea despreza os mecanismos do saber-se e preza os da extroversão, sobretudo através da comunicação de massas. Contudo, as funções intuição e pensamento refluem para o inconsciente das massas. Se o século XX tendeu a esmagar a introversão, esta refluíu para uma acumulação de forças no inconsciente e começa a ser uma corrente cultural ascendente em princípios do século XXI. Os valores internos do ser começam a se tornar imprescindíveis à existência da sociedade material. Nessa diretriz de pensamento Artur da Távola arrisca um prognóstico: "passaremos da ditadura da economia para a democracia da cultura. Paradoxalmente, a comunicação de massas, resultado das tendências extrovertidas da sociedade fabricante de objetos, está gestando, em escala maior, as disposições introvertidas do pensamento e da intuição. Esta é a era de Aquarius, que como diz a Dra. Nise da Silveira, implantará o tempo do quaternário, ou seja, os quatro pontos cardeais da psiquê, representativos da totalidade do ser humano integral, em que se equilibriam as funções psíquicas e físicas. Nesta hora em que começamos a viver o quaternário, Artur acredita que a massificação já não será onipotente como hoje parece ser. "Na aurora desse tempo dos novos seres um novo tipo de visão da vida e do mundo vai surgir".

Como contista, em Leilão do Mim, de estilo direto, Artur traz a lume projeções da vida moral, política e social da burguesia. Disseca a tragédia humana através de seus personagens, criaturas cheias de conflitos e mágoas, uns lutando desesperadamente para libertar-se das imposições da sociedade, outros enredados inconscientemente na teia de angústias que a própria vida elabora. Notam-se, em todo o livro, preocupações com o estado de crise da humanidade, a hipocrisia, a repressão, a autodestruição, as frustrações, insatisfações e impossibilidades da vida burguesa.

Os personagens são efetivamente marcados pela angústia. No conto sobre a mulher de 46 anos, morena, linda e fiel, que envelhece bela e inalcançável, o marido cinquentão, cheio de pudores, ao refletir sobre o seu próprio desinteresse sexual, mal percebe que a sempre impecável beldade vivia sonhando-se nos braços de homens que surgiam em sua imaginação de voraz leitora de romances.

Noutro conto, o protótipo do burguês bem sucedido resolve retirar a máscara da hipocrisia ao ver que sua geração acreditou na mentira do progresso, do "vencer na vida". O sisudo e circunspecto advogado naquele dia-da-verdade declarou amores à vizinha jovem e foi com ela ao motel às oito e meia da manhã. Ao chegar ao escritório pediu à secretária que mandasse "pra puta que pariu os seus clientes empresários". "Que não atenderia mais aqueles ladrões de merda". Diz ao diretor da Faculdade de Direito "que o Brasil não precisa dos profissionais furrecas que a instituição forma".



Diz a um garçon que o problema de todos é sermos garçons do sistema! Contentes com o "fadário" que recebemos. Aos juízes do Tribunal confessa não acreditar que façam justiça, pois a lei é "feita pelas classes dominantes para acautelar os seus direitos que não são direitos, só privilégios! Ao sobrinho esquerdista acusa de querer a opressão do seu lado para se sentir mais forte. "Você é tão fascista quanto os fascistas da direita. Quero ver é fazer justiça social com direitos individuais". O modelo social desejado pela esquerda na qual o sobrinho acredita é apenas "um coletivismo idiota, igual ao do capitalismo". Depois desse discurso demolidor, absolutamente anarquista, apresenta a sua solução para a superação do caos de que se sente cercado. Tudo se resolveria com a extinção da sociedade coletiva e industrial, cujo único valor é o progresso econômico, desde que se implantem realmente ordens novas e novos valores.

O "Diário de um jovem silencioso e fraco" é um tratado sobre o conflito de gerações. O personagem marginalizado pelo mundo dos mais velhos é na realidade um jovem perspicaz, que tem pena da maneira como vivem os seus pais e constata eles que o temem. Preso juntamente com um amigo homossexual com quem andava pelo calçadão de Copacabana, mostra-se perplexo com a estupidez da polícia, que maltrata o rapaz só por ele ser viado. Depois de liberado, o jovem silencioso e fraco reflete sobre a sua condição e descobre que tem em si uma força oculta que incomoda, irrita as pessoas. Parece que torna clara a loucura delas. Acha que o mundo seria melhor se as pessoas interferissem menos nele. Haveria menos doenças, menos violência. Mas não se abala com as contradições da vida. Aos que se preocupam com o futuro diz que já tem o presente. Com lucidez declara que não possui nada, nenhuma ambição, que vive apenas para viver, mas na riqueza do presente poderá ter os filhos que quiser, levar pancada das polícias da Vida e amar as mulheres que vierem ganhando sua solidão.

O conto "Doente está quem não tem inverno" apresenta importantes referências à psicanálise. O psiquiatra do personagem central o caracteriza como um tipo exótico, esquizóide, porém tão sincero e irreverente que os terapeutas não podem entendê-lo. Esse neurótico genial, superior a todos, detém, entre outros talentos, o poder de ir para cama com todas as mulheres que se relacionam com ele. Ciente da superioridade de sua inteligência, compara o pensamento das pessoas à irradiação de faixas AM e FM. Percebe que apenas algumas já estão começando a conversar em FM. Em suas lúcidas deduções, afirma que a Nestlé e o Partido Comunista "são iguaizinhos na tal da praxis. Ela é deusa para ambos". Irreverente, orgulha-se de dizer o que os outros gostariam de dizer. Por estas excentricidades começaram considerá-lo doido. Dizia-se de posse do sentido profundo das coisas. Ao mesmo tempo, era uma pessoa como as outras, sujeita a medos, vaidades e pavor da morte. Segundo acreditava, esse medo era consequência da memória da morte dos antepassados, que pulsava em seus genes. Um belo dia descobriu o poder de entrar nos ciclos da natureza.

A ensaística de Artur da Távola apresenta-se em Do Amor, Ensaio de Enigma com tonalidade e densidade filosóficas. O livro analisa, desconstrói e reconstrói os conceitos de amor. Averigua os meandros da relação amorosa, os seus percalços, perigos e promessas de ventura. Tenta compreender a mente dos amantes, trazendo a lume uma meditação sobre o amor comparável à de Erich Fromm em A Arte de Amar. Menciono as reflexões que considero as principais de cada capítulo do livro. O tema

central de sua tese consiste em mostrar o contraste entre a dimensão transcendente do amor e a precariedade contingente do humano. “Se o amor é pleno e os amantes precários, no amor, a todo ideal correspondente algum erro real de exercício”. “O amor existe em si como um fim em si, uma redenção, uma totalidade. Mas os amantes são fragmentos de caminho, promessa e procura”.

Anoto estas observações recolhidas do livro, e através de paráfrases, busco desvendar a essência da verdade que se transmite nas suas incisivas sentenças. Ao longo da sua explanação, o ensaísta faz uma espécie de inventário das surpresas que se lhe apresentam no decorrer da arte de amar. Podemos seguir-lhe aleatoriamente o curso do raciocínio, por exemplo a partir da afirmação de que viver implica suplício e enigma, pela tarefa de incorporar dificuldades e vivenciar a imperfeição de tudo. A vida é feita de pedaços, de renúncias ou arrependimentos, de impossibilidades ou carências. A ressurreição é viver em plenitude os pólos de que somos compostos.

Ao questionar o problema da proibição, pelo código moral da monogamia, das experiências sensuais diversificadas, constata que a parte cortada na hora da escolha permanece fermentando e fecundando fantasias. Então, optar não é escolher: é renunciar. Fidelidade e lealdade juntas compõem a beleza ideal do quadro do raro amor completo. Mas não se pode negar a tendência sexual diversificada no animal homem-mulher, reprimida por conceitos morais e por disposições pragmáticas das comunidades mercantis.

No capítulo “Da Conquista (de Si) ao Encontro (com o Outro)” constata que a regulação do amor defronta a delicada interação entre a forma de receber e a forma de dar. É possível unir-se (e até viver) com alguns dos amores parciais que compõem o Amor total. Mas só quando a escolha é mútua dá-se a raríssima possibilidade de felicidade. Nesse sentido, amor não é vitória: é descoberta!

No capítulo “Dos Modos de Amar” reflete sobre a difícil tarefa de viver o amor de forma amorosa. Daí a importância de conhecer os impulsos para poder aplacá-los. Terapêuticas e religiões mostram o sentido ético da vida e a importância de transformar a franqueza humana em objeto de aprimoramento.

Em “Do (Des)Amor” comenta a necessidade que a alma tem de nitidez e caminho reto para viver o amor total, enquanto a quem ama só é dado viver situações incertas, na vida feita de renúncia ou arrependimento. Na impossibilidade de viver a totalidade, misturamos pedaços de verdades parciais. Existe a dificuldade de compreender as deficiências de quem, por amar, necessitamos forte, superior e confiável. Diante das surpresas que a vida guarda -- inesperadas reações e emoções, quando tudo nos parecia definido e já nos julgávamos auto-suficientes -- precisamos lutar para manter aceso o facho das verdades profundas. Atados às infelicidades inerentes ao ato de viver, talvez não nos caiba responder ao enigma, mas apenas vivê-lo.

O enigma do amor decorre do conflito entre a emergência da verdade do amor e a luta entre os sistemas externos e internos da existência. Os fatores externos, regidos pela história através das relações de produção, conflitam com os internos, regidos pela pugna entre os instintos, apetites, atrações e efeitos das disposições morais. Mas o amor faz emergir o novo de dentro das dores. Ensina a verdade interior. Contudo, face

à contingência das condições que impõem limites ao amor, o conflito entre o externo e o interno tem apenas soluções provisórias. O ser humano vive em permanente problematização. Decidir parece fugir do saber. Por fim, o pensador argui o necessário cuidado com os momentos de impasse. “Como separar o que ainda não acabou? Como se separar por causa apenas do impasse, quando ele é a condição do progresso e da evolução?” Dói o fracasso do que poderia ter sido, do que foi acreditado, sonhado ou imaginado junto. Nessa dialética do amor e do humano, o sentimento de perda tende a instalar-se nos relacionamentos. A sabedoria no amor consiste em amar, saber de amor e saber amar. Mas amar é intenso demais para coabitar com a sabedoria do amor. Requer o conhecimento da hora certa de ter razão, exige cuidado consigo e amor a si o suficiente para gostar do próprio amor.

Depois destas considerações, creio haver oferecido aos leitores uma visão de conjunto da obra e do pensamento de Artur da Távola, a partir da interpretação de algumas das idéias explícitas em seus escritos e nos depoimentos e confissões que ele mesmo legou ao público que o lê e o admira.

## QUANDO O POETA NATALÍCIO BARROSO RECONQUISTARÁ O RIO DE JANEIRO?

**Em minhas viagens ao Rio de Janeiro, costumava chegar à cidade e procurar imediatamente Natalício Barroso, desde os tempos em que o poeta morava na pensão da Lapa, até a fase em que alugara o pequeno apartamento na rua Anchieta, no Leme. Procurava, assim, inteirar-me das novidades no mundo das letras, dos últimos lançamentos de livros de poetas consagrados, das desavenças e rivalidades, comuns entre os cultores do renome artístico. Conversávamos sobre literatura, passeando ao longo do calçadão de Copacabana e visitávamos poetas cearenses que moravam no Rio, Gerardo Mello Mourão, Pedro Lyra, Adriano Espínola, Roberto Pontes. Nos passeios, parávamos obrigatoriamente em diversos bares, para o poeta abastecer-se de chope e continuávamos o trajeto lírico-sentimental pelos recantos da Cidade das Maravilhas. Relembro o dia em que fomos num táxi `a gráfica que publicava nossos livros, quando desabou um temporal e lamentei que o tempo estivesse nublado. Em dias assim, não se vê nem as montanhas nem as mulheres, argumentei. Só dá vontade de ficar em casa, tomando um cafezinho ou chá, ouvindo boa música e lendo ou escrevendo. E Natalício retrucou: eu só trocaria a bebida... Em vez do chá quente, seria a cerveja ou o vinho.**

**Quando o conheci no Clube dos Poetas Cearenses, Natalício era magrinho, franzino. Quando publicamos em parceria o livro "Poemas de Hoje", escrevi o seguinte comentário: "Natalício Barroso é um poeta introspectivo e magro como todos os bardos martirizados por seu próprio destino". Depois do casamento com Lia, e do hábito sorver chop cotidianamente, o poeta engordou, ficou de cara redonda e caíram-lhe muitos cabelos. No início do seu decaimento capilar, usava um boné nerudiano. Mas como o poeta não é um Sansão, e portanto a calvície não**

afeta o rendimento literário de ninguém, Natalício resolveu assumir a ausência da parte dos cabelos que haviam sumido e aboliu o boné. De fato, se faltou cabelo, a produção intelectual, por outro lado, aumentou. Durante sua permanência no Rio, publicou dois romances e dois livros de poesia de primorosa qualidade.

Lamentei o fato de que, numa de suas sempre súbitas decisões, resolveu abdicar da vida agitada na grande metrópole e do emprego na Biblioteca Nacional, para retornar às origens, ao torrão cearense, onde arranhou emprego de funcionário da Fundação Cultural da Prefeitura de Fortaleza, sob a égide do poeta Barros Pinho. Contudo, se lamentei, por um lado, sua sentida ausência no Rio, confortei-me com a perspectiva de encontrá-lo no Ceará, e alegrei-me de que esteja ele exercendo o interessante trabalho de lidar com promoções culturais, atividade na qual vem se especializando, pois que promove cultura desde a década de 80, quando se vinculou à política partidária, com o intuito de melhor desenvolver sua capacidade de organizar eventos culturais, prestando serviços, por puro idealismo, às agremiações estudantis e aos partidos de esquerda em Fortaleza e até em Manaus.

Como ainda não me acostumei com o Rio de Janeiro sem Natalício Barroso, quando vou à terra carioca, em busca de inspiração, recordo sempre a companhia do poeta e os nossos diálogos suscitavam idéias que aproveitava em meus poemas. Nas nossas longas conversações, sentados à sombra dos quiosques, no calçadão de Copacabana ou do Leme, ele tomando cerveja, e eu, água de coco, evocávamos momentos marcantes do passado, em Itapipoca, cidade onde ele nasceu, ou em Fortaleza, no tempo do Clube dos Poetas, onde nos conhecemos. Recordo que o visitei algumas vezes, em tempos pretéritos, no interior cearense, na cidade cuja lenda lhe inspirou um poema e que sempre presente na lembrança. Certamente a paisagem serrana de Itapipoca -- a rara beleza do revelo montanhoso e sua claridade azul -- contribuiu para a formação do seu caráter meditativo e para a diretriz lírica de sua poesia. Alí, em Itapipoca, manifestou-se-lhe a chama votiva da Poesia, e com ela, a admiração pela delicadeza e simpatia do povo serrano. Seguramente também certa tendência mística que aflora em seus textos literários. A palavra Itapipoca, em linguagem aborígene, significa "pedra ferrada", termo que provém do fato de existirem, na região, pedras nas quais há inscrições antiquíssimas, ainda não decifradas, de alguma civilização incógnita. O mistério ancestral das origens de sua terra o marcou também, já que, em Itapipoca, o poeta viveu toda a infância e a adolescência.

Saiu Natalício de Itapipoca para Fortaleza com 17 anos, na companhia dos pais e dos nove irmãos. Foi determinado a fazer vestibular para a Faculdade de Letras, o que de fato aconteceu. Mas além da universidade, descobriu outra escola de literatura, o velho Clube dos Poetas Cearenses, onde adolescentes, neófitos na arte de escrever, nos encontrávamos aos sábados na Casa de Juvenal Galeno, para o interessante exercício intelectual de ler para aos colegas a produção literária da semana, cada qual submetendo as criações poéticas à crítica dos demais. E cada um manifestava sua opinião a respeito do trabalho dos outros.

Depois, saíamos a tomar cerveja nos bares do centro de Fortaleza e continuávamos conversando sobre literatura e outros assuntos. Naquele tempo, pelo ano de 1975, Natalício publicou sua primeira criação literária, “Os Deuses e o Deus”, livro de poemas metafísicos que, apesar de imaturo, o que é natural, face à reduzida idade do autor naquela época, causou profunda impressão entre os sócios do Clube dos Poetas, por sua qualidade imagética. No ano seguinte, vieram os versos de “Poemas de Hoje”, livro que publicamos em parceria. Depois, publicou um livro de contos: “Guanadero: a Cidade Desconhecida”. Depois da fase adolescente e lírica das reuniões do Clube dos Poetas, vivenciamos um período de importante aprendizado, quando fizemos parte do Grupo Siriará, que contava com a presença de gente como Adriano Espínola, Oswald Barroso, Rosemberg Cariry, Airtton Monte, Carlos Emílio Correa Lima, Rogaciano Leite Filho e outros. Nas reuniões do Siriará também se discutiam temas de estética literária, unidos que estávamos em torno da vertente participante em poesia, no momento dramático em que o Brasil oscilava entre a ditadura e a democracia, e acreditávamos que o que escrevíamos poderia, de algum modo, contribuir para a democratização do país, no sentido de trazer aos leitores uma consciência crítica ou um questionamento dos valores políticos vigentes. Assim, os debates do grupo se concentravam em geral na concepção do que deveria ser o engajamento político do escritor. Em 1979, participamos da revista editada pelo Grupo, acreditando que aquele periódico, que não passou do primeiro número, fosse repercutir em todo o Brasil, já que o havíamos lançado durante a reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que se realizara naquele ano em Fortaleza.

Entre outros episódios marcantes daquele tempo, recordo o dia em que viajei à praia de Jericoaquara, um dos recantos mais belos do litoral cearense, na companhia de Carlos Emílio Correa Lima, que pontificava então como um dos mais notáveis escritores de nossa geração. Eu guiava uma Toyota, o único carro que podia transpor o areal do sertão, de Jijoca a Jericoaquara, atravessando dunas e beirando a praia em alguns trechos. No caminho, paramos em Itapipoca, e logo em frente à praça da matriz, vimos Natalício contemplando longamente uma velha árvore. Com curiosidade, observamos durante 5 a 10 minutos sua postura imóvel, o olhar fixo na espécie vegetal, impávido como uma estátua. Até que lhe chamamos pelo nome e ele se voltou surpreso com nossa presença. Depois fomos conversar em um bar, antes de seguir viagem. O episódio desse encontro é narrado diversamente pelo poeta, em cuja versão, no momento em que o vimos, não meditava sobre a beleza de uma árvore secular. Estava nos braços de uma bela mulher e não diante de uma castanheira.

Naquele tempo Natalício ingressara na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará, que tinha excelentes professores, entre os quais Moreira Campos, Artur Eduardo Benevides, Otacílio Colares e Pedro Paulo Montenegro. Tudo ia bem, com o poeta seguindo entusiasmado o seu curso de Letras, quando de repente, no ano de 1981, Natalício, acometido de paixão repentina pela política, imergiu na militância da denominada "esquerda festiva",

tendo começado, nesse período, sua intensa atividade de promotor cultural, a serviço do diretório acadêmico da Universidade Federal do Ceará, cujos integrantes estavam vinculados aos partidos de esquerda, naquele tempo ainda na clandestinidade. Foi a época em que os partidos esquerdistas contribuíram fortemente para a divulgação da música popular brasileira, como forma de resistência à ditadura. Através da promoção de espetáculos musicais, ao mesmo tempo em que combatiam o arbítrio violento dos governos militares, preenchiam lacuna deixada pelos governantes de então, que nada faziam pela cultura. Natalício era uma espécie de Secretário de Cultura do líder da UNE no Ceará, o famoso Papito, o baixotinho e barbudo que agitava os palanques da política estudantil cearense. Organizou diversas promoções: ciclos de debates sobre literatura cearense, congressos de poetas independentes e festivais de música e poesia, para os quais conseguira atrair personalidades ilustres como o poeta Moacir Félix, os cantores Luiz Gonzaga e Taiguara, além do nosso nativo Patativa do Assaré, que vinha à Capital cearense com o propósito de prestigiar os eventos promovidos por Natalício. Seu principal objetivo era estabelecer no Ceará, a exemplo do que ocorre no Rio Grande do Sul, uma interação entre o autor e o leitor, para tentar mostrar que no Nordeste também poderia existir uma literatura lida no próprio Estado. Contudo, como o respaldo do público foi mínimo, desistiu dessa aventura, decepcionado com a falta de interesse da maioria das pessoas por todo tipo de projeto cultural. Desencantado com o desinteresse com que se tratava as suas iniciativas promocionais, decidiu partir do Ceará com destino ao Rio de Janeiro.

A fase de militância política lhe trouxe boa experiência de trabalho, embora também novas decepções. Natalício vivia dividido entre as lides partidárias e a literatura. Mas à diferença de outros, que faziam só política, ele promovia a cultura, atividade que era, a seu ver, importante sobretudo para a sociedade e o povo de nossa terra. Não chegou a interromper de todo o fazer poético, embora naquela época tenha produzido mais shows do que literatura. Vivenciou experiências que lhe permitiram melhor conhecer as pessoas que militam na política, entender-lhes os interesses, as obsessões e os ardis. Conta ele como foi, a seu ver, enganado por alguns líderes comunistas, entre os quais o próprio Luis Carlos Prestes, porque o grande militante insistia em declarar que a União Soviética era uma maravilha, quando o bloco soviético já se encontrava em plena decadência. Foi para ele uma decepção saber que Prestes divulgava algo que não existia mais, fazia propaganda de um sucesso que na realidade já se tornara um fracasso.

No período da sua militância política, um dos episódios mais lhe marcaram foi o show de Taiguara, que promoveu em Manaus, cujo final lhe rendeu tantos dissabores que contribuiu para que interrompesse a sua contribuição para o trabalho cultural dos partidos de esquerda. Natalício e Taiguara eram ligados a Prestes, que já havia rompido com o PCB, pois não queria a legalização do partido, ao contrário do comitê central que era favorável à sua legalização. Prestes achava que ficar na marginalidade era mais autêntico. Depois de haver

promovido, com sucesso, em Fortaleza, diversos congressos, seminários, palestras, e concertos, entre os quais um concorridíssimo show de Taiguara, numa de suas inesperadas resoluções, Natalício viajou a Manaus com um grupo de comunistas e acabou morando na capital amazonense durante seis meses. Ali organizou uma monumental apresentação de Taiguara, com o título de Concerto pela Paz Mundial, no Ginásio Rio Negro. O famoso cantor de música romântica dos anos 70 admirava tanto Luis Carlos Prestes, que fazia de seus shows verdadeiros comícios. Entre uma canção e outra, fazia um discurso político, convocando as pessoas a aderir ao Partido Comunista. Panfletário, colocava todo o seu talento musical a serviço da ideologia. Cinco mil pessoas compareceram ao show. A comissão promocional, composta por amigos de Taiguara, queria que se chamasse um destacamento policial para garantir a segurança do público. Natalício, bem intencionado, achou que não havia necessidade de segurança. Falou com convicção: deixa todo mundo aí, é tudo gente fina... Seu raciocínio foi lógico. Se somos oposição, que sentido faz chamar gente do governo pra nos ajudar? Havia esquecido que os partidos de esquerda, PCB, PC do B e Convergência Socialista viviam em guerra. De fato, a platéia se comportou de forma pacífica, mas no final houve uma briga entre militantes do PCB e do PC do B. Era o ano de 84, quando o Brasil estava saindo da ditadura militar. As forças de esquerda não conseguiam entrar em acordo sobre a possibilidade de atuar juntas e assumir o colégio eleitoral no qual o Tancredo Neves fora eleito. Quando Taiguara percebeu que os outros partidos de esquerda haviam participado na organização do show, começou a reclamar. Pensava se tratava de uma promoção exclusiva dos militantes prestistas, e no seu radicalismo, mandou proibir a distribuição dos jornais de propaganda do PC do B durante o espetáculo. Os militantes comunistas julgaram que Natalício, na qualidade de principal organizador do show, fosse o responsável pela tentativa de proibição dos jornais. Por conta desses problemas, recebeu telefonemas ameaçadores, ligações anônimas o incitavam a sair de Manaus, sob pena de morte. E ele acabou saindo. Essa intransigência, esse fanatismo dos militantes da esquerda representaram para ele nova decepção. Achava absurdo que aquelas pessoas, que julgara tão inteligentes, não fossem capazes de dividir entre si os méritos da organização de um evento cultural. Cada partido queria ser o dono da festa e aquela politicagem estragou tudo.

A seu ver, a poesia social, em cujo ramo se inclui o poema de feição ideológica, constitui importante segmento da arte poética. Neruda fez com sucesso a denominada poesia ideológica, com o Canto Geral, mas, na opinião de Natalício, foi talvez uma exceção. Teve êxito porque tinha muito talento. Natalício prefere o Neruda lírico, dos “Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada” e dos “Cem Sonetos de Amor”. Acha que não há necessidade de transformar a poesia numa arma de protesto.

Natalício chegou a engajar-se e a escrever a poesia comprometida ideologicamente, quando fez e publicou o opúsculo "Made in Brazil", com discurso de esquerda. Era o tempo em que a ditadura imperava e quase todos os

**poetas do Brasil nos opunhamos ao regime autoritário, em nome da democracia, escrevendo poesia engajada, participante. Hoje, embora seja difícil saber o que é ditadura branca ou militar na América Latina, a poesia de conotação ideológica, na atual fase histórica do continente, parece haver-se tornado obsoleta.**

No momento em que arrefeceu a verve da poesia de protesto, cresceu-lhe a inspiração para escrever sobre temas líricos, tendência para a qual se inclinara desde as suas primeiras criações poéticas. Natalício sempre teve interesse por assuntos filosóficos e religiosos. Quase menino, escreveu “Os Deuses e o Deus”, poemas plenos de inquietações metafísicas. A vertente mística de sua poesia permanece pouco explorada, sendo sua própria obra de reduzidas proporções, em termos de quantidade, embora não se possa dizer o mesmo em matéria de qualidade. No entanto, sempre o angustiou a necessidade de saber se existe um Ser Criador que nos assiste, um Espírito imanente ou transcendente que rege o Universo. De acordo com o ateísmo marxista, a matéria sempre existiu, é imortal. O universo não teve princípio e jamais terá fim. E as transformações sempre existirão. O surgimento da Terra ocorreu também por uma espécie de transformação. As estrelas, corpos de matéria que sempre existiram, explodiram, resultando na matéria criadora da qual surgiu a Terra. Esta, aliás, é a teoria que a ciência contemporânea adotou. Natalício acredita que os seres humanos ainda estão distantes do conhecimento da origem do universo. Mas sempre o homem buscará e ansiará sempre saber se sempre existiu essa matéria ou essência imortal sem princípio e sem fim, ou se houve o início de alguma coisa que tende à eternidade, cuja compreensão estaria além da realidade observada pelos sentidos. A respeito de tais mistérios, aceita a explicação da doutrina católica, tradição espiritual de sua formação. Mesmo porque, católico sempre foi, mesmo no tempo em que esteve ligado aos comunistas. Conta ele que, numa missa que celebraram na Reitoria da Universidade Federal do Ceará, à qual compareceram, a contra-gosto, alguns comunistas, ele decidiu comungar, para a surpresa dos circunstantes. Muitos dos companheiros de ideologia lhe apontavam, dizendo, ironicamente: "mas olha, ele é religioso..." Naquele momento, experimentara um conflito entre sua formação católica, que admitia a existência de Deus, e a teoria agnóstica, fundamento de sua militância política.

**Saturado da vida provinciana, que lhe oferecia tão poucas perspectivas de divulgação literária, onde se cansara do convívio com pessoas dominadas pelos preconceitos e dogmas da política partidária, apenas avisou à família sobre sua decisão de partir para o Rio. A família não se opôs, em princípio, à sua saída do Ceará. Foi uma opção literária, como ele costuma dizer, e portanto, os seus pais compreenderam e apoiaram a sua decisão. Havia parentes seus, pelo lado familiar de sua mãe, que tinham emigrado para o Rio de Janeiro. O avô paterno também morou durante muito tempo no Rio, onde trabalhou como professor, tendo voltado ao Ceará, com a intenção de retornar ao Rio, mas conheceu a pessoa com quem casou e que viria a ser a avó de Natalício, e já não regressou à terra carioca. Mas alguns dos tios de Natalício formam viver no Rio e até hoje ali residem.**

**Quando decidiu partir da terra alencarina, Natalício transferiu a sua matrícula da Faculdade de Letras, do Ceará para o Rio, mas acabou por**



abandonar os estudos universitários para ter tempo de se dedicar mais à literatura e à vida cultural da cidade. Frequentava lançamentos de livros, conferências, congressos de escritores e outros eventos, oportunidades que lhe permitiram conhecer e conviver com importantes próceres das letras brasileiras. De fato, o poeta passou a dialogar cotidianamente com eminências literárias nacionais, como Moacir Félix, Gerardo Mello Mourão, Ivan Junqueira, Mário Pontes, Affonso Romano de Sant'Anna, entre outros figurões da plêiade literária do Rio de Janeiro. Através de Natalício, conheci a poeta Denise Emmer, filha de Dias Gomes, de quem se tornou amicíssimo e sócio numa pequena livraria que estabeleceram em Ipanema, que infelizmente teve curta duração.

Apesar de haver sido bem recebido pelos cariocas, que são, de forma geral, corteses e acolhedores, Natalício enfrentou momentos difíceis durante sua permanência no Rio, sobretudo nos primeiros dois ou três anos depois de sua chegada à cidade. Não viveu situação tão precária quanto à que Garcia Marquez diz haver atravessado, (o escritor colombiano não nega que, em dado momento da sua vida, teve de pedir dinheiro nos metrô para pagar sua passagem). Contudo, Natalício viveu momentos penosos quando, por exemplo, morou em pensões de terceira categoria, verdadeiras espeluncas, na Lapa e em Santa Teresa, onde conheceu gente de toda sorte, inclusive marginais de alta periculosidade. A experiência foi rica, mas padeceu solidão e saudade. Quando chegou no Rio, em 86, ficou hospedado por algum tempo na casa de uma tia, na Tijuca. Só depois de sair do convívio familiar é que começou a vivenciar as peripécias das hospedarias por onde passou e onde viu, de perto, o sofrimento humano. Esteve desempregado apenas durante três meses. Logo o poeta Gerardo Mello Mourão arranhou-lhe uma função na RioArte, instituição cultural ligada à Secretaria de Cultura do Município. Com a saída de Gerardo da diretoria da RioArte, Natalício se vinculou à Biblioteca Nacional, na última fase de sua permanência no Rio.

Segundo confessa, os empregos temporários provam que conseguiu sobreviver de literatura durante 12 anos no Rio de Janeiro. Aprendeu a amar a cidade-vitrine do Brasil. Muito refletiu sobre a sua condição de imigrante naquele universo cosmopolita, que praticamente desde o tempo de D. Joao VI vem acolhendo pessoas de outras regiões brasileiras e de fora do país. Cita, como exemplo, o caso de Langsdorf, que veio ao Brasil na condição de representante diplomático da Rússia, e passou a viajar por todo o território nacional, através dos rios brasileiros, no período de 1819 a 1821. Enlouqueceu de tanto viajar ou de tanta paixão pelo Brasil, não se sabe ao certo. Mas mostrou que neste país se pode viajar também através das águas. O Natalício observa, perplexo, como até hoje ainda não se desenvolveu esse meio de transporte. Essa rápida digressão me faz notar que a aventura do poeta foi o oposto da de Langsdorf: em vez de viajar até à insanidade mental, ele empreendeu uma aventura para a clarividência, da delirante ambição de província para a lucidez poética do Rio, onde encontraria amplo espaço para realizar o seu sonho de arte. A permanência no Rio contribuiu para confirmar a espantosa diferença entre fazer cultura no Nordeste, onde não

há editoras, (o que existe são tipografias), e no Sudeste, onde há editoras, distribuidoras e jornais de circulação nacional. Nesse sentido, Natalício publicou livros em gráficas que distribuíram-lhe o livro em livrarias e a venda deles chegou dar-lhe algum dinheiro. Constatamos o problema do colonialismo cultural interno, realidade imposta pela desordem do capitalismo, efeito colateral da sociedade de consumo.

Sua obsessão por literatura lhe dava forças para continuar no Rio, quando batia a saudade da família e dos amigos do Ceará. Enquanto escrevia, estava de bem com a vida e não se deixava abater pela nostalgia. A obsessão de escrever o deixava como que anestesiado. Enquanto escrevia as duas novelas que publicou, "O Livro de Lucien" e "O Velho Marinheiro, a Baía de Guanabara e a Triste Sina do Imperial", fazia dos personagens os próprios amigos e a própria família. Só ao terminar de escrever cada livro é que sentia tédio e se lembrava da família cearense. Quando se punha a escrever, nem percebia o tempo. Entrava noutra dimensão de vida, em que fica de lado o afeto pessoal. A literatura era como um "acolchoamento de algodão" que lhe envolvia o vidro dos sentimentos, para que não se quebrasse. Apesar da determinação continuar a residir no Rio, já ocupando o pequeno e bem localizado apartamento do Leme, ouvi-o mais de uma vez queixar-se da vida tumultuosa da cidade, e falar de sua vontade de voltar para Fortaleza, onde poderia prosseguir trabalhar num ambiente mais sossegado e na companhia de seus familiares. Apesar do amor que sentia pelo Rio, dizia que talvez o Ceará fosse um melhor lugar para viver com mais calma, desfrutar uma vida menos estressante. Mas, de repente, mudava de idéia, falava de sua satisfação de estar no Rio, onde podia conviver com pessoas bem sucedidos na profissão de escritor. O certo é que, como todo nordestino, tinha grande apego à sua terra e de longo tempo vinha amadurecendo a idéia de retornar ao Ceará. Sentia o Nordeste como uma grande fonte de reflexão, criação e emoção, uma eterna Terra Prometida, onde manam o leite e o mel da nossa origem, a infância que tanto marca, e os amigos que reencontraria no rincão nativo.

Uma prova de seu apego ao Ceará era o fato de que a coisa que mais o atraía no Rio era estudar a vida e a obra de José de Alencar. Alencar sempre falou bem do Rio de Janeiro, sempre se referiu à cidade de maneira elogiosa. A terra carioca serviu de inspiração a vários romances do mestre cearense. Natalício leu e releu com devoção todos os trechos da obra do mestre cearense em que há referências à paisagem fluminense. Cita "Cinco Minutos" e "A Viuvinha", que tem como cenários a Baía da Guanabara e Petrópolis. Também lembra que, em "O Guarani", há uma passagem em que Alencar, com a palavra indelével que o caracteriza, retrata a Serra dos Órgãos. Natalício diz que desde a infância e a adolescência admirava o Rio e tinha vontade de visitar a cidade. Ficaram impregnadas em sua memória as histórias que lhe contava o avô, que havia morado na cidade, e que falava da beleza das paisagens, da simpatia do povo, da vida cultural, teatros, cinemas, livrarias, tudo enfim que interessa um aspirante ao ofício das letras. O fato de ter sido a capital, os aspectos históricos, os relatos de viajantes que escreveram a respeito da cidade, a tradição do passado, o fato de

ser a única cidade da América Latina que teve um rei e dois imperadores, tudo isto povoava a mente do sonhador, que alimentava grande expectativa de um dia ver de perto tantas coisas interessantes. E ao chegar, sua primeira impressão foi de deslumbramento, de encanto: as mulheres bonitas, a beleza natural, montanhas, mar, vegetação... Gostava de contemplar longamente o casarão da Quinta da Boa Vista, onde viveram os imperadores. Refletia sobre as origens do Brasil, os tempos do Império. Manuel Bonfim se refere a D. Pedro II como um rei exótico. Pedro Calmon escreve sobre o palácio escuro e sinistro onde morava o imperador. Enfim, a verdade é que tudo o que diz respeito ao Rio de Janeiro adquire importância internacional.

O certo é que, se o poeta sentiu saudades de sua terra, encontrou no Rio um ambiente de generosidade que o cativou. Compara o carioca, acolhedor, humano, fraterno, a Aliocha, personagem de “Os Irmãos Karamazov”, de Dostoiévski, que personifica a generosidade. Aliocha tenta unir a família que estava se dispersando, enquanto o velho Karamazov procurava amar a namorada do filho Dimitri. Representa o elo entre o pai e os filhos, exemplifica a virtude, a bondade, a religiosidade. É o espírito da concórdia. Quando Ivan se torna responsável pela morte do próprio pai, Aliocha se manteve equilibrado, humilde e generoso. Com o seu exemplo procurou tornar as pessoas mais humildes. A generosidade favorece de tal maneira o entendimento entre seres humanos, que estabelece uma espécie de atração magnética, em que as pessoas se tocam as mãos, em pensamento. O contrário disso é o isolamento. A generosidade é irmã gêmea da solidariedade, que é motivada pela humildade, porque só se é generoso quando se é humilde. Nessa linha de raciocínio, deduzimos que, ao verdadeiro artista, não motiva a vaidade, ou mera vontade de aparecer. Move-o, além da necessidade de se comunicar e de dar vazão ao seu talento natural, um profundo sentimento de generosidade. Há exceções, naturalmente, como em tudo. Há gente que publica um livro mais preocupado com o lançamento do que com o próprio livro. Os atingidos pela síndrome da vaidade pensam que o livro é um intermediário entre o autor e a imprensa e não uma obra de arte ou uma correspondência entre autor e leitor. E há leitores que conhecem apenas os nomes de autores, sem conhecer as obras. Os nomes estão todo dia nos jornais, mas os livros não estão sendo lidos. Para a imprensa não importa a qualidade da obra, mas a capacidade de auto-promoção do autor. Qualquer figura que escreva qualquer tolice, e consiga impressionar a mídia, acaba sendo reconhecido como escritor. Efetivamente não deveria caber aos meios de comunicação, sempre cheios de propaganda, notícias sensacionalistas, sangrentas páginas policiais, intrigas do mundo política, etc, a competência para julgar o valor de uma obra literária. Questiona-se, portanto, o império da mídia na determinação de quem deve ou não deve ser prestigiado. Além disso, os jornais e a televisão, além de reservem pouco espaço para os escritores, alimentam uma onda coletiva de narcisismo que atinge os poucos privilegiados tem a chance de merecer alguma divulgação. A imprensa deveria fazer uma campanha para estimular a leitura, ao invés de estimular o culto da personalidade de certos autores. Há que lembrar ainda a escassez de periódicos

especializados em literatura, salvo os chamados “alternativos”, de precaríssima configuração gráfica, neste nosso país de muitos habitantes e de poucos leitores.

Só a amizade de alguns poetas constitui antídoto para desses desmandos verificados em diversos setores da sociedade brasileira. Natalício cita, entre exemplos de bons-carateres, o poeta Gerardo Mello Mourao e o professor Joaquim Ponce Leal. Entre os boêmios com os quais conviveu, Joaquim, além de ser um modelo de generosidade e cavalheirismo, é um historiador criterioso, dos que mais profundamente conhecem a História do Brasil. Joaquim Ponce Leal era um dos amigos que o visitava frequentemente quando Natalício trabalhava na Biblioteca Nacional. Permanecia sentado num sofá da sala de trabalho do poeta, à espera de que o expediente terminasse para saírem em direção aos bares. Embora Natalício não tardasse muito, pois costumava abreviar a espera dos visitantes e sair antes do término do expediente, Joaquim pegava um livro, cruzava a perna, lia um pouco com os óculos descidos pelo nariz, e cochilava. No final do expediente, ou um pouco antes, Natalício o acordava e os dois saíam para tomar chope nos bares do Leme ou de Copacabana.

Ainda em relação ao tema da generosidade, Natalício menciona também o Ceará como reduto de pessoas generosas e gentis, a começar por própria família, com o que concordo plenamente. Inegavelmente a insistência da família contribuiu para que Natalício retornasse ao Ceará. Recordo-me da agradável companhia da família Barroso, desde o tempo em que conversávamos quase toda noite, no alpendre da casa da rua Liberato Barroso, varando a madrugada, em tertúlias literárias que desfrutávamos com a participação dos irmãos do poeta. Giovani, quando ainda estudava Engenharia, mas gostava especialmente de literatura e filosofia, Pacelli, que cursava Arquitetura, com notável talento para as artes plásticas, e Álcio, violonista e também pintor, que às vezes animava o grupo tocando violão. Também participavam os pais do poeta, incentivando os diálogos intelectuais dos filhos e servindo lanches e cafés para deleite nosso. Alí também costumava ir o poeta Jarbas Júnior, adepto da boa conversação culta da família Barroso. Pelo entusiasmo com que permanecia até alta madrugada na companhia do Natalício e de seus irmãos, estes o apelidaram de "Corujão".

Episódios tragicômicos ocorreram durante a estada do poeta no Rio de Janeiro. Por exemplo, os acontecimentos que vivenciou no hotel de Santa Teresa, onde havia um louco que cagava por toda parte. No dia em que visitei Natalício, no seu domicílio, notei que havia, no pátio da hospedaria, um caminho de fezes desenhado pelo chão. Perguntei-lhe que porcaria era aquela, que coisa nojenta, aquela esculhambação, e ele me respondeu que se tratava de um doido que, de vez em quando, passava por alí, espalhando merda. E acrescentou: esses caras são assim mesmo, eu já estou acostumado... Estranhei, custei a compreender a capacidade de resignação do poeta. Naquele dia, o psicopata cagão não havia jogado as fezes nos passantes da rua, como costumava fazer. Deixara o “serviço” alí mesmo, diante de todos. De fato, o tal hotel parecia mais um manicômio. Todos os dias o maluco acordava cedo e defecava no pátio, dentro de um papel de embrulho. Pegava, embrulhava o troço e corria em direção ao muro baixo que

dava pra rua ao lado. Esperava então o primeiro motoqueiro que passasse, ou algum carro. Quando passava o motoqueiro ele jogava o pacote na cabeça do sujeito. Várias vezes os motoqueiros chegavam na portaria, com aquele capacete todo cagado, furiosos, reclamando do porteiro, querendo saber quem lhes jogara os dejetos e o porteiro, com a maior tranquilidade, "aqui não foi, aqui só tem gente boa". De início, Natalício pensava que o porteiro tinha razão, que não tinha sido nenhum dos hóspedes. Então, um dia, resolveu perguntar ao porteiro que história era aquela que, de vez em quando, de manhã, aparece um motoqueiro furioso, com o capacete na mão. E o porteiro: "tu não vai dizer pra ninguém não? Tem aquele velho aí que tem esse hábito, acorda de manhã, obra em cima de um papel, junta tudo, joga em quem passa primeiro e depois se esconde e ninguém o encontra".

No dia que estive no famigerado local, estava lá o negócio, no meio do pátio, espalhado. O doido tinha esquecido de recolher ou preferira poupar os motoristas de sua asquerosa mania. Era um homem solitário, que certamente se divertia incomodando as pessoas. E aquela era pra ele a forma mais conveniente de incomodar. Havia outros indivíduos desajustados, sofredores. Havia uma senhora que bebia cachaça e fumava o tempo todo. Às noites ficava fumando e lendo até dormir. Numa noite, o cigarro caiu no lençol e pegou o quarto fogo. O mais trágico foi que, no dia do incêndio, ela ligara o rádio e quando as pessoas foram tentar salvá-la, entraram no quarto e ouviram músicas de carnaval, enquanto a vítima morria queimada. Tentaram de tudo mas não conseguiram salvá-la.

Um dia, cedo, quando foi tomar o café da manhã, viu que um dos velhos, não o demente das fezes, mas o que costumava fumar todos os dias, sentado numa cadeira, passar caminhando em direção ao quarto dele, e em seguida, escutou o grito de alguém. Foi ver o que havia acontecido e viu o velho morto. Alguém tinha gritado ao vê-lo caído ao chão, já sem vida. O problema dos hóspedes era saber como enterrar o pobre velho. Havia que dar-lhe um banho e vestir o cadáver. Ele sempre vivia absolutamente solitário, jamais recebera visita de parente ou amigo. Depois, acabaram descobrindo alguém de sua família. Quando Natalício chegou, à noite, estava lá o caixão na portaria do hotel, sem ninguém no velório, só o caixão e uma cruz atrás e aquela luz pálida focalizando a solidão. Mais o impressionara a cara das velhinhas que ali moravam, e cuja tristeza estampada no rosto parecia denotar a expectativa com que viam, no caso do morto, o próprio futuro. Esse foi o lado duro e amargo que o poeta vivenciou naquela fase.

Natalício suportou durante algum tempo a situação até que encontrou um quarto de pensão na Lapa, onde se refugiou com alguns livros e a velha máquina Olivetti. A hospedaria estava infestada de baratas. Natalício me disse que já aprendera a conviver com elas: "eu gosto delas, elas são minha companhia", afirmava com toda sinceridade. O dono do hotel criava ratos. Quando a empresa de desratização chegou pra matar os bichos, o cidadão se postou em frente à porta e disse: "no meu quarto ninguém entra. Aqui quem manda sou eu. Já guardei todos os ratos. Vocês podem matar todos os outros, mas os meus não".

Tudo terminou também com um incêndio. Cerca de 9 ou 10 horas da manhã começou o fogo. Saiu gente nua pela rua, pessoas vestidas ainda de pijama, mulheres chorando, porque o fogo destruíra-lhes todos os bens. Natalício, que já havia saído àquela hora, ao retornar, por volta do meio dia, constatou que perdera a biblioteca, isto é, uns cinquenta livros, entre os que trouxera na mala do Ceará e outros que ganhara de amigos. Tinha também um rádio que lhe dei de presente, e que sumiu na confusão, não queimado, mas desaparecido mesmo. A polícia chegara pra dar segurança aos moradores e ninguém podia entrar depois do incêndio. Quando permitiram a entrada dos moradores, Natalício viu que o quarto dele não se incendiara, mas os bombeiros haviam molhado tudo, restavam alguns livros debaixo d'água e o resto (roupas, a máquina datilográfica e o rádio) tinha sido roubado. Foi então à delegacia, apresentar queixa. Disse ao delegado que tinha uns livros importados, pelos quais pagara caríssimo. Além disso, tinha a máquina de escrever, peça importantíssima em sua vida. Podia faltar-lhe o que vestir e o que comer, mas a máquina Olivetti, jamais. E também o rádio que lhe dei de presente, e que lhe propiciava o prazer de ouvir música clássica todas as noites, enquanto escrevia. Depois de ouvir as suas reclamações, o delegado sorriu, bateu em seu ombro e disse: “isso é normal, isso acontece, os seres humanos tem seus defeitos, não se preocupe com isso. O melhor é você esquecer isso, deixar pra lá.” Natalício ficou tão indignado que teve vontade de comprar uma arma. Sentiu uma tremenda insegurança, sem saber quem é o pior, se o ladrão ou a polícia. Ao ouvir dele essa trágica história, lembrei-me da canção em que o Chico Buarque canta, "chame o ladrão, chame o ladrão..."

Suportou estoicamente essas experiências. Que havia de fazer? Viu coisas interessantes e outras terríveis, sobretudo nos hotéis onde se hospedou. Principalmente o sofrimento de idosos. Viu umas filhas que queriam matar a mãe já velha, empurrando-a pela escada abaixo, pra usufruírem logo da herança.

Ao conhecer Lia, num encontro fortuito, tudo mudou em sua vida. Foi o que se chama “amor à primeira vista”. Logo que a viu, percebeu que encontrara alguém com quem poderia viver, morar junto. E ela, que também é poeta, decidiu o mesmo. No tempo em que viviam no Rio de Janeiro, Lia não se preocupava com a hora de chegada do poeta. Como ele chegava sempre tarde, depois de haver tomado incontáveis chopes, sabia que vinha de algum bar e que passara horas conversando com poetas e amigos, com Roberto Pontes, Pedro Lyra ou Joaquim Ponce Leal. Só uma vez Lia se preocupou. Foi quando Natalício só apareceu na tarde do dia seguinte. Ela estava pálida, havia passado mal e já havia chegado do hospital. Tinha ligado até para Fortaleza, informando a família do desaparecimento do poeta. Natalício passara a noite tomando cerveja com Marcelo Castelo, um amigo que trabalhava na editora que publicou dois de seus livros.

À vezes Lia o acompanha nas noites de chop, mas nem sempre o incentiva a beber. Um dia me contou que Natalício, bêbado, leu a mão de algumas pessoas num bar. Virou cigano? perguntei. Ela disse que leu a mão de um amigo, e depois fizeram fila para que ele lesse a mão de todo mundo que aparecia. “Como eu

menti”, diz o poeta... “E as pessoas acreditaram...” E Lia: mas não era mentira o que você falava... E Natalício: tá vendo como as pessoas são crédulas?... Depois que a vizinha, que se diz vidente, leu o “Livro de Lucien”, passou a chamar Natalício de vez em quando à sua casa, pra ver se ele também via as visões que ela tinha.

Apesar de haver publicado livros de poesia de indiscutível qualidade literária, embora de quantidade reduzida, Natalício se considera mais romancista que poeta. Na primeira fase de sua carreira de escritor, escrevia só poesia. Agora, resolveu concentrar-se na produção livros de ficção. Opiniões as mais abalizadas atestaram o valor de sua poesia. Affonso Romano de Sant'Anna, Fernando Py e Moacyr Scliar elogiaram Poemas de Abril e Sintonia, seus dois livros de poesia publicados no Rio de Janeiro. Em ambos expressou a temática do cotidiano. O poema “A Sombra” revela algo de sua experiência de funcionário público. “Quando me levanto às cinco da manhã /me deparo com minha sombra no chão. Ela se projeta do meu quarto para o trabalho/na rua das Laranjeiras”. Nos dias de alheamento e solidão, tinha a própria sombra como companhia. Diz Pedro Lyra, na orelha do livro, a Sombra revela “aquele ente que todos gostariam de ser: livre, sem limites, sem traumas e sem peias”. No aprendizado de “invadir o Rio de Janeiro sorrindo e acenando para o mundo”, a metáfora da sombra representa o eu profundo, único bem que resiste ao assédio do infortúnio.

O poema “Sintonia” mostra a perplexidade do ouvinte, perscrutando no rádio as notícias do dia. Numa feliz fabulação, o poeta estabelece um paralelo entre as duas dimensões da realidade, a objetiva, dos fatos que se anunciam na existência do mundo, e a subjetiva, que constitui o núcleo de seus pensamentos. Enquanto as ondas emitem informações sobre os mais estapafúrdios acontecimentos, revoluções, golpes de estado, guerras, o ouvinte constata que “nada mudou no mundo”, pois as flores sempre exalarão perfumes para quem cultiva margaridas na janela do apartamento. Arremata numa síntese o conteúdo do poema neste incisivo verso: “nada será capaz de tirar o verde de meus pensamentos”. Em “Depois das Dezoito Horas”, aparece a voz do eu lírico, espontânea, fluente. Há ressonâncias de Fernando Pessoa no monólogo existencial e na confissão revel. “Há muito tempo que a minha vida é uma sucessão de expectativas. Nenhuma delas realizada”. Há também no poema um leve tom de ironia e desencanto, quando declara que “as deusas não nascem mais./Elas se afogaram nos Lusíadas e nunca mais emergiram”. No poema “Primavera”, de fundamento ecológico, reclama dos paisagistas malucos que plantaram flores de aço nas repartições, e não disfarça a angústia, que se insinua como nesta frase: “quem te abateu até à morte,

Primavera?" Resta a capacidade de sonhar: "Mas ainda quero te ver, Primavera,/ nem que seja rompendo a solidão do asfalto/ou despontado nas paredes dos edifícios./

Em "Os Outros Hóspedes", menciona a experiência das hospedarias macabras por onde passou no Rio de Janeiro. O clima de suspense se deixa notar ao longo do poema. Algo de mistério se depreende nos versos: "e o teu silêncio, no ressoar das escadarias desse prédio, é como a de um castelão morto a tiros./ Mas quem te trouxe até essa porta onde tantos chegamos?" O autor da pergunta permanece incógnito no contexto do poema. Mas o sujeito que indaga esta implícito. Trata-se dos "que partiram antes de tí e passaram por aqui em busca da mesma agonia". Em "O Potro", curto epigrama de extrema realização sintética, diz o seguinte: "Quero sair de mim mesmo/ como um potro que viesse galopando do fundo de minha alma". Sair de si mesmo é a ânsia de voar além das limitações impostas pela condições materiais, sociais, biológicas do ser. A prisão de tais limites provoca o ímpeto de desabalar-se em galope, como as compulsões e as revoluções, com o estrépito e as devastações que suscitam. A reiteração os dias cotidianos às vezes desperta ânsias como esta, de pilhagem, de explosão, de mudança radical. Affonso Romano de Sant'Anna considerou magistral a expressão lírica da primeira estrofe de "Mais um Poema de Amor para a Mulher Novamente Amada", que denota influência de Vinícius de Moraes: "A mulher amada tinha cabelos longos que desciam pela vertente dos ombros,/escorriam rápidos e tortuosos até a ponta dos seios/ e se espalhavam ao redor da ansiedade./Estes eram os cabelos da mulher amada./Eles ficavam volumosos, quando se enchiam de amor,/e caíam como uma ducha sobre os corpos cansados./ Na terceira estrofe faz referência às horas vazias em que se reclusa em sórdidos hotéis, em noites solitárias. O seu romantismo se revela em "Outono", quando declara: "esperarei por ti, de qualquer modo,/com as flores no chão." Em definição, confessa o seu apego à terra de seu nascimento, onde "os homens põem cadeiras na calçada e se cumprimentam no meio da rua." Como a árvore do deserto se conserva verde pela profundidade de suas raízes, o poeta busca na alma de sua Itapipoca as imagens que lhe reconfortam a memória. Roberto Pontes depõe a favor da qualidade poética da obra de Natalício no prefácio de "Sintonia", dizendo o seguinte a seu respeito: "Conhecedor das técnicas da composição do verso e dos recursos poemáticos, embora poeta de parca produção, é dos mais expressivos"

No livro Poemas de Abril, destaca-se o instigante texto de "Auto-Retrato", em que transparece a marca da desilusão, estigma de poetas de aguda sensibilidade: "nada espelha a minha esperança/nem ilumina o meu dia." Perfaz inusitada metáfora, ao comparar-se a "um artesão que, de dor, tece as dobras da própria solidão". O poema conclui com uma estrofe que revela a busca do enigma de si mesmo, outro tema sempre abordado em grande poesia: "Eu sou todos estes seres imaginários/ e mais o mistério de saber vivê-los/e o desespero de não poder amá-los". Em "Ausência", contém versos de admirável força como estes: "A minha dor é um minotauro que urra ensanguentado". Em seu desespero de amor,



escapou do labirinto do passado como o herói que venceu as mais duras provas. Consciente de seu itinerário, declara: "Náufrago de ti, caminho como um monge em busca de um templo que ninguém construiu". Também poema de desenfreada vazão sentimental é o "Para Onde Vamos Todos", que termina assim: "eu dou o meu corpo como quem dá uma boiada para ser sacrificada/ e eu a minha alma para ser exposta em praça pública".

Depois da expressão metafísica de Os Deuses e o Deus, sua poesia passa a tratar exclusivamente de temas cotidianos e sociais. Já em Poemas de Hoje começa a tentativa de retratar a simplicidade das coisas cotidianas. Em O Capacete de Aquiles usa uma técnica criativa das mais interessantes. Retrata a Biblioteca Nacional, com suas divisões e de súbito transfere o leitor para outras dimensões, inserindo no texto referências ao Lusíadas e uma iluminação como se fosse o computador, em que interagem diversos tempos. A Grécia antiga, o Renascimento e Camões coexistem num discurso simples e inteligível. O Capacete de Aquiles foi bem vendido na livraria da Biblioteca Nacional, o que lhe deu a convicção de que a poesia é algo que se pode vender. Talvez porque como uma espécie de guia para quem visita a Biblioteca, as pessoas compravam o livro e o indicavam para outras pessoas. Todos os exemplares que colocou em pontos de venda foram vendidos e teve que renovar o estoque. Ficou alegre em saber que sua poesia estava despertando interesse dos leitores. Também O Livro de Lucien foi bastante vendido.

No extenso poema que constitui O Capacete de Aquiles Natalício traça as linhas mágicas do itinerário histórico da Biblioteca Nacional e confessa o alumbramento de contemplar a riqueza do acervo que possibilita ascender aos píncaros do saber. Subir os degraus do monumental prédio da Avenida Rio Branco, que na metáfora se assemelha à escada de Jacó, propicia sensação iniciática. Ao transitar entre manuscritos e iluminuras, na fantasia de contactar o mundo de Homero, Dante e Virgílio, consagrados pela posteridade do fruto de seus sonhos e labores, o poeta vê os livros viajarem como pássaros de asas abertas "para voar das mãos dos bibliotecários para o mundo". Ao cogitar sobre a origem e viagem das idéias que se transformam em livros e dos livros que se transformam em novas idéias, o frêmito de sondar o mistério do tempo o faz imergir em remotas eras, na evocação de outras bibliotecas como as de Nínive, Pérgamo e Alexandria, num delírio de "Horas se movendo em torno de si mesmas". No transe de navegar por alfarrábios de outrora, como Camões nos ignotos mares dos Lusíadas, de repente o imaginário suscita um artifício que transcende barreiras de espaço e tempo. Em cibernéticas ondas, capta imagens de todo o Universo e penetra nas bibliotecas do mundo, "inclusive as do futuro", a luz do conhecimento brilhando qual relâmpago, lágrima de cristal refletida no capacete de Aquiles.

A prosa de Natalício é cativante. A narrativa tem autenticidade porque brota da experiência vivida. Tem a força da fábula fundada na vivência. O Livro de Lucien, de influência machadiana pelo tom confessional, intimista e pela ironia que escorre nas entrelinhas, transpõe para a ficção momentos que o poeta viveu

no Rio de Janeiro, desde os tempos de sua chegada à cidade, quando perambulava solitário pelos mirantes de Santa Teresa, contemplando a Baía de Guanabara, encantado com os esplendores do Rio, mas angustiado pela solidão, até a fase em que se integra na vida cotidiana de funcionário público, quando faz amizade com poetas e escreve sobre a sua convivência com as pessoas que se tornaram personagens de seus livros. Na fabulação de O Livro de Lucien relata as ocasiões em que vivenciou deslocamentos do corpo astral. Lucien, o personagem narrador, envolto em atmosfera de mistério, busca entender os insólitos transe espirituais que lhe ocorrem, premonições, visões de espíritos desencarnados na forma de sombras, e a virtude de projetar o corpo astral. Para conhecer a causa desses fenômenos, perambula da Biblioteca Ramih Galvão ao Instituto Atman de Projeciologia, onde os estuda cientificamente os seus dons esotéricos e os descreve no diário que, discretamente, faz chegar às mãos do amigo José. A concepção da estória serve de contraponto para a idealização de um ambiente neoplatônico, em que os livros esotéricos iluminam a biblioteca com suas lombadas douradas. Certamente o prazer de estar entre livros lhe inspirou essa extraordinária imagem. Através dos personagens, (Lucien, o Mestre Teoberto de Castro e Silva) o autor explana toda uma teoria cosmológico-espiritualista, ao revelar como o corpo astral sai do corpo físico para viver num plano diferente. Nas investigações que realiza no Instituto de Projeciologia, Lucien, aprendeu que no futuro a humanidade fará uso do método de projeção do corpo astral para viajar a outros continentes, e mesmo a outros domínios cósmicos.

O Velho Marinheiro, A Baía de Guanabara e a Triste Sina do Imperial, também publicado no Rio, consiste na história de José Valdivino, marujo exótico e boêmio, obsecado pela Baía de Guanabara, onde resolve viver a velejar em seu barco. O personagem mostra ao autor a geografia dos encantos, as ilhas exuberantes, numa das quais o biografado se instala durante algum tempo. Nesse drama existencial, paralelamente à aventura de Valdivino se desenvolve a vida do próprio narrador, que não é menos interessante que o drama do personagem, escrito a partir de entrevistas gravadas. A dedicação com que o narrador se consagra a escrever sobre o personagem acaba por aproximá-los na amizade e na maneira de viver. Coincidem em muitos aspectos. A paixão do personagem pelo mar é proporcional à do narrador pela arte de escrever. Um a buscar a ilha onde realizasse o seu sonho de aventura, o outro a escrever o livro que realizasse o seu sonho estético. Um a desvendar litorais e viver experiências fantásticas pelo mundo afora. O outro a aventurar-se na não menos perigosa peripécia conviver e envolver-se com as pessoas que participam de seu projeto literário. Ambos se convertem em andarilhos, um pelas estradas do mar, o outro pelas ruas do Rio de Janeiro. Por fim também a solidão e a decadência do mundo em que viviam torna-lhes a existência semelhante em tudo.

Entre um chop e outro Natalício declara sua profissão de fé no seu projeto estético. E protesta contra os vilões, os mercenários da arte. Diz que se manterá fiel aos ideais de luta contra os adversários da cultura. Continuará escrevendo e divulgando suas criações, apesar da mentalidade tacanha da maioria dos editores brasileiros, que

nao tem compromisso com a cultura e consideram o livro apenas um produto de mercado e não uma obra para a formação e o prazer estético dos leitores. Lembra que, num seminário de editores, o cara da Companhia das Letras disse que o livro é simplesmente um produto comercial. Havia gente de outros países e uma editora da França se levantou e retrucou: "se a na França se pensasse como senhor pensa, nós não teríamos feito a Revolução Francesa, pois num livro o preço de venda é o que menos deve interessar, sendo ele um veículo transmissor de idéias que formam e transformam o homem". Evidentemente, não se pode equiparar o livro a uma caixa de sapatos. Se os sapatos oferecem conforto aos pés, o livro conforta e alimenta o espírito. Nesse momento da nossa conversa, Natalício bebe um grande gole da bebida de sua predileção e levanta a voz para proferir sua denúncia: "se os editores no Brasil continuarem pensando apenas no lucro auferido com a comercialização da literatura, o que vai ser do autor e da cultura neste país? É uma cretinice querer reduzir a literatura a uma mercadoria e o autor um mercador ambicioso. Isso é menosprezar demais o autor! Existe um cartel de editores que não recebe autor que não tenha nome já preteritamente divulgado. Desse jeito fica difícil aparecer novos autores, pela falta de quem tome a iniciativa de ser o primeiro editor de alguém". Recordamos o ludíbrio de um sujeito famoso farsante, que tinha duas editoras, uma para publicar escritores mais conhecidos, sem ônus para o autor, e com a devida distribuição do livro, e outra, para autores menos conhecidos, com o custo pago pelo interessado. Neste caso, inclusive, os livros eram deixados num depósito, sem qualquer tipo de distribuição. E hoje em dia tem muita gente que procede assim e quer merecer o nome de editor... Humberto Eco faz a mesma denúncia. Menciona casos de editoras com duas portas, uma para cada tipo de autor. Concordamos em que, efetivamente, quem adota um sistema destes, não pode deixar de receber qualificativo de cafajeste.

Em sua opinião, Paulo Coelho foi o primeiro escritor profissional do Brasil. Os outros sempre foram compadres dos editores. "Paulo Coelho, com o sucesso que alcançou, jogou o passe dele no mercado. Quem desse mais o teria. A Editora Objetivo deu um milhão e ele foi pra lá. O Paulo Rocco protestou, dizendo que só ele sabia o quanto o Paulo Coelho vale. Com isso, ele confessou que estava pagando menos direitos autorais que lhe deveria". Concordei em que merece louvores a atitude de Paulo Coelho, que, na visão de Natalício, é o primeiro autor que tratou profissionalmente com os editores. Natalício vê na atitude de alguns editores uma espécie de congregação fascista, para reprimir o comportamento de certos autores. Acha ele que é preciso fazer uma CPI sobre a editoração de livros no Brasil, para saber o que os editores estão fazendo ou deixando de fazer com os autores. Só o que eles ganham com os autores mortos, cuja obra caiu no domínio público, é uma enormidade. E isso causa indignação quando lembramos que poetas e escritores como Camões, Lima Barreto e Fernando Pessoa, passaram situações de extrema dificuldade financeira. Não se trata apenas de reclamar o pagamento de direitos do autor pelos livros vendidos. Não é só o fato de venderem os livros e não darem nenhum tostão aos autores. O pior é se ter de pagar para que publiquem nossos livros e ainda ganhem depois mais dinheiro às custas do nosso trabalho. Só num país inculto pode-se atentar

dessa maneira contra a profissão de escritor. E é assim que os pseudo-editores estão tratando as pessoas que detêm a força do trabalho intelectual.

**Outra enorme patifaria é a submissão total do livro à propaganda da mídia. Se a imprensa faz propaganda positiva o livro vende. Se faz negativa, ele não vende ou pára de vender. Os jornalistas têm o poder de levantar ou derrubar quem quer que seja. E a legitimidade desse poder é questionável, porque ele foi usurpado do próprio povo. De fato, merece um livro inteiro esse assunto da ilegítima e desonesta manipulação da informação pela mídia, a serviço de interesses escusos de grupos econômicos e de políticos sem escrúpulos.**

**Pergunta-me Natalício: porque as televisões não divulgam literatura? Porque Roberto Marinho e Silvio Santos não incluem cultura em suas televisões? Respondo-lhe o seguinte: é que se trata de duas personalidades sui generis. Um é o acadêmico mais anticultural que já se elegeu entre os chamados "imortais", e o outro é um camelô que ficou rico de repente e provavelmente nunca leu um livro. O poeta concorda comigo e acrescenta: Parece que os escritores que elegeram Roberto Marinho para a Academia estavam realmente todos caducos. Aliás, estamos de acordo em que o que valoriza o escritor é a sua obra e não o fato de pertencer a academias. As academias não apenas grupos de pessoas que se renunem com finalidade de autopromoção, sempre mercê de conveniências e oportunismos. Fato engraçado é que em todas elas há sempre um representante militar, um padre e muitos políticos de carreira. Para nelas ingressar não precisa ser escritor. Aliás, em alguns casos, escrever ou não pouco importa, sobretudo se se trata de empresário rico que possa doar algum imóvel pra sediar a academia. O médico é pra cuidar dos velhinhos, o padre pra dar a extrema unção e o militar pra garantir a posse dos eleitos democraticamente... Quanto aos candidatos, a atitude do abutre parece assemelhar-se às campanhas eleitoreiras. O sujeito fica farejando a morte de alguém pra ocupar a cadeira do moribundo. Concordamos em que tal atitude apenas revela o mau caráter de quem a adota. Nosso juízo demolidor de falsos valores também não poderia poupar os agraciamentos de prêmios literários, 99 ou 100% dos quais constitui jogo sujo, de cartas marcadas. Por trás dos bastidores ou por debaixo dos panos há o conchavo, a troca de favores e o prévio conhecimento dos vencedores, antes mesmo de a banca julgadora receber os originais dos concorrentes.**

**Quanto aos jornais, os que têm cadernos literários semanais e publicam escritores das "panelinhas", via de regra comprovam o fenômeno da cultura do negócio, do que dá dinheiro, do que é de consumo rápido, coisas da neurose coletiva da sociedade materialista contemporânea e do obscurantismo das oligarquias que vêm dominando a política brasileira há muitas décadas. Acoplada a essa atitude preconceituosa do interesse econômico, há o dogma de que a poesia não é vendida, e portanto não merece publicidade. Tal preconceito, que reflete apenas a ignorância de quem o tem, faz com que a poesia realmente não seja vendida. No entanto existirá sempre poesia, seja ela vendida ou não, apareça nos jornais ou não. Pode parecer que tudo na sociedade de consumo se reduziu à compra e venda e já não há criação artística nem senso estético. Mas é**

exatamente essa marginalização da poesia que a torna mais imprescindível. Ela se torna como uma jóia rara: o seu valor aumenta exatamente porque poucos tem capacidade de desfrutá-la. Mais a inteligência humana se subordinará ao comércio e ao lucro, mais a poesia se tornará privilégio de pessoas que não perderam a capacidade de pensar e de sentir. Não se pode culpar os escritores pelo baixo nível cultural de grandes massas populacionais. Porque as televisões e cinemas não divulgam documentários sobre artistas e escritores brasileiros? Porque não reproduzem o filme que fizeram com Manuel Bandeira? O Poeta andando em Santa Tereza e pelas ruas de Ipanema. Ou o filme que fizeram com Carlos Drummond. Quem se interessa por poetas? Será que o povo brasileiro tem tanta preguiça de ler, ou foi condicionado a isso, como os animais de Pavlov?

Lembramos, a propósito de cultura no Brasil, a admirável figura do Patativa do Assaré, um caboclo semi-analfabeto, que apesar de todas as adversidades do meio onde nasceu e foi educado, tornou-se um grande poeta, tendo sabido aproveitar o seu talento inato. No Nordeste brasileiro há fenomenos como o Patativa. Há pessoas que conseguem se elevar acima da estrutura de injustiça social da região. O Lula é outro exemplo disso. Um caboclo inteligente que, de operário explorado nas indústrias de São Paulo, se tornou político arguto, capaz de discutir com qualquer pós-graduado sobre assunto de política, economia, comércio internacional, etc. Apenas por preconceito de determinado segmento da sociedade aquele sertanejo, protótipo do povo brasileiro, não foi eleito Presidente da República. Não temos a menor dúvida de que seria um estadista, pois assim o demonstrou, durante as campanhas presidenciais de que participou, demonstrando possuir capacidade, em todos os sentidos, e sobretudo no que tange à idoneidade moral, coisa que parece rara hoje em dia entre os homens da política nacional. Voltando caso do poeta popular, Natalício cita sempre a frase que Patativa do Assaré respondeu a um repórter, que lhe perguntou porque falava errado. O velho poeta, com sagacidade, mostrou a diferença entre gente que fala errado dizendo coisas corretas e gente que fala corretamente o português e só faz e diz coisas erradas.

Natalício voltou a viver no Ceará desde o final do ano de 1999. Em Fortaleza teria mais chances de conseguir um emprego que lhe proporcionasse melhores condições materiais do que no Rio. Morava no Leme, lugar privilegiado, mas o curtíssimo dinheiro do emprego na Biblioteca Nacional, só lhe permitia alugar apartamento quitinete, com pouquíssimo espaço inclusive para a sua biblioteca. Além disso, a família pressionava para que voltasse. Quando ia de férias ao Ceará, era uma choradeira da mãe e das irmãs. A sua partida do Rio não significa um fracasso, pois cumpriu o objetivo que sempre almejou, isto é, publicou e divulgou seus livros. Além disso conheceu Lia, a companheira que o ajudou a vencer a solidão de poeta imigrante. Afinal de contas, não resistiu ao chamado de sua agradável família, de fácil convivência, constituída de artistas e intelectuais. Em Fortaleza, desfruta da companhia dos irmãos intelectuais, Giovani, engenheiro e filósofo, Pascelli, arquiteto e pintor, Álcio, poeta e violonista, Jânio, pianista e médico e Carlos Magno, ator e psiquiatra.

Os atrativos da terra cearense também contam. As praias, os amigos poetas e o novo emprego na Fundação Cultural do Município de Fortaleza têm seu valor. Lia recorda a dura viagem que fizeram de ônibus, uma das vezes em que vieram de férias ao Ceará. Natalício havia quebrado o pé numa farra com Roberto Pontes, na véspera da viagem. Viajou de ressaca e de pé engessado. E não puderam aproveitar as belezas de Fortaleza. Agora, no entanto, estão curtindo o que há de melhor na cidade, passeios nos recantos bonitos da Beira-mar, da Praia do Futuro, e a companhia da família.

Retornar e rever as coisas que deixou em Fortaleza, depois de 12 anos no Rio, tem sido para ele uma satisfação. É como retornar à infância e à adolescência com a compreensão evoluída da idade madura e com o sentimento de haver cumprido sua missão. Mas, como na sua alma ficaram indelevelmente marcados o tempo e as experiências que viveu no Rio, cabe, então, a pergunta: quando o poeta reconquistará o Rio de Janeiro?

#### **A MENSAGEM HUMANISTA DE JOSÉ HELDER DE SOUZA**

José Helder Carneiro Vasconcelos Catunda de Souza, poeta cuja grandeza de alma é um referencial para a literatura brasileira, escreveu diversos livros em que revela o seu pensamento humanista e existencialista. Conheci José Helder em 1984, quando passei a residir na Capital brasileira. Naquele tempo frequentávamos a Associação Nacional de Escritores, grupo de amigos que se reuniam no bar Xique-Xique, na Quadra 307 Sul. Do círculo de conversa e cerveja participavam semanalmente o inolvidável Almeida Fischer, Anderson Braga Horta, José Geraldo, Branca Bakaj, José Santiago Naud, Wilson Pereira, João Carlos Taveira, Allan Viggiano, Napoleão Valadares, José Maria Leitão e outros. Nas noites de terças-feiras não me faltava a boa companhia dos poetas de Brasília, dentre os quais José Helder se destacava pelo jeito pacato e bonachão, sempre bem-humorado, trazendo sagazes temas para a mesa de conversações. Sua maneira generosa me cativou e passei a admirá-lo, por sua poesia e suas qualidades humanas. Vim a saber que somos primos, descendentes na linha direta do Clã dos Catunda e dos Souza de terras cearenses.

**José Helder nasceu em Massapê, na família Catunda, filho de Raymundo Olavo de Souza e de Zuleika Vasconcelos. Criou-se em Sobral, onde fez os primeiros estudos e, pelo exemplo da linhagem materna, aprendeu a gostar de poesia. Ainda menino, a avó e a mãe o incentivavam a ler e recitar sonetos do Padre Antonio Tomás, que ele memorizava para declamá-los para gáudio da família. Gostava de especialmente do famoso “Contraste”: "Quando partimos no verdor dos anos/ da vida pela estrada florescente...". Dona Francisca da Glória de Catunda de Souza, sobrinha do Senador Joaquim Catunda, também tinha grande admiração por Olavo Bilac e instruía o menino José Helder a recitar sonetos no Grupo Escolar Professor Arruda, em Sobral. A poesia foi fluindo e influindo em sua vida, de tal maneira que ainda criança, na encantadora cidade de Camocim, onde viveu um ano, ao meditar sobre os barcos que saíam do porto, escreveu o seu primeiro poema.**

**Recorda José Helder que, já adolescente, o seu pai, Raymundo Olavo de Souza, fizera chegar-lhe as mãos um livro fundamental da literatura brasileira, como o “Luzia Homem”, de Domingos Olympio, em cujas páginas identificou paisagens de sua infância vivida em Sobral. Foi também através de seu pai que descobriu a poesia de Menotti Del Picchia, do Juca Mulato. Depois, foi tomando conhecimento, por meio dos jornais, ou em conversas nos cafés, da poesia dos modernistas, inicialmente de Manuel Bandeira e das elegias de de Mauro Mota. Foram os seus primeiros alumbramentos literários, num tempo em que ainda não se ensinava nas escolas a estética libertária dos modernistas.**

**Ainda adolescente, transferiu-se para Fortaleza, em momento de ebulição política, época da redemocratização de 1945, quando a onda libertária da democracia sepultava a ditadura de Getúlio Vargas. Na fase em que morou em Fortaleza consagrou-se devotamente à boemia e conviveu com os poetas do “Grupo Clã”, os próceres do modernismo no Ceará. Na década de 40, quando nos colégios a poesia conhecida só chegava até os parnasianos e simbolistas, já o “Grupo Clã”, com figuras inesquecíveis como Antônio Girão Barroso, Aluizio Medeiros, Milton Dias e outros, havia começado a revolução literária no Ceará.**

**A partir de 1953, José Helder largou o curso clássico do Liceu do Ceará e decidiu ser jornalista. Começou pelo jornal Gazeta de Notícias, onde foi cronista de cinema. Diversificou sua experiência, como redator do O Democrata, O Povo, O Estado e O Unitário, tendo publicado poemas nestes periódicos de Fortaleza, principalmente no jornal “O Povo”, que naquele tempo reservava certo espaço para a divulgação de textos literários. Nesse período, José Helder nutria o espírito com a leitura dos grandes mestres da moderna poesia, a partir de Whitman, Rimbaud, Neruda, Fernando Pessoa, Antônio Nobre e Garcia Lorca, e na prosa, lia obras de José Lins, Jorge Amado, Graça Aranha e Guimarães Rosa.**

**Em suas andanças boêmias, percorria as praias da cidade, na companhia de Blanchard Girão, de Milton Dias e de Jairo Martins Bastos, aproveitando o que de mais acolhedor existia na capital cearense. Naquele tempo se podia tomar banho nú na Praia do Futuro, que ainda estava sendo descoberta. O boteco que José Helder frequentava com seus parceiros de sonho era quase uma ermida à**

beira-mar. Ficava além do calcamento tosco que terminava no areal entre o mar e a beira do rio Pacoti.

Ciente de que o poeta é um ser notívago que a noite torna clarividente, curti a emoção lírica de contemplar a lua e as estrelas. A noite era seu refúgio, como afirma em uma das estrofes do poema *Elegias de Sobral*: "Aguardo a noite em que me esconderei". No Ceará as noites são sempre agradáveis nas proximidades do mar, que tempera o clima fortalezense de aprazíveis brisas. Na fase em que viveu em Fortaleza, o poeta tinha o bom gosto de desfrutar, hedonisticamente, o fascinante silêncio e o ar de mistério das noites na capital cearense. Naquele tempo os bares fechavam à meia-noite e só alguns cabarés permaneciam ativos. Contou-me José Helder um episódio engraçado, ocorrido em noitada de boêmia. Havia comprado no Rio um paletó de tecido especial, mas um tanto quente para o clima cearense. Depois de tomar umas e outras na Praia do Náutico, retirou a indumentária, colocou-a de lado e cochilou. Nisso um sujeito veio e furtou-lhe a sofisticada vestimenta. O terno não fez grande falta, tornado já prescindível no clima cearense. Mas fez falta o que tinha nos bolsos: carteira, documentos... e até um pouco de dinheiro. Como tinha cor tendendo para o verde, o poeta Jairo Bastos inventou que o paletó fora comido por um jumento. De fato, a orla marítima de Fortaleza era quase toda zona rural, habitada por muito jumento. Começavam a aparecer ali os primeiros cabarés e bares favelados, que foram sendo derrubados depois para a construção de casas e edifícios residenciais.

Quando foi para o Rio, aos 21 anos de idade, morou na Casa do Estudante e trabalhou no jornal do Partido Comunista. Mal alimentado e debilitado pelo trabalho noturno e pela boemia, contraiu tuberculose. Ainda convalescente, retornou ao Ceará, num cargueiro, chegando ao porto de Mucuripe "com os bacilos roendo os peitos". Três anos depois, "sempre enfastiado e nem sempre bem remunerado, metido a noite nos botecos e prostíbulos das praias", adocece outra vez e passa seis meses num sanatório.

Graças aos incentivos dos amigos Artur Eduardo Benevides e Milton Dias publicou, em 1959, o primeiro livro, A Musa e o Homem. No mesmo ano deixou impressa uma coleção de poemas seus no número 18 da Revista Clã.

Enquanto dissipava o acanhado salário do jornal da província, soube que amigos estavam fundando Correio Braziliense e não hesitou em seguir, em 1960, para a nova Capital, decidido a engolfar-se no jornalismo. Como secretário de jornal, tinha pouco tempo para escrever poesia. A boemia depois do trabalho noturno também contribuiu para reduzir-lhe o tempo de criação literária. Enfrentou as agruras de pioneiro, de "candango", morando nas primeiras construções de madeira da Nova Capital e foi firmando raízes no chão do cerrado, sem jamais largar de todo a Fortaleza, onde sempre vai rever os amigos que o tempo ainda não levou.



Quando José Helder chegou a Brasília, nos meados de 1960, ainda dominavam a paisagem as canelas-de-ema, as lobeiras, os muricis, os piquizeiros e os palpalantos na sua elegância floral. Uniu-se aos pioneiros que plantavam a cidade, inclinando-se “a crer realmente num novo ser, de comportamento diferenciado, produto de um viver inovado imposto pela urdidura urbana da cidade, proposta exatamente para promover fundas mudanças na sociedade brasileira, inclusive na psicologia de seus filhos”. Uma das características interessantes de Brasília é que, por sua concepção urbanística, a cidade faz com que os seus habitantes, predominantemente funcionários públicos, convivam em apartamentos e casas mais ou menos padronizados, frequentando as mesmas escolas, dentro das quadras, nas proximidades de suas habitações. Na mesma quadra ou no mesmo botequim encontram-se frequentemente o chefe de seção e o simples escriturário. Tudo isto, no entender de José Helder, poderia dar nascimento a um ente novo, ou inovado. Apesar de em 1966 haver começado a implantação de um mercado imobiliário que vai mudando o espírito primeiro de Brasília, ainda podemos versejar sobre o brilho do sol, a verdura dos gramados, o intenso azul do céu ou sobre as coisas da natureza.

**O ano de 1977 foi importante para a sua atividade literária porque, então, reuniu contos e crônicas no livro Coisas e Bichos e foi voltando ao fazer poético. Seguiram-se A Grandeza das Coisas”, Sonetos de São Luiz, Relvas do Planalto, Os Homens do Pedregal, De Mim e das Musas, Cabo Plutarco, o Berro d'Água, história verdadeira do sobralense Wilson Pultarco Rodrigues Lima, que meteu-se na cachaça e acabou personagem do Jorge Amado, que o recriou completamente em Quincas Berro D'Água. Trata-se de graciosa crônica que recupera o anedotário do boêmio Plutarco, trazendo a lume fatos, lugares e pessoas que serviram de modelo para a estória picaresca, ouvida pelo ficcionista bahiano na "Boate Maracangalha" em Fortaleza e transposta magistralmente para as páginas de sua obra romanesca.**

Um aspecto revelante em sua personalidade é a sua convicção no modelo socialista de sociedade, (sem Stalin), o que se reflete de maneira indireta na poesia que escreve. Não como panfleto ou concitação, mas como rebrilhos de pensamento que insinuam lastros socialistas em seus versos. Anderson Braga Horta nota, no prefácio de Viagem: Caminhos, que o discurso socializante em José Helder não é intencional, mas espontâneo. Nota-se que o pensamento que fundamenta a sua poética direciona-lhe prioritariamente no sentido do social e do cotidiano, a serviço das legítimas aspirações do homem. Como diz o próprio Helder, "toda poesia é política em si mesma".

Segundo declara, em interessante depoimento no livro De Mim e das Musas: “o moço, o Helder dos quatorze anos, ao escutar os sinos da Igreja do Patrocínio do Padre Nini, no dia 8 de maio de 1945, quando da derrota do fascismo, o triunfo das democracias e da pátria do socialismo, sofreu, por certo, influência indelével daqueles fatos políticos a carregar para todo o sempre”. Ele justifica que “o neto de latifundiários decadentes destituídos de poder com a

Revolução de 30, filho de pequenos burgueses urbanos desterrados do latifúndio, influenciou-se naturalmente pelas correntes esquerdistas, identificando nelas os ideais de fraternidade humana de que se infundira”.

Em sua casa não havia tradição de religiosidade, exceto pela mãe que às vezes frequentava a missa aos domingos. Em vez do pueril catecismo que instruiu a infância de sua geração, José Helder optou pela idéia do materialismo ateu. Conheceu precocemente Sartre, por influência do pai, que tivera certa ligação com o Partido Comunista e que fora preso em tempos de ditadura. Adotou o filósofo francês como mentor intelectual, pelo aspecto humanista de sua filosofia, que não despreza os valores essenciais da dimensão humana, como o direito de todos ao pão da sobrevivência e a idéia de fraternidade, implícita na utopia da sociedade sem classes. Aprecia esses aspectos em que as filosofias materialistas e espiritualistas coincidem, pois pensar e compreender o homem é uma necessidade para melhoria da vida humana na Terra.

Considera a literatura uma amante exigente, que pede constantes cuidados e muita dedicação. Embora o poeta se queixe da contingência de ter tido que dividir-se entre a função de secretário de redação e a faina literária, como a justificar de algum modo a dimensão de sua própria obra, ainda assim foi capaz de escrever grande parte de seus livros em plena efervescência dos labores jornalísticos.

Em poesia, evoca as emoções da infância, o tempo em que caminhava “cheirando as folhas pisadas”, a saudade das paisagens “perdidas nas sombras da memória”, a fugacidade dos seres, “a voracidade impiedosa do tempo”. O lirismo, ao lado da inquietação existencial, constitui a nota predominante de sua poesia. Nele estão presentes a mulher como musa, e o homem e suas vivências amorosas, os laços de afeto para com a família, o homem diante das vicissitudes da vida, o destino, o amor e seus desafios. Nas reminiscências da infância, a realidade e a paisagem do sertão aparecem de forma incessante. Ele mesmo define, no poema “O Fazer Poético”, de Sonetos de São Luiz, o seguinte axioma, que revela, por si, a sua identificação com o ambiente rural de suas origens: “boi + pasto = minha infância”. No mesmo livro, alguns versos atestam-lhe a forte tendência telúrica, bucólica, o vínculo do sertanejo com a natureza. Por exemplo, quando o poeta evoca o Sol que rebrilha nas gotas/aljofradas dos ramos/ e da relva orvalhados./(Aurora) Ou quando se refere aos pássaros acordados pela aurora, cantando assustados pelo rubor dos ramos incendiados.

No livro A Grandeza das Coisas enaltece as virtudes e a missão dos poetas, que “enxergam as cores das coisas e do tempo” e convida a musa a um vôo metafísico nas asas da poesia: “acompanha-me mulher,/pode haver uma hora azul/numa tarde de áureos sons.”/ (O Som e a Cor do Tempo). Em “Mortuária”, destaca o trabalho generoso do poeta como “um piedoso gesto de amorosa sujeição”. Não obstante o seu confesso ateísmo, notado em vários momentos de sua obra, no final do citado poema deixa entrever certa perspectiva de espiritualidade quando diz: “no túmulo, esquecido,/ submerso, amarguradamente só,/ buscarei ouvir as notas de tua saudade...”/

No poema “Noite Silenciosa Perfumada e Vã”, imerge em inefáveis dimensões para cantar, amigo íntimo da noite, as coisas sutis e delicadas como "o aroma virginal dos jasmineiros". Na estrofe final lamenta a sua carência de afetos e fragilidade, diante da solidão a caminhar "numa rua antiga, no seu velho mundo morto". Sua desilusão constata que "jamais aportará no que perdeu". E ao perceber que a noite é vã, porque não lhe propicia o ansiado alívio para as lutas ferinas da vida, reconhece a necessidade de estar "convicto de seu presente" e "perceber a angústia do pastor e a certeza-pedra do operário matutino".

O seu lirismo é mais explícito nos versos de “Regresso do Infiel”, nos quais derrama a ternura de uma confissão contrita. Rendido aos pés da amada, perdido e reencontrado no regresso, declara: "mulher,/água da minha sede, pão da minha fome,/lã do meu frio,/leito do meu cansaço,/aurora da minha noite,/aqui estou de volta/em tua porta,/sem lamentar meu gesto."/ Em “Homem Noturno”, ressalta a sua vocação notívaga, como quem "cansou do dia e procura se iludir com a lua". Declara que nem sempre o homem que habita a noite é um dissoluto. É que a própria vida o faz pervagar sob a pesada angústia de viver. Em tais condições, o desfrute dos aconchegos noturnos faz contraponto com o desencanto de vagar sem destino, "até que venha a morte ou que ele a traga/ e se resolvam todos os problemas da existência". Em "As Horas e os Dias Elegíacos", deplora o tédio da vida e na solidão de um bar, rememora a infância, as missas de domingos, a febre e o delírio do passado e seus fantasmas.

Em “Metafísica Existencial” evoca o trágico destino de Maiakovski e Sá Carneiro. Alude aos extravagantes caprichos do português doido e genial, que legou aos pósteros um esdrúxulo inventário fúnebre.

O lirismo sublimado ressoa em “A Janela”, com a visão de cenários de perplexidade e monotonia. Do lugar estratégico em que assiste o mundo, vê as imagens do cotidiano, a monotonia das coisas mudas e melancólicas e contempla a lua que evoca o passado, "sofro e gozo sua presença alva" .

No poema “Paisagem”, revela-se o poeta contemplativo, que funde a dimensão do cotidiano à perspectiva do intemporal: "São em verdade, seis horas,/o cotidiano finda./Larga e longa fila de automóveis/corre na avenida rumo o Sol/ -- desencatada luz esmaecendo /por trás da torre no horizonte". De súbito, o homem inserido na vida material se transporta no próprio enigma de sua transitoriedade. E o observador, ao constatar a mágica do instantâneo, imerge em perplexidade diante do mistério: "o homem, intranquilo, dirige seu carro/para o poente como se fosse/mergulhar no crepúsculo, e some". Em “O Bicho Homem” mostra a realidade do homem mortal, telúrico e terrenal, o homem com seu cavalo e sua enxada, o ser de carne e osso que resiste as intempéries, com a dolorosa consciência de sua condição efêmera, perecível. E afirma que, ante a vicissitude de sua condição, resta lutar por uma vida digna: "Mas será guerreiro quando/lhe negarem a terra que cava com a enxada/e percorre com seu cavalo". Vencido e morto, ao menos terá a glória de sua dignidade, a certeza de que lutou: "a manhã verá sua morte/se lhe falta a força necessária,/mas o ocaso nao verá seus olhos empanados/pelo ódio de ter presa a

mão que comanda/seu cavalo e bate a enxada contra a terra." Nestes versos se resume a poética de José Helder, a consciência de que o bem da vida é o brasão de sacrifício com que se luta pela liberdade. A luta deixa de ser uma consolação e se torna a glória de não haver combatido para não deixar-se aviltar.

Relvas do Planalto não discorre simplesmente sobre o planalto, mas à maneira de Whitman, que cita em epígrafe, a relva é o cenário do mundo humano, centro da sua preocupação, fulcro do seu canto, a um tempo revolucionário e lírico, urbano e telúrico. Com argúcia, nota Artur Eduardo Benevides, no prefácio do livro, que a inquietação com os destinos da humanidade, as recordações da infância, o nascimento de Brasília e o retorno ao olhar da mulher amada configuram os temas essenciais de Relvas do Planalto. Seus pungentes versos que traduzem a solidão e a dor dos homens diante do estigma do tempo. Observa a relva que renasce sobre a colina, "por cima das ruínas tumulares de meu povo, te insinuas pelas brechas da alvenaria, pedra e cal, quebrada pelo tempo, cabeleira vegetal, fria e verde, dos desgrenhados mortos sem memória, nessas terras de adeuses". A sua preocupação é a vida humana e não a paisagem. O sopro generoso de ação e liberdade de Whitman permeia-lhe as imagens, matizadas por um tom de elegia ou de protesto social, como ressaltou José Santiago Naud ao comentar-lhe a poesia. Diante do paradoxo da ternura da relva e da aspereza da pedra, o poeta cultiva as relíquias de suas lembranças. A relva aparece como caminho do eterno retorno, onde viaja para a Idade de Ouro da infância. Assim extravasa a saudade da gleba nativa, "Casa alpendrada, coqueiro, mar e lua...", paisagem do rincão de suas origens.

Nos poemas "Escrito sobre a Relva" e "Relvas do Planalto", a paisagem se apresenta como destino, alcova e paradeiro do fim da jornada. A relva que brota "pelas frestas tumulares" adquire dimensão permanente, fênix que se renova e resiste na terra desolada do mundo transitório. Constata, em metáfora de raro teor e luminosidade, "enquanto é noite a relva cresce/ e cobre a terra e os mortos/sob a lua iridescem os cristais/do orvalho recamado em suas folhas." É transitória a vivência do homem que está eventualmente sobre o planalto. Só a relva, como força onipresente, vence a noite tumular. Súbito, a relva metafísica se transfigura no anseio de justiça social, na esperança de que surja um povo participativo, consciente de seus direitos, como relva renovada: "Espero, um dia, a relva seja limpa/ e dela surja tudo que almejei/ para o meu povo,/ agora enterreado/ sobre a relva". Para o poeta, ausência de liberdade é morte em vida. Em "Esperança", desvenda outra imagem da infância, com o dorido idílio da recordação. Entre campos e colinas vê (retém na alma) a casa branca do destino: "Viu e reteve no fundo da alma,/na distante infância, um campo./Nele iam o menino e sua mãe." Note-se o formidável poder evocativo destes versos: "Era uma campo, belo campo, Campos Belos, revestidos de relva e luz. Na colina, ao fim do campo, a casa, / a casa branca do destino".

O erotismo está presente em quadras de vigoroso relevo tais como no poema "Erótica": "Na exatidão de tuas coxas, juntas,/velo a relva ruiva a relvar/o teu Monte de Vênus, no limite/de teu macio e fértil ventre". A metáfora do sexo

aqui adquire mágicas colorações e suscita, ao final, esdrúxula e sugestiva imagem de hipocampos a andar em crespa relva, numa metamorfose de mar, em que o poeta delira num sonho de fauno ou delfim.

Depois, em “Mitos”, vem a lembrança de um momento sensual em que o êxtase transfigura o ambiente e produz um prodígio metereológico: "A névoa nascida do suor dos corpos sobre a seda/eleva-se, sai pela janela, perfuma-se/no jardim, salta os muros, sobe a ribanceira/e deita-se, plácida, na face encantada da lagoa."/

Outra reminiscência do passado que descortina cenários de enlevo de outros tempos aparece em “Grito Extinto”. Um tom desiludido e metafísico aqui ressalta: "Para além dos tetos e das luzes,/contemplávamos a imensidão do mar,/longe murmurando seu mistério./Silentes, deslumbrados, enlevados de amor,/desejei tua palavra consentida e dadivosa./Deste-me o silêncio, a solidão e a morte./

A poesia é fato de memória, diz Octavio Paz. A visão da lua cheia o transporta a noite da infância, na estância do passado. Recorda o rebanho da fazenda, o avo no alpendre à espera da eternidade. Aqui parece dúbio o conceito de eternidade, que não se confunde com o de eterna morte. Além da nota pastoril predominante no poema, surge-me a idéia de que o agnosticismo de José Helder parece admitir certa esperança de vida pós-terrena. "O luar a branquear a relva/não sei o que me lembra, absorto.../ agucando os sentidos acabo vendo e lembro:/ uma colina relvada branca de Lua sob a relva iluminada, balindo/ a bom balir, umas marrãs de ovelhas e suas crias,/ -- cordeirinhos brancos, badalando e tosando a relva, indo e vindo a tosar a relva./ E isto foi-me na infância,/ meu avô Joaquim na mansidão/ enluadrada do alpendre vasto/ da vetusta casa da fazenda velava/ sobre a memória de seus mortos,/ carpia seus defuntos enquanto esperava a eternidade."/

Já nos versos de “O Ser e o Nada”, fica comprovado que a eternidade, na sua concepção, representa o definitivo. Ir para a eternidade significa não ser mais visto, não mais cogitar sobre coisa nenhuma. A eternidade é como que o nada. Denota, pois, que não há outro plano onde a vida continua. A eternidade é tumular e dentro da tumba não tem mais jeito. Pensar dessa maneira é triste e pessimista. Mas o poeta não sabe e nem quer evitar a tristeza de saber que um dia não se será mais nada, não se existirá. Diz no citado poema, que dedica a Jean-Paul Sartre: "faz medo, a morte,/ não se sabe onde é, apenas que é no meio do mundo/ onde se é jogado, lá dentro/ no mais profundo, escuro e fundo,/ onde nada existe, nada se vê,/ onde nada se é"/. O ceticismo o amedronta, "faz medo deixar de ser,/ faz medo, muito medo ser posto/ do lado mais escuro e fundo,/ cova onde nada se é."/ Nenhuma esperança o conforta. Sua fé não resiste à convicção do medo e suas duras consequências. "Faz medo saber que se há/ de deixar de ser e sem nada ser/ -- lama e ossos -- descer aos infernos,/ ser posto no mais escuro e fundo,/ no mais profundo e escuro mundo,/ mundo que não é mais mundo,/ só escuro e fundo, /mundo do nada".

Uma esperança apenas cabe nesse mundo em que o ser humano vive

acudado pelo medo. É a esperança de melhores condições de vida, de bem-estar, que apesar do medo da morte, do mistério que "não se sabe onde", a circunstância da existência não impede o homem de, enquanto vivo, de ser ético, bom, correto e viver com dignidade e procurar forjar um mundo digno para os semelhantes. Dói o sujeito pensar que vai se acabar totalmente. Mas essa realidade fatal, apesar de angustiante, não é desesperadora. A sabedoria humana consiste em suportar a vida, apesar de saber que ela não tem um futuro. Entristece saber que teremos um fim, e um fim mesmo, sem outra apelação que o túmulo e o pó. Mas apesar disso, podemos e devemos viver felizes, com o prazer de fazer o bem e de fazer felizes as outras pessoas. No "Soneto da Intemporalidade e da Esperança", a expressão elegíaca e naturalista com que, nos dois quartetos, reflete sobre o tempo e a perecibilidade da vida, transforma-se, nos tercetos, quando o poeta se declara alerta para a missão de erguer "ordem nova de solidários e libertos/ homens convictos do futuro e esperançosos/ no evoluir das árvores e dos meninos loiros". Novamente a preocupação com o tempo ressalta no poema "Ciranda do Tempo". Ao homem, infenso às intempéries, exposto ao desgaste e à precessão dos tempos, resta sujeitar-se as contingências de cada mês que transcorre à revelia.

Anderson Braga Horta destaca, em relação ao livro "Viagem: Caminhos", a continuidade da poesia visceralmente humana que sempre caracterizou a obra helderiana. Em linguagem a um tempo fluente e sóbria, o poeta canta o amor, o mar, a angústia, os desesperos e tormentos da alma sensível. Em sua visão estética, mistura natureza e mulher, terra e mar. Não se limita ao veículo de suas idéias políticas, mas não deixa intocada a corda com que ressoa o seu pensamento social. Cita em um dos "Sonetos de São Luis", em que o poeta sintetiza sua noção de humanidade: "Não te negues nunca a iluminar a trilha dos aflitos e degredados". Seus caminhos e viagens passam por salas de luzes embacadas, tristuras que pousam sobre as almas, reminiscências de corpos perfumados, alegrias da vida, os amigos que ao acompanhavam nas visitas a casas de tolerância, enfim, a vida, suas expectativas e perspectivas, incertezas e enganos. "Doce engano de ser sem saber até quando", como diz em "Jornada". Como em toda sua poesia, aparece a sensação do tempo como uma ameaça: "enquanto o pêndulo prossegue em sua viagem/batendo mais que o tempo desejado nos ponteiros/na ilusão de adiar a morte..."/(Relógio das Ilusões). E o mar, como em livros anteriores, está relacionado à mulher, a sensação física do contacto com a mulher. Sente o mar através do odor feminino, "recendência feminal", "-- cheira e sabe a interfemíneo". Descrente de todo transcendentalismo, a mulher é o seu paradeiro definitivo: "vivo, morto de amores, sê, Maria, meu sudário, sepulta-me em teu doce ventre, cripta sem traves, abóbada complacente, úmida, a maciez da linfa". (Morrer de Amores). Em Último Transe, identifica-se com todos os homens e se diversifica na experiência de viajar com os habitantes da Terra na desafiadora aventura de viver.

A respeito da prosa de José Helder, concordo com Sânzio de Azevedo, quando ele diz, a propósito do livro Rio dos Ventos ser na ficção que Helder

atinge o ponto mais alto de sua obra. Voltado para as raízes cearenses, narra a história do sertão. Transparece nele toda a cearensidade, a realidade do homem aferrado à terra, os tipos marcantes da vida sertaneja, como o beato rezador Nicodemus, que abrevia discretamente a morte do fazendeiro Manoel Trajano; o Coronel Pedro Gonçalves, que fez parar o trem à força bruta, em busca de indenização pela morte de sua vaca; o cabra Zé de França Barroso e seus jagunços que perseguem Quincoló para vingar a morte do primo Sanharão. Através de tais figuras, recorrentes em toda a grande ficção regional da tradição nordestina, fala e canta a alma do povo nordestino. José Helder os recria com excepcional habilidade narrativa. Com primorosa técnica, ao apresentar o primeiro episódio, prende de imediato a atenção do leitor para a sequência do enredo. Logra desse modo, de forma precisa, uma visualização cinematográfica que desperta o interesse pelas imagens subsequentes. A partir do episódio crucial em que inicia a narrativa, desenvolve com linguagem de absoluta depuração poética os detalhes seguintes da trama, numa gradual ramificação de vívidos e dramáticos acontecimentos.

Rio dos Ventos se compõe de oito contos inspirados na vida desbragada e áspera dos sertanejos, homens capazes do mais desprendido gesto de generosidade, mas também da mais atroz das vinganças, movidos pelo ímpeto de fazer justiça com as próprias mãos. O ambiente de arbitrariedades e desmandos da oligarquia e do caciquismo regionais se espelha com claro realismo na ficção de José Helder. No discurso carregado de densidade poética, metáforas, imagens evocativas do cenário nordestino, revela a natureza interativa e presente a cada vicissitude humana. A paisagem nativa, agreste e agrária, envolve de forma decisiva os processos existenciais dos personagens. Na tessitura do conto sertanista, a expressão humana se vincula indissociavelmente à realidade social, climática e paisagística. Assim, coqueirais e canaviais a farfalhar, ateiras, manacás, lírios-do-prado, jasmims, cajueiros, graviroleiras, sino que chora dores crepusculares, volteios de andorinhas em torno da torre da igreja, são elementos onipresentes e imprescindíveis na profundidade perspectiva da própria vida dos personagens. Em toda a obra se verifica a presença constante da fauna e da flora como forças vivas a espreitar o destino dos humanos. Entre outros exemplos disso, se pode constatar a importância das oiticicas, ingazeiras e croatás onde se escondeu o fugitivo Quincoló, viajando serra acima com seu cavalo, pela beira dos abismos. E foi às carnaubeiras que recorreu o Coronel Pedro Gonçalves para atravancar o caminho do trem.

Para despertar maior interesse no leitor, creio que vale a pena proceder a um breve resumo do conteúdo dos textos que mais me agradaram.

O pungente drama de “Rio dos Ventos”, primeiro dos contos de que se compõe o livro e que lhe dá título, tem características de novela. Fala dos amores adúlteros do Padre Firmo e de sua paroquiana Profíqua. Um lance fortuito deixa visíveis as partes íntimas de Profíqua, e logo o vigário imerge nas mais conturbadoras fantasias eróticas. A trama se intensifica num crescendo de tensão, à medida que se alteia a paixão dos amantes e arde o ciúme de Chico

Pachola, desengonçado e casmurro ordenhador de vacas. Se a companhia do sacerdote preenche o vazio da vida pasmaceira de Profíqua, o hábito de ler os livros que o sacerdote lhe empresta desagrade ao marido, que preferia vê-la trabalhando na almofada de renda ou no bastidor do bordado.

O envolvimento entre os amantes se desenvolve quando, sob pretexto de ajudar na novena, Profíqua passa horas a conversar com o vigário sobre temas literários, confessando-lhe os seus dissabores. O padre pega-lhe nas mãos, carinhosamente. Num destes enlevos, o vento buliçoso levanta a saia da paroquiana e o Padre a enlaça, beija e ama, por trás da cômoda das alfaias. No transe do breve momento, os amantes foram vistos pelo sineiro, o mandrião Toinho Coridon, bebedor de cachaça com mel de jandaíra. Através do sineiro fazedor de mexericos, e da beata Filomena, Pachola toma conhecimento de que sua mulher “estava sempre aos cochichos com o Padre Firmo na sacristia ou na casa paroquial”. Perversamente, Pachola premedita o crime, fabricando, como um alquimista maldito, a bala com que eliminaria o rival em plena missa.

No conto “Sanharão”, Zé de França Barroso, o latagão branquelo, persegue Quincoló, assassino de seu primo Sanharão, político provocador de arruaças. Sanharão, fiando-se na política e no bando de cangaceiros que liderava, derrubara as cercas das terras de Quincoló, no São Bento da Montada. Num passeio, Quincoló dá de frente com Sanharão e, tenso, depois de uma pseudo-discussão, acerta-lhe três tiros mortais e foge dos Barroso, irmãos e sobrinhos de seu desafeto.

Zé de França revista a casa de Cazuzza Meireles, decidido a encontrar Quincoló nem que fosse nos infernos. Cazuzza, que já havia dado a Quincoló, enfiara-se no mato de croatás. A sua mulher, Adelina, ficara com os filhos na casa de fazenda, no alto da Serra da Meruoca. O desfecho do tenso enredo favorece ao fugitivo, que se evade a outras plagas, em busca de melhor sorte.

“O Capagato” é a estória de José Porfírio, hábil decepador de testículos de felinos e exímio caçador. Ao sair para a caça aos mutuns, Porfírio deixara a mulher dormindo a mulher Maria José e a criada. Ao voltar encontra a mulher desfalecida sobre a cama, a camisola rasgada, repuxada para cima, deixando-a seminua. Morta. Estrangulada. A criada Eunice também morta a um canto da sala de jantar. As roupas também rasgadas, o corpo seminu, com sinais de violência. Seguiu o rastro de dois homens que vira antes de regrassar a casa. Ainda teve tempo de encontrar o padre, acertar o sepultamento para a manhã seguinte em Saboeiro e avisar os filhos e parentes sobre o ocorrido. Então partiu, na companhia do seu cachorro “Rompe Ferro”, a tirar vingança no que restasse.

Procurou rastros, inquiriu, meteu-se por entre moitas de cipós e trapiás até descobrir o paradeiro dos assassinos, um deles já morto pelo outro pela ambição de se apoderar dos objetos roubados. À sombra das frondosas ingazeiras, achou o outro bandido adormecido, amarrou-o com uma tira de couro e fez-lhe o que tão criteriosamente sabia fazer com os gatos.

Em “Os três enterros de Jasão”, Chico tripa, bebedor de cachaça, conta o caso de sua tia Mafalda e do marido, o inglês Jason Lewis, três vezes sepultado. Primeiro em



solene mausoléu no Rio de Janeiro, depois, em cemitério mais modesto, pois que Mafalda empobrecia vertiginosamente desde que lhe faltara o seu Jasã. Vendido o soberbo túmulo, desenterram o finado marido para que a viúva tivesse meios de sobreviver. Com o aumento da penúria, outra vez Jason foi desenterrado para a sobrevivência de Mafalda. Por fim, Chico Tripa ajuda a carregar, pela última vez, os restos mortais de seu tio, reduzidos a uma pequena caixa. No trajeto, entorpecido pela cachaça que bebera, se desequilibra e cai. A caixa vai de encontro a uma cruz de ferro do jazigo vizinho, espatifando-se, abrindo-se e derramando os fragmentos do esqueleto de Jasão, o morto viajor, ante a indignação da tia Mafalda, que sai "aos tabefes sobre o sobrinho".

Em "O homem que fez parar o trem", o velho coronel Pedro Gonçalves mostrou ao povo que "trem pára onde se quer quando se tem coragem e força". Ao tomar conhecimento de que a vaca de estimação de seu filho, a vaca Belinha, parideira e leiteira como nenhuma, fora atropelada pela locomotiva da recém inaugurada Estrada de Ferro de Mossoró, o Coronel enfezado, mandou pôr troncos de carnaubeiras sobre os trilhos e foi esperar a passagem do trem, na companhia dos três filhos, todos armados até os dentes. Em meio à curiosidade do povo que acorreu ao local, depois de fazer parar o trem, o Coronel, de rifle engatilhado, intima o maquinista a pagar-lhe cem mil reis pelo prejuízo. O diálogo resultante é dos mais jocosos. "Se parou agora, na volta, porque não parou quando veio?" Pergunta o fazendeiro. O maquinista tenta argumentar que, dependendo da marcha, não é possível frear, "o trem não estaca de sopetão, seu Coronel..." Mas o Coronel Gonçalves não aceita desculpas: "Não parou porque é fi-duma-égua. Só saímos daqui com o dinheiro, pra cadeia ou pro cemitério". Com que o dedo já esquentando no gatilho, só depois de obter o valor exigido é que permitiu que o trem prosseguisse viagem.

Em "Nicodemus, ajudador da morte", Manoel Trajano definha em sua fazenda Mocambo, na presença da família. Nicodemus, sinistra figura, alto, magro, face escaveirada, olhos fundos e ar severo, puxa reza na cabeceira do moribundo. Repete incessantemente "incelências" e ladainhas, "para não deixar o cristão morrer nas trevas". Chega o padre Domingos, com ar de desagrado ante a figura sombria do rezador. Depois de desfrutar do gordo café com que é recebido, (macaxeira e tapioca, passadas com manteiga de garrafa), o vigário reza pela remissão dos pecados do moribundo, unge-o com os santos óleos, olhando de esguelha para Nicodemus. Quando o padre se retira, "com o viático guarnecido de alguns cobres para a paróquia", Nicodemus retoma as rezas, recitando salmos, para, ao fim, abreviar, metodicamente, a agonia de Manoel Trajano.

As crônicas e contos de Coisas e Bichos tem a marca do humor negro, da reflexão sobre a tragédia humana, como "O Galo Branco", onde se vê a técnica de urdir a trama a partir de fragmentos, unidos ao final, na surpresa do desfecho. O autor logra envolver-nos emocionalmente no drama de Anastácio. Na sua comovente solidão, o misantropo Anastácio, viúvo bisonho, melancólico e maníaco, com seus sonhos povoados de súcubos, tinha por única companhia o galo branco. A miséria agravou-lhe de tal a vida, que era chegada a hora de vender o seu único amigo, o que equivalia a vender o que lhe restara da alma. A degradação extrema de sua vida resulta em

tragédia. O desespero e o vício o levam à inconsciência, ao mais mórbido estado da existência. As circunstâncias da vida de Anastácio seriam atenuante para o seu crime. A prova de tratar-se de caso de degeneração mental por quadro patológico se verifica pela própria reação sua, "deu um muxoxo de pouco caso", ao encontrar-se por entre as grades, num escuro quarto de paredes sujas com nomes porcos.

"Contraponto" é uma crônica que descreve a rotina mórbida do funcionário público de Brasília, sujeito às contingências da vida urbana e aos desígnios do tempo e do destino. "A toada melancólica das tardes" é um texto de prosa poética em que o autor fala das mongubeiras da superquadra verde em que habita e do prazer de ser despertado por bem-te-vis que cantam nas frondosas árvores. Nas harmonias desta pequena crônica José Helder canta um hino à vida, mas um hino melancólico, estigmatizado pela saudade que a cantiga do pássaro lhe provoca, levando-o a cogitar sobre a incerteza do humano existir. "O enforcado" é uma jóia lapidada, um caso tragicômico, no qual a melhor virtude é a surpresa do final, quando a expectativa cresce em face dos perigos que enfrenta Honorato, o vendedor de frutas que atravessa a serra à noite, com seus jumentos e a lambedeira empunhada contra eventuais ataques de onças. Dirige-se à cidade onde venderá na feira, no alvorecer, os frutos do seu trabalho agrícola. Na entrada da cidade, habituara-se a descansar à sombra do cajueiro, enquanto mão raiava a manhã. Entre os galhos mais altos da árvore armava uma tipóia e atrelava os jumentos na ponta de uma galho que varria o chão. Para quem se expõe aos perigos das estradas há sempre algo inesperado. No momento de desvendar termo da trama o autor cria um formidável clima de suspense em torno da aproximação de um grupo de homens que acorrera ao local de repouso de Honorato. Em "Piazza Navona" evoca o seu encontro com o poeta Murilo Mendes em Roma. Em "Enquanto pastam os cavalos" narra a estória do conluio sexual de um casal de camponeses enquanto caía copiosa e cúmplice chuva no sertão. Em "A jardineira" descreve como um velho chevrolet se transforma num canteiro de avencas em plena crise do petróleo. Outros tipos dignos de nota ressumbram neste álbum de evocações e fantasias de Coisas e Bichos. Figuras indeleveis da serra da Meruoca e do Massapê, como o velho Joaquim das Contendas, dono de um armazém, andarilho das estradas do Mulungu, braiando em seu cavalo ruço pelas quebradas da serra, rodeado de 10 filhos, alternando seus aconchegos com uma branca quarentona e com a jovem e faceira Adelina.

Em Crônica Sangrenta de um Amor Baldado o ficcionista narra a sinistra história da relação entre os jovens parentes João Milton e Cléia, cujo idílio se proíbe em razão do ódio que atinge as respectivas famílias, por motivos de política. O fato verídico, ocorrido na década de vinte no Ceará, é descrito com vigorosa linguagem, com nível mínimo de fabulação, para configurar uma "metáfora sobre intolerância e transformação", como revela o autor num breve prólogo. Ambientado em cidade interiorana e nas fazendas que ponteiam a serra da Meruoca, o enredo vai adquirindo força e tensão à medida em que os apaixonados personagens vêm frustradas as expectativas de namoro. Os Aguiar, família de Cléia, que atritam com os Ferreira de Vasconcelos, família de João Milton, mantêm a moça sob guarda para evitar que se encontre com o rapaz. Depois arranjam-lhe o noivado com um rival do namorado, a contragosto da jovem apaixonada. Prendem-na em casa, ante a insistência com que os

namorados desafiam a tirania paterna e a intolerância política. Por fim, celebrado o noivado para desgosto de Cléia, acontece "o que jamais se poderia esperar". As cenas do final do conto são de estarecedora violência, verdadeiramente atrozes, deixando no leitor um ressaíbio de angústia próprio das literaturas embebidas na vertente do naturalismo e do mais cruento realismo.

Os ensaios do livro De Mim e das Musas reúnem, além da verdadeira história do Cabo Plutarco, homenagens a grandes poetas que admira e lê (Neruda, Florbela Espanca, José Albano), cuja obra comenta apaixonadamente. Através dos comentários que tece sobre a obra destes poetas descobrimos a trilha que nos leva à vertente do seu pensamento. O que ele diz a respeito do livro Fin de Mundo, um dos últimos de Neruda, serve como referencial para o aprofundamento nas idéias políticas de José Helder. Ao declarar total empatia com o ideário nerudiano, comenta o tom de melancolia que impregna a obra do grande poeta chileno e analisa o inventário histórico-poético das contradições brutais do século XX, que Neruda apresenta nos poemas. Neruda verbera contra as trágicas atitudes do homem da "idade da cinza", pela incidência de guerras, a bomba que calcinou homens, insetos e peixes e fomentou o medo como nosso pão de cada dia. Acusa as bestas apocalípticas do fascismo, denuncia a tragédia do Vietnam, (considera o massacre feito pelo exército norte-americano uma deshonra para os Estados Unidos). O século XX viu nascer a "usina total de la muerte", a bomba atômica com a qual mataram cem mil japoneses e ameaçam o resto do mundo, colocando-a sobre as cabeças de todos os habitantes do mundo. É interessante notar que Neruda faz também a auto-crítica do socialismo, lamentando os erros de Stalin, a "Primavera de Praga", o culto da personalidade de Mao Tse Tung. Declara a repugnância à violência como instrumento de política, deplorando o terrorismo, o homicídio, atitude brutal adotada tanto pela esquerda quanto pela direita. Denuncia a escravidão dos povos, através do colonialismo, pelas potências capitalistas. Pela maneira como expõe o pensamento de Neruda se vê o quanto José Helder se identifica com as idéias do poeta chileno, que ele chama de "visionário, com capacidade de absorver a realidade, a ponto de vê-la além do comum dos homens".

A respeito de Florbela Espanca, refere-se ao sucesso da canção que Fagner fez para o poema "Fanatismo" da poeta portuguesa, "um derramamento da alma e da paixão desta mulher delicada e bela a sofrer de amor e a cantar suas dores em elaborados sonetos". Lembra que José Régio se dissera admirador de sua poesia viva, espontânea, confessional. Falava de sua voluptuosidade. José Helder mostra que o sucesso musical alcançado pelo cantor cearense exemplifica que a poesia, quando boa, toca os sentimentos e o coração do povo. A grande aceitação popular do soneto de Florbela comprova que a poesia só não é apreciada quando não é bem difundida pelas editoras e pelos meios de comunicação social. De resto, lembra a identificação milenar entre poesia e música, desde os ditirambos gregos cantados ao som de flautas e avenas rudes.

De José Albano, o formidável discípulo de Camões, traça um perfil biográfico, louva-lhe a dicção clássica, a erudição, o conhecimento de vários idiomas que lhe permitia ler poetas gregos e latinos no original, a autenticidade de sua poesia, tanto nos

temas épicos “Alegoria” e “Triunfo”, quanto no êxtase místico da “Comédia Angélica”. Os seus admiráveis sonetos, inspirados no amor a Deus e na sua busca de um ideal de intemporalidade, cheios de desencanto e melancolia, fazem de José Albano um dos grandes místicos da literatura de língua portuguesa.

Depois de render homenagem aos três grandes poetas universais já citados, Helder se volta para o âmbito da intimidade e homenageia também alguns de seus grandes amigos, entre os quais o inesquecível Antônio Girão Barroso, Milton Dias, criador das primorosas estórias sobre as cunhãs, (empregadas de casas burguesas, tipos populares cheios de graça e encanto), e Francisco Carvalho, fecundo construtor de metáforas, cuja amizade cultivava desde o ano de 1953, tempo em que se iniciavam nas letras. Refere-se ao merecido prêmio conquistado por Francisco Carvalho, na 1ª Bienal Nestlé de Literatura, com o livro “Memorial de Orfeu”.

Demonstrando apreço e estima por Antônio Girão Barroso, a quem chama de “Girãozinho” e “figura chapliniana do nosso bem-querer”, José Helder recorda-lhe momentos marcantes da vida, comenta-lhe alguns poemas e peripécias. Ressalte-se que o texto foi escrito quando Girão ainda se encontrava neste nosso mundo. Se fora nos dias atuais, certamente teria extravasado ainda maior emoção em seu depoimento sobre aquele que foi em vida um de seus maiores amigos. Pioneiro do modernismo no Ceará, editor do jornal José, a genialidade de Girão consiste em haver criado versos de graça singela, tais como – “Maria, na doce paz azul/deste poema sem lágrimas/quero ofertar-te rosas /e não versos”. Lembra José Helder a fase em que Girão morou em Brasília, nos fins dos anos 60, começos dos anos 70, e o período em que chegou a criar uma cooperativa de escritores, e uma livraria, que só deu prejuízo, pois os fregueses esqueciam de pagar e o dono nunca se lembrava de cobrar. Ao referir-se sobre a geração de 45, na qual uns críticos tentaram incluí-lo, Girão, com seu constante senso de humor, fazia blague ao dizer que “se ela existiu não soubemos na época, o que não deixa de ser lamentável”.

Na “Carta aos Acadêmicos”, escrita no ensejo de ter sido eleito membro correspondente da Academia Cearense de Letras, Helder se refere ao tempo das lides jornalísticas como uma fase que lhe roubou parte do tempo que pretendia dedicar às letras. As premências do ofício como que justificam a extensão de sua obra. “Diluía-me no reles e afanoso trabalho de jornal, na busca de uma sobrevivência digna”. O cuidado que sempre devotou à qualidade do que escreve reflete o seu compromisso com a arte da palavra: “sobretudo dominava-me o medo de escrever vulgaridades, escrever textos pobres, sem cuidado e arte, como cuidadoso e artístico deve ser o que se fez e se faz em prosa e em poesia”.

Sob pretexto de comentar um livro de sonetos de Cláudio Martins, escreve sobre esta forma de poema cultivada desde a Renascença, por Petrarca e Dante e utilizada por todos os grandes poetas do modernismo brasileiro, não obstante a expressa aversão que manifestaram “às grades do formalismo”. Manuel Bandeira, que ironizava os parnasianos no poema “Os Sapos”, falando de quem “reduz a fôrmas a forma”, foi autor de trinta e três sonetos. Drummond fez 29 deles. Também Jorge de Lima, Vinícius de Moraes, Dante Milano, Mário Quintana e quantos outros foram cultores dos tradicionais quatorze versos metrificados e rimados.

Ao citar um artigo do escritor argentino Horácio Armani sobre o problema editorial na Argentina, constata a semelhança com o que se verifica no Brasil. Embora seja enorme a quantidade de gente que escreve poemas, as edições de novelas costumam ser em número vinte vezes maiores que as de poesia. Dos 500 exemplares que se publica, descontados os presenteados pelo autor aos amigos e jornais, sobram quase trezentos. Cria-se assim um círculo vicioso que começa pelo preconceito dos editores e livreiros e vai até às redações de jornais e revistas onde se acumulam montanhas de livros recebidos. "Se não há livros de poesia à venda, não pode haver compradores; não há editor por não haver distribuidor, nem há consumidor por falta de divulgação". Pergunta então por que não se divulga poesia pela televisão e pelo rádio. Por que não se publica mais poemas em revistas e jornais? Por que não se ensina e não se lê mais poesia nas escolas, ginásios e faculdades? Lia-se mais quando não havia o demônio fascinante da televisão. Também o hermetismo de alguns poetas, de poesia obscura, contribui para que as pessoas percam o interesse pelo que se escreve no gênero. "Para que comprar um livro de palavras indecifráveis, frases retorcidas, metáforas ininteligíveis?" Nesse sentido, o ideal literário de José Helder é "fazer-se entender da maneira mais clara possível e transmitir suas percepções do mundo, das criaturas, e das coisas". Em sua concepção, o escritor deve "descrever os seres, o que eles sentem ou sofrem, os homens e as coisas de nossa terra, do nosso meio". Agrada-lhe "uma literatura que espelhe os sentimentos, os anseios de cada povo sem se transformar em panfleto". Por exemplo, a verdade com que Garcia Lorca canta o seu povo andaluz, ou a encantatória beleza com que Neruda pede silêncio para que o trigo nasça e desperte o lenhador.

Poetas há, de postura olímpica, que não se dignam a olhar para os colegas se aproximam de seus altos coturnos, e nem sequer dignam-se a uma breve verificação ou manuseio de seus "livrinhos". Para ser aceita pelos leitores, "a poesia deve propender para o popular, sem ser demagógica, sem descer a condenáveis concessões ao gosto vulgar, revelando originalidade no trato dos temas, uma poesia reveladora de situações humanas". Para arrematar o dito, cita Bécquer: "enquanto existir uma palavra formosa, haverá poesia".

Na sua visão existencialista, o homem religioso, cuja moral se baseia na lei revelada, põe freio nas suas ações apenas pelo medo de ser castigado. Porém o existencialista vive com uma consciência mais plena do sentido moral da vida, por acreditar nos princípios éticos, saber que é preciso obedecer determinadas normas para se viver em sociedade. De modo geral os filósofos materialistas têm uma concepção ética absoluta, aferram-se a moral. Por isso José Helder acredita que ser mais fácil um religioso cometer um pecado, porque sabe que amanhã será perdoado, do que um materialista, cuja consciência sentirá até o fim da vida a dor do mal que fez a outrem. "O católico faz suas asneiras, vai aos pés do padre, conta o pecado e é absolvido. Acha que está perdoado e já não sofre. Já o materialista, que tem mais apego à moral, à ética, não conhece o perdão de outra autoridade além da própria consciência. O seu sentido de justiça é implacável, a menos que ele acabe perdoando-se, mas em geral jamais se perdoa. Portanto, procura não cometer erros para não ter que sofrer sempre as

acusações de sua própria consciência”.

Na sua visão humanista, é dever de todos os homens melhorar a vida do povo, preocupar-se com a existência dos outros. Se a humanidade quisesse realmente, já teria minorado os problemas de fome e miséria nos países menos desenvolvidos, inclusive em certos lugares no Brasil. "É muito injusto lançar-se foguetes caríssimos na atmosfera, enquanto na Etiópia tem gente morrendo de fome". Como se viu no já citado "Soneto da Intemporalidade e da Esperança" bem como em outros textos seus, José Helder não exclui a idéia de evolução humana no sentido ético. A falta de consciência da humanidade, principalmente da sociedade capitalista, demonstra que o homem ainda vive um estágio inferior de sua evolução. É ridículo sonhar em conhecer outros planetas enquanto tem gente passando fome em diversos países da Terra. Na verdade, os programas espaciais se prestam sobretudo à fabricação de tecnologias para a sofisticação de armamentos. Ora, desse jeito não se vai a lugar nenhum. Nem a Maranguape.

Com o crescimento da população mundial, a solidariedade se torna cada dia vital para a humanidade. So o sentimento de repartir o pão e dar oportunidade pode tornar a vida menos terrível. Os governantes deveriam entender que toda ação dirigida no sentido de reduzir a miséria e a injustiça resulta em seu próprio benefício. O sistema socialista da URSS fracassou porque a União Soviética não fazia grandes investimentos no social, a não ser em educação e saúde. O programa espacial caríssimo foi desagregando e o edifício ruiu. Espera-se que ressurgja um socialismo com bases mais humanistas, sem a ditadura, sem a força militar, a intenção bélica, a obsessão de produzir armas. Um socialismo pacífico e democrático, e mais aperfeiçoado que este que existe agora, de estilo europeu. Quase toda a Europa hoje é socialista, está experimentando um sistema com forte investimento no campo social, um socialismo sem Stalin, num regime democrático em que se elegem pessoas, sem a imposição de ditadores. Os hipócritas se negaram sempre a acreditar nessa possibilidade, mas esta experiência se está provando que é praticável. Mas o cenário político europeu revela ainda um sistema híbrido, ainda precário, que esperamos se aperfeiçoe. Há desemprego, concorrência desleal, propaganda massiva na televisão, manipulação da opinião pública, superdimensionamento do poder econômico e prevalência da usura. Contudo, pelo menos se dá certa atenção à educação e à saúde. O eleitor desses países votou conscientemente no socialismo. Os candidatos diziam-se socialistas e apresentavam pontos programáticos de socialismo, sem acabar com o capitalismo. Mas hoje em dia estão ocorrendo outros fenômenos estranhos, como essa derrocada da economia em toda parte, o desemprego. A Alemanha é socialista, mas não deixa de ter desemprego, de ter descalabro social, e todas as mazelas que esperamos se consiga debelar dentro de um conceito social democrata. E não podemos deixar de acreditar sinceramente nessa possibilidade. No século XVIII, quem diria que se acabaria a grande miséria na França? O rei foi degolado e imposto um regime diferente, que desenvolveu a cultura do povo, melhorou a economia e a vida. Veio a República e na maioria dos países europeus desenvolveu-se a democracia. Houve acidentes, como em Portugal e na Espanha, em que a democracia foi tomada por dois tiranos em longa fase, mas a democracia venceu e Portugal é hoje um país que até manda dinheiro para o

Brasil. Já o problema brasileiro é mais complexo. Vem de longa data o descaso com que se trata a educação. Temos uma grande parte da população de analfabetos e isso prejudica o projeto de se edificar um estado social e politicamente democrático. Esse é um dos fatores do retardamento do desenvolvimento brasileiro e da grande pobreza existente. No Nordeste a situação é difícil... A não ser que houvesse uma revolução como a francesa, que dividisse os latifúndios... Tem sujeitos que tem fazendas do tamanho de uma cidade, nas quais o trabalhador quase nada produz e com isso não pode haver progresso. Terras abandonadas, improdutivas, onde mora gente miserável, analfabetos, infelizes, doentes.

José Helder pensa que, ao contrário do que temiam os militares em sua paranóia belicista, se João Goulart tivesse podido manter um socialismo em 64, não teria acontecido nada de mais. Jango não tinha nenhuma proposta socialista. Ele procurou se apoiar no que seria o socialismo, nos partidos socialistas, no PSB e outros. Mas já havia percebido que não tinha possibilidade de fazer nada e que ia ser apeado. A burguesia paulista estava desconfiada, como ainda hoje desconfia do Lula e não permite que se modifique muito as coisas no Brasil. Além disso ele não era um bom político, era resultado híbrido do trabalhismo. O erro maior foi dos militares, deviam tê-lo deixado lá, até que em 1965 Juscelino voltasse nos braços do povo, eleito por grande maioria. Mas os militares deram o golpe exatamente para evitar que JK voltasse. A antipatia dos militares por Juscelino aumentou com as ligações do Castelo Branco com os americanos. O general Vernon Walter era quem mandava no Brasil. Juscelino fez uma política externa independente de 56 a 60 e os americanos não tinham interesse num Brasil pensando por si mesmo. Tanto que haviam mandado navios para costa do Espírito Santo. Foi uma pena o que aconteceu com Juscelino, sem dúvida o único estadista em toda a nossa história. Com a obra portentosa de Brasília, ele redescobriu o Brasil.

Quando José Helder chegou a Brasília, o então povoado de Formosa, de criadores de gado, chamado "Currais de Formosa dos Couros", a cento e poucos quilômetros, era uma corrutela. Hoje é uma cidade com edifícios de vários andares, centros comerciais, indústrias, etc. A Belém-Brasília cortou o Brasil de norte a sul, consolidando o progresso do Centro-Oeste e o ligando ao Norte. E a própria burguesia paulista foi quem mais se beneficiou do governo de Juscelino. Vendeu o material para construir Brasília, ampliou seu mercado nessas cidades que não existiam economicamente. Luziania e Anápolis são exemplos disso. De vilas em torno de uma praça da matriz passaram a centros de desenvolvimento, com grandes estabelecimentos comerciais e pessoas com alto poder aquisitivo. Tudo isso foi resultado do governo do Juscelino. Entre outras realizações do Juscelino, a estrada que sai de Brasília na direção de Formosa e vai até o Nordeste, levando riqueza para aquela região. Em Minas Gerais também há centenas de obras de Juscelino, que foi um modelo de estadista. Sua capacidade política e administrativa o tornou o maior Presidente que o Brasil já teve. Ele seria o governante ideal a partir de 1965.

José Helder diz que, embora eleitor de candidatos socialistas, fez campanha e votou em Juscelino. Recorda que, quando distribuía panfletos na esquina da Rua México, no Rio de Janeiro, os partidários do Juarez Távora, "o maior retrógrado que o

Brasil já teve", jogavam bombinhas de ácido sulfúrico para afastar os militantes da esquerda. Apesar do horrível cheiro, os militantes aguentaram e fizeram o seu trabalho.

Em sua opinião, o que importa não é a inclinação ideológica do político, mas a sua capacidade de governar, sendo fiel a princípios de ética e com a visão do estadista. Juscelino foi um bom político em toda acepção. Começou como Prefeito, modificou Belo Horizonte, elegeu-se Governador e deu outra grande contribuição para o desenvolvimento de Minas Gerais. Seria reeleito Presidente, se não tivessem dado o golpe, que foi em cima do João Goulart, mas foi também contra ele. Além disso, Juscelino foi honesto. Consta que saiu do governo na mesma situação financeira com que entrou. Ligou São Paulo ao Brasil Central, ligou Minas Gerais ao Brasil Central. Só isto é de um significado imenso, porque ampliou o mercado, criou mercado onde não havia. E cumpriu o que havia prometido: fazer o Brasil crescer 50 anos em 5. José Helder lembra que, numa entrevista, disse Israel Pinheiro, ao referir-se ao plano de governo de Juscelino: "Vamos asfaltar a Belém-Brasília e vamos criar agrovilas em certo espaço e faremos a reforma agrária". Isso não podia agradar nem americano, nem burguesia, nem latifúndio. Ele ia modificar o interior do Brasil, se pudesse ser reeleito em 1965. Durante o governo dele o país gozou de plena democracia. No parlamento, na imprensa, em toda a vida nacional. Não houve um deslize, não houve uma imposição, nada que se enumere como coisa negativa. O único que diziam é que ele era mulherengo, mas isso todos nós queremos ser.

Assim, a posição política de José Helder não é radical, já que entende que o poder pode ser ocupado por uma pessoa que não seja estritamente socialista, desde que tenha uma contribuição a dar, como bom governante, como foi o caso de Juscelino. O socialismo é uma trilha política que pode ser desempenhada por um não socialista. Não precisa ser dogmático. Muitos socialistas fracassaram. O último governo do Miguel Arraes, em nome do PSB, foi um desastre. Tanto é que ele não foi nem reeleito.

A seu ver, todo homem é político, qualquer que seja o seu ramo de atividade profissional. "Minha política está na poesia também", diz ele. Em sua vida, poesia e política se fundem numa unidade e não há preponderâncias. Já não existe o nefelibata, o homem da torre de marfim. Aliás nunca existiu. Cita o caso de Olavo Bilac, grande poeta, que também era político. Fez política contra a escravatura, pela República. Não há incompatibilidade entre política e poesia. Há poemas seus que são políticos, não partidários ou panfletários. Refletem um pensamento político, de preocupação com a humanidade, com o ser humano. Apesar de sua opção pela esquerda, nunca pertenceu a partido, nunca filiou-se ao Partido Comunista. Apenas tinha afinidade com os ideais do partido e trabalhou para ele. Aliás, os militantes não faziam muita questão que o sujeito entrasse no "clube" deles. Achavam que só eles eram comunistas. Os mais sectários tinham até certo preconceito em relação a artistas, ou poetas que desviavam a atenção dos temas especificamente políticos para outros assuntos, como a publicação da obra literária, o erotismo ou a estética como um fim em si. Eles, na maioria, eram rígidos, eram quase beneditinos, pareciam frades. O comunista tinha que dormir cedo para acordar cedo e trabalhar. Não tinha esse negócio de comunista boêmio. Tinha de haver disciplina como na caserna. Mas se José Helder nunca se filiou, também nunca brigou, nunca rompeu com o pessoal do Partido, ao contrário de alguns figurões que



vascilaram e viraram a casaca, só para dar uma satisfação à direita, apresentando-se com ex-colaboradores do Partido. Gente que fica sempre do lado do mais forte. Quando sente que determinado grupo vai tomar o poder, pende pro lado que vai ganhar. É a política das “raposas”, que ficam na moita e saltam de um lado pro outro, de acordo com as conveniências. Os caras que vão a público renegar o seu passado fazem toda uma encenação hipócrita. José Helder acha que, se é uma questão de consciência, não há necessidade fazer tanto alarde. Se o elemento não tem mais atividade dentro do partido, não precisa sair dizendo a todo mundo, a não ser para tirar proveito da nova posição. Há exemplos bem atuais desse tipo de gente que atua na política brasileira. Não precisa nem citar nomes...

Em sua opinião, Luiz Carlos Prestes foi um político correto. Manteve a sua coerência até os seus 80 e tantos anos. Sofreu, foi perseguido, não teve vida. A maior parte de sua vida foi fugindo ou encarcerado. Mas não arredou o pé, ficou lá, manteve-se firme, enquanto muitos bateram em retirada e saíram por aí, anunciando aos quatro ventos a sua nova crença.

A idéia de verdadeiro homem para José Helder é essa. A do sujeito competente como Juscelino e lutador como Prestes. O homem que luta e trabalha até o fim por seus ideais, sem esquecer o bem dos seus semelhantes. Como o poeta demonstra neste seu depoimento, que aqui registro, o ceticismo em matéria de religião apenas ressalta sua crença na capacidade humana de criar, de modificar a si mesmo e ao mundo circundante. Embora acuse as grandes injustiças cometidas pelos tiranos em todos os tempos, sua mensagem é de otimismo no futuro da humanidade, porque acredita que "sempre surgirá um homem novo, uma sociedade nova depois de crises políticas e sociais".